

Referências bibliográficas

AGUILERA, Fernando Gómez. **As palavras de Saramago**. SP: Companhia das Letras, 2010.

AGUDELO, Fernando Silva. **La Violencia: un problema de salud pública que se agrava en la región**. Boletín Epidemiológico de la OPS, 11: 01-07, 1990.

_____. **Violencia y/o Salud: Elementos Preliminares para Pensarlas y Actuar**. Washington, DC: PAHO/OMS. (Mimeo.) 1989.

AUSTIN, John. L. **How To Do Things with Words**. Cambridge: Harvard UP 1962 [1955].

ATINKSON, Paul; SILVERMAN, David. **Kundera's Immortality: The Interview Society and the Invention of the Self**. Qualitative Inquiry. V3, pp. 304-25. 1997.

AZEVEDO, Maria Amélia; GUERRA, Viviane N. de Azevedo. (Orgs.). **Crianças Vitimizadas: A Síndrome do Pequeno Poder**. São Paulo: Iglu, 1989.

BADINTER, Elizabeth. **Um Amor Conquistado: o Mito do Amor Materno**. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1981. Título original: *L'Amour en Plus*, Paris: Flammarion, 1980.

BAKER, Carolyn D. Membership categorization and interview accounts. In: SILVERMAN, David. **Qualitative Research: theory, practice and method**. Pp. 162-176. London: Sage, 2004.

_____; JOHNSON, Greer. Interview Talk as Professional Practice. In: **Language and Education**. Vol 12, N° 4, pp. 229-242. London/New York: Routledge, 1998

_____. Ethnomethodological Analyses of Interviews. In: GUBRIUM, J., F.; HOLSTEIN, J. A. **Handbook of Interview Research**. Thousand Oaks: Sage, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. (Voloshinov). **Estética da Criação Verbal**. SP: Martins Fontes (3ª.ed), 2000.

_____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Versão utilizada: tradução, 1999. Hucitec. (9ª ed.), 1999 [1929].

_____. **The Problem of Speech Genres. Speech Genres and other late essays**, Ed. by Caryl Emerson and Michael Holquist, trans. by Vern W, McGee, 60-102. Austin: The University of Texas Press, 1986 [1952-3].

BAKHTIN, Mikhail. **Speech genres and other late essays**. C. Emerson and M. Holquist (Eds., V. W. McGee, Trans.), Austin, TX: University of Texas Press, 1986.

_____. **The Dialogic Imagination** Ed. Holquist, M, Trans. Emerson, C. and Holquist, M. Austin: University of Texas Press, 1981.

BAMBERG, Michael; GEORGAKOPOULOU, Alexandra. Small Stories as a new perspective in narrative and identity analysis. In: **Text and Talk: An interdisciplinary journal of language, discourse & communication studies**. Edited by Srikant Sarangi, vol. 28-3. Pp. 377-396. Mouton de Gruyter: Germany, 2008.

_____. **Stories: Big or Small**. Why do we care? Narrative Inquiry, 16:139-47, 2006.

_____. De FINNA, Anna; SCHIFFRIN, Deborah. **Selves and Identities in Narrative and Discourse**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co., 2007.

_____. Construindo a masculinidade na adolescência: posicionamentos e o processo de construção da identidade aos 15 anos. In: MOITA LOPES, L P e BASTOS, L C. **Identidades: Recortes multi e interdisciplinares**, p.149-185. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

_____. Is there anything behind discourse? Narrative and the local Accomplishments of identities. In: MAIERS, W., BAYER et alii (eds.). **Challenges to theoretical psychology**. Nova York, Ontário: Captus University Publications, 1999.

_____. **Positioning between structure and performance**. Journal of Narrative and Life History, 7, 335-342, 1997.

BANGE, Pierre. **Analyse Conversationnelle e Théorie de L'Action**. Paris: Didier, 1992.

BASTOS, Liliana Cabral. **Diante do sofrimento do outro – narrativas de profissionais de saúde em reuniões de trabalho**. CALIDOSCÓPIO. Revista de Lingüística Aplicada. Vol. 6, n. 2, p. 76-85, mai/ago. São Leopoldo, Rio Grande do Sul: UNISINOS, 2008.

_____; OLIVEIRA, Maria do Carmo Leite de. Identity and personal/institutional relations: people and tragedy in a health customer service. In: De FINA; A.; D. SHIFFRIN; M. BAMBERG. (Org.).. (Org.). **Discourse and identities**. Cambridge: Cambridge Univeristy Press, 2006, p. 188-212.

_____. **Contando histórias em contextos espontâneos e institucionais – uma introdução ao estudo da narrativa**. CALIDOSCÓPIO. Revista de Lingüística Aplicada. V. 3, n. 2, p. 74-87, mai/ago. São Leopoldo, Rio Grande do Sul: UNISINOS, 2005.

_____. **Narrativa e Vida Cotidiana**. Scripta, vol 7, no. 14, p. 118-127, 2004

BASTOS, Liliana Cabral; OLIVEIRA, Maria do Carmo L. **Contemporary Portuguese career trajectories in Brazil**. Comunicação apresentada no XII Congresso da AILA, Cingapura, dezembro de 2002.

_____. **Estórias de mulheres e de homens: narrativa, sexo e construção de identidade**. The ESpecialist, v. 20, 1, p.17-29, 1999.

_____. **Uma estória e duas conversas.** PaLavra 3, PUC-Rio, p.55-60, 1995

BASTOS, Liliana C. ; OLIVEIRA, Maria do Carmo L. ; PEREIRA, Maria Graça. D. Faces Institucionais Em Conflito - Análise de Um House Organ. The Specialist, Puc - São Paulo, v. 15, n. 1/2, p. 21-35, 1994.

_____. **Repetição no discurso: criando estilo e coerência.** Comunicação apresentada no I Seminário de Linguística da UERJ, Rio de Janeiro, 1992.

BATESON, Gregory. A theory to play and fantasy. In: **Steps to an ecology of mind.** N.Y.: Ballaitine Books, 1972

BAUMAN, Richard; BRIGGS, Charles L. **Poetics and Performance** as Critical Perspectives on Language and Social Life. Annual Review of Anthropology, Vol 19, pp. 59-88, 1990.

BAUMAN, Richard. **Story, performance, and event:** contextual studies of oral narrative. Cambridge: CUP: 1986.

_____. **Verbal Art as Performance.** Prospects Heights, IL: Waveland, 1977.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo:** a transformação de pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

_____. **Liquid Modernity.** UK: Polity Press, 2000.

_____. **Globalização.** As Conseqüências Humanas. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1999.

_____. **Modernidade e ambivalência.** Rio de Janeiro: Zahar, 1999

BECK, Ulrich.; GIDDENS, Anthony.; LASH, Scott. **Modernização reflexiva:** política, tradição e estética na ordem social moderna (trad. Magda Lopes). São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A Construção social da realidade. Tratado de sociologia do conhecimento.** Petrópolis: 4ª ed. Vozes, 1978.

BEZERRA Jr., B. Narratividade e construção da experiência subjetiva. In: **Psicanálise e Universidade.** Temas Conexos. Belo Horizonte: Passos Editora, 1999.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. **A reprodução.** Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Lei Federal 8069 de 13/07/1990. SP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **Violência intrafamiliar:** orientações para a prática em serviço. (Caderno de Atenção Básica, 8) Brasília: Ministério da Saúde, 2002. Site: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd05_19.pdf, acessado em 10 de fevereiro de 2011.

- BRUNER, Jerome. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1997.
- _____. **Life as Narrative**. *Social Research*. 54: 11-32. 1987.
- _____. **Actual minds, possible words**. Cambridge, MA: Harvard University Press. 1986.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- _____. **Excitable speech: a politics of the performative**. New York and London: Routledge, 1997.
- _____. **Bodies that matter: on the discursive limits of sex**. New York: Routledge, 1993.
- _____. **Performative Acts and Gender Constitution: An Essay in Phenomenology and Feminist Theory**. *Theatre Journal*. Vol 40, N.4, pp. 519-531, John Hopkins University Press, 1988
- CAMARNADO, Dráusio Vicente Jr; VILLELA, Wilza Vieira. BIS - **Boletim do Instituto de Saúde, nº 33**. São Paulo: Instituto de Saúde, 2004.
- CARBAUGH, Donal. Positioning at Display of Cultural Identity. In: **Positioning Theory: Moral Contents of Intentional Action**. Oxford: Blackwell, 1999.
- Cartilha sobre Bullying. Projeto Justiça na escola. Conselho Nacional de Justiça. Brasília: FMU, 2010. Pesquisado no site: http://www.cnj.jus.br/images/Justica_nas_escolas/cartilha_web.pdf. Acesso em novembro de 2010.
- Carta dos Direitos da Família. Conselho Pontifício para a Família, 1983. Informação extraída da internet, no site: <http://diocesedecoimbra.pt/sdpfamiliar/documentocartadosdireitosdafamilia.htm>. Acessado em novembro de 2010
- CHAUÍ, Marilena. **Ensaio: Ética e Violência**. Revista *Teoria e Debate*, ano 11, nº 39, 1998.
- _____. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 1996.
- CHAUÍ, Marilena. **Participando do debate sobre mulher e violência**. In: **Perspectivas antropologias da mulher, n.04. Rio de Janeiro, Zahar, 1984**.
- Código Penal do Brasil** criado pelo [decreto-lei nº 2.848](#), de [7 de dezembro de 1940](#)
- COSTA, Jurandir F. **Violência e Psicanálise**. 2º ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- _____. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro, Editora Graal, 1989.
- CRAMI - **Centro Regional de Atenção aos Maus-Tratos na Infância**. Fundado em 12 de outubro de 1988. Documento de Divulgação. Campinas: Crami. (Mimeo.), 1992.

CUNHA, José Ricardo. **Direitos Humanos e Justiciabilidade**: Pesquisa no Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro. Revista Internacional de Direitos Humanos: SUR v. 2, n. 3, 2005

DAVIES, Bronwyn & HARRÉ, Rom. **Positioning**: the discursive production of selves. Journal for the Theory of Social Behaviour, 20(1). Pp. 43-63. 1990.

DE FINA, Anna; GEORGAKOPOULOU, Alessandra. Narrative analysis in the shift from text to practices. In: **Text and Talk**: An interdisciplinary journal of language, discourse & communication studies. Edited by Srikant Sarangi vol. 28-3. P. 275- 282. Mouton de Gruyter: Germany, 2008.

_____. Group identity, narrative and self representations. In: **Discourse and Identity**. Cambridge: CUP, 2006.

DENISOV, V. **Violencia Social**: Ideologia y Politica. Moscou: Progreso, 1986

DESLANDES, Suely Ferreira. **Guia de atuação frente a maus-tratos na infância e na adolescência**. Orientações para pediatras e demais profissionais que trabalham com crianças e adolescentes. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

_____. **Prevenir a violência** – um desafio para profissionais de saúde. Rio de Janeiro: FIOCRUZ / ENSP / CLAVES, 1994.

DOMENACH, Jean-Marie. La violencia. In: **La Violencia y sus Causas** (A. Joxe, org.), pp. 33-45, Paris: Unesco, 1981.

ECA- **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei 8.069 de 13 de julho de 1990. Prefeitura do Município de São Paulo. SP: Imprensa oficial de São Paulo, 2008.

ERICKSON, Frederick. Qualitative Methods in Research on Teaching. In: WITTRICK, M.C. (org.) **Handbook of Research on Teaching**. Macmillan. Pp. 119-161, 1986.

FABRÍCIO, Branca F. Lingüística aplicada como espaço de desaprendizagem. In: MOITA LOPES, L. P. **Por Uma Lingüística Aplicada Indisciplinar**. SP: Parábola Editorial, 2006.

_____; MOITA LOPES, Luiz Paulo. Identidades em cheque e narrativas contemporâneas. In: **A Questão Social no Novo Milênio**. VIII Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra, 2004.

_____. **Implementação de Mudanças do Contexto Educacional: discursos, identidades e narrativas em ação**. Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem. Riode Janeiro: PUC, 2002.

FAIRCLOUGH, Norman; WODAK, Ruth. Critical Discourse Analysis. IN: Van Dijk, T.A. (Ed.). **Discourse as social interaction**. London: Sage, 1997

_____. **Discurso e Mudança Social**. Versão utilizada: trad. Izabel Magalhães. Brasília: Editora UNB, [1992] 2001.

FONSECA, Márcio Alves da. **Michel Foucault e o Direito**. São Paulo: Max Limonad, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, [1979] 2002.

_____. **Vigiar e Punir**. Petrópolis-RJ: Vozes, [1975] 2002.

_____. **A Ordem do Discurso**. (Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio). 7ª. ed. SP: Edições Loyola, [1971] 2001.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert. & RABINOW, Paul. **Michel Foucault**. Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. P. 231-249. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. **Technologies of the Self**. Amherst: University of Massachusetts Press, 1988.

_____. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

FREUD, Sigmund. Reflexões para os tempos de guerra e morte. In: **Obras Completas de Sigmund Freud**. Pp. 311-339, Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FRIEDMAN, Stanford Susan. **Border Talk, Hybridity, and Performativity: Cultural Theory and Identity in the Spaces between Difference**. Eurozine (online journal based in Vienna), 2002.

GARCEZ, Pedro M. Deixa eu te contar uma coisa: o trabalho sociológico do narrar na conversa cotidiana. In: RIBEIRO, Branca Telles; LIMA C.C; LOPES DANTAS, L.T. (Orgs.). **Narrativa, identidade e clínica**. PP. 189-213. Rio de Janeiro: Edições IPUB-CUCA (Instituto de Psiquiatria, UFRJ), 2001.

GEORGAKOPOULOU, Alexandra. Positioning self and other in small stories. In: **Small Stories, Interaction and Identities (Studies in Narrative)**. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2007a.

_____. Small and large identities in narrative (inter)action. In: **Small Stories, Interaction and Identities (Studies in Narrative)**. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2007.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, [1959] 2005.

_____. Footing. In: RIBEIRO, B. T. e GARCEZ, P. (orgs.). **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

_____. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. **Sociolinguística Interacional**. (orgs.) São Paulo: Edições Loyola, 2002a

_____. Introduction. In: GOFFMAN, E. **Forms of talk**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.

_____. The frame analysis of talk. In: GOFFMAN, I. **Frame Analysis: an essay on the organization of experience**. NY: Harper and Row, 1974.

_____. **Interactional Ritual essays on face to face behavior**. New York: Panteon, 1967.

_____. **Asylums: Essays on the Social Situation of Mental Patients and Other Inmates.** Garden City, NY: Doubleday, 1961.

GOMES, Romeu; DESLANDES, Suely Ferreira; VEIGA, Márcia Mota; BHERING, Carlos; SANTOS, Jacqueline F. C. **Por que as crianças são maltratadas?** Explicação para a prática de maus-tratos infantis na literatura. Cadernos de Saúde Pública, v. 18, n. 3, p. 707-714. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002.

_____; JUNQUEIRA, Maria de Fátima Pinheiro da Silva; SILVA, Cristiani de Oliveira; JUNGER, Washington Leite. **A Abordagem dos Maus-Tratos** contra a Criança e o Adolescente em uma Unidade Pública de Saúde. V. 7, N. 2, p. 275-283. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro: ABRASCO, 2002.

_____. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. (org) **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade.** Pp. 67-80, Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

GUMPERZ, John. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P.(org.) **Sociolinguística interacional.** (cap 6), p. 149. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

GUMPERZ, John. **Discourse strategies.** Cambridge: CUP, 1982.

GUBRIUM, Jaber F.; HOLSTEIN, James A. (eds). **Postmodern Interviewing.** USA: Sage Publications, 2003.

_____. **The self we live by.** Narrative identity in a postmodern world. New York, OUP, 2000.

HALL, Stuart. New ethnicities. In: MORLEY, D e CHEN, Kuan-Hsing (orgs.), **Stuart Hall - Critical Dialogues in Cultural Studies,** p. 441-449. London/New York: Routledge, 1996.

_____. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 3ª ed., R.J.: Editora DP&A, 1999.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Império.** Tradução: Berilo Vargas, 6ª. ed. SP: Record, 2004

HARRÉ, Rom; van LANGENHOVE, Luk. The Dynamics of Social Episodes. In: HARRÉ, R e van LANGENHOVE, L.. **Positioning Theory: Moral Contents of Intentional Action.** Oxford: Blackwell, 1999.

_____. Positioning in Intergroup Relations. In: HARRÉ, R; van LANGENHOVE, L.. **Positioning Theory: Moral Contents of Intentional Action.** Oxford: Blackwell, 1999.

_____. Reflexive Positioning: Autobiography. In: HARRÉ, R.; van LANGENHOVE, L. **Positioning Theory: Moral Contents of Intentional Action.** Oxford: Blackwell, 1999.

IÑUIGUEZ, Lupicínio. **La Psicología Social en La Encrucijada Postconstruccionista.** Historicidad, Subjetividad, Performatividad, Acción. XII

Encontro Nacional da ABRAPSO. Estratégias de Invenção – a Psicologia Social no Mundo Contemporâneo. Porto Alegre: PUCRS, 2003.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. A fenomenologia do espírito. In: **Hegel**. Pp. 03-71. São Paulo: Abril, 1980.

JEFFERSON, Gail. Sequential aspects of storytelling in conversation. In: HARRÉ, R.; van LANGENHOVE, L. **Studies in the Organization of Conversation Interaction**. Shenkein, J. (ed.), pp. 219-248. New York: Academic Press, 1978.

JUNQUEIRA, Maria de Fátima. **Abuso sexual da criança**: Contextualização. *Pediatria Moderna*, N. 24, Pp.432-436, 1998.

KLEINMAN, Arthur; DAS, Veena.; LOCK, Margaret. Introduction. In: AKLEINMAN; V. DAS; M. LOCK (orgs.), **Social Suffering**. Berkeley: University of California Press, p. ix-xxvii, 1997.

KRUG, Ethienne G. et al (Org). Violência, um problema mundial de saúde pública. In: **Relatório Mundial sobre Violência e Saúde**. P. 3-19. Organização Mundial de Saúde (OMS), Genebra, Suíça, 2002.

LABOV, William. **Some further steps in narrative analysis**. *Journal of Narrative and Life History* 7 (1-4), p. 395-413, 1997.

_____. The transformation of experience in narrative syntax. In: LABOV, W. **Language in the inner city**. Philadelphia, University of Philadelphia Press, 1972.

_____; WALETZKY, Joshua. Narrative Analysis: oral versions of personal experience. In: J.HELM (org) **Essays on the verbal and visual arts**. Seattle, University of Washington Press, 1967.

LANGELLIER, Kristin M. “You’re marked”: breast cancer, tattoo, and the narrative performance identity. In: BROCKMEIER, J.; CARBAUGH, D. **Narrative and Identity. Studies in autobiography, self and culture**. Amsterdam, John Benjamins, 2001.

LANGENHOVE, Luk Van; HARRÉ, Rom. Introducing positioning theory. IN: HARRÉ, R e LANGENHOVE, L. Van. **Positioning theory**. Oxford: Blackwell, 1998.

LINDE, Charlotte. **Life stories**: the creation of coherence. NY: Oxford University Press, 1993.

LEVINSON, Stephen C. **Pragmatics**. Cambridge: CUP, 1983.

LINCOLN, Yvonna S.; GUBA, Egon G. Controvérsias paradigmáticas, contradições e confluências emergentes. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa**: teorias e abordagens. 2^a edição. São Paulo: Artmed/Bookman, 2006. p. 169 -192 .

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 6. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

MANEN, Max van. **Researching Living Experience: Human Action for an Action Sensitive Pedagogy.** The Althouse Press, 1991.

MARMO, Denise Barbieri.; DAVOLI, Aline; OGIDO, Rosalina. **Violência doméstica contra a criança.** *Jornal de Pediatria*, N. 71, pp. 313-316, 1995.

MELO, Anna Cristina Cardoso de. **Combate à violência contra crianças e adolescentes.** Texto disponível no site do Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente de São Paulo (CONDECA), 2002. Site: http://www.condeca.sp.gov.br/eventos_re/ii_forum_paulista/c4.pdf, acessado em 21/12/2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira. **Análise da implantação do sistema de atendimento pré-hospitalar móvel em cinco capitais brasileiras.** *Cadernos de Saúde Pública (FIOCRUZ)*, v. 24, p. 1877-1886, 2008.

_____; SOUZA, Edinilsa Ramos de. É possível prevenir a violência? Reflexões a partir do campo da saúde pública. In: **Ciência & Saúde Coletiva**, v.4, n. 1, p. 7-23, 1999.

_____; SOUZA, Edinilsa Ramos de. **Violência e Saúde como um Campo Interdisciplinar e de Ação Coletiva.** *História, Ciências, Saúde: Manguinhos*, p. 513-531, 1998.

_____. A violência social sob a perspectiva da saúde pública. In: **Caderno de Saúde Pública.** Rio de Janeiro: 10 (supl. 1), 1994.

_____. (coord.) **Prevenir e proteger: análise de um serviço de atenção à criança vítima de violência doméstica.** ENSP-Fiocruz-Claves, Rio de Janeiro, 1993.

_____. A violência na adolescência: Um problema de saúde pública. In: **Caderno de Saúde Pública.** Rio de Janeiro: 6 (3), jul-set/1990.

MISHLER, Elliot. *Narrativa e Identidade: a mão dupla do tempo.* In MOITA Lopes, L.P.; BASTOS, L. C. **Identidades. Recortes multi e interdisciplinares.** Campinas: Mercado de Letras, p. 97-119, 2002.

_____. **Storylines. Craftartists' narratives of identity.** Cambridge: Harvard Univeristy Press, 1999.

_____. **Research interviewing. Context and narrative.** Cambridge: Harvard University Press, 1986.

MISSE, Michel. Sobre a construção social do crime no Brasil: esboços de uma interpretação. In: MISSE, M. (org.). **Acusados e Acusadores. Estudos sobre ofensas, acusações e incriminações.** Rio de Janeiro: Editora Revan/Faperj, 2008.

_____. A violência como sujeito difuso. In: FEGAHLI, J., CANDIDO MENDES; LEMGRUBER, J. (orgs.). **Reflexões sobre a violência urbana. Insegurança e Desesperanças.** Rio de Janeiro: Editora Mauad X, 2006.

_____. **Violência e Participação Política no Rio de Janeiro.** IUPERJ. Série de Estudos, n. 91, agosto, 1995.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da; BASTOS, Liliana Cabral. **Para além da identidade. Fluxos, movimentos e fluxos.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. 319 p.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **A Performance narrativa do jogador Ronaldo como fenômeno sexual em um jornal carioca:** multimodalidade, posicionamento, iconicidade. Revista Anpoll, vol 2, n° 27, 2009.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. On being white, heterosexual and male in a Brazilian school: multiple positioning in oral narratives. In: DE FINA, A.; SCHIFFRIN, D.; MICHAEL, B. **Discourse and Identity.** Cambridge: CUP, 2006.

_____; [FABRÍCIO, Branca Falabella](#). **Discurso como arma de guerra:** posicionamento ocidentalista na construção da alteridade. DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 21, n. Especial, p. 239-285, 2005.

_____. **Identidades fragmentadas.** A construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas: São Paulo: Mercado das Letras. 2002

_____; BASTOS, Liliana Cabral (orgs.). **Identidades:** recortes multi e interdisciplinares. Campinas: São Paulo: Mercado das Letras, 2002a

_____. Práticas narrativas como espaço de construção de identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. In: RIBEIRO, B. T.; LIMA, C. C.; LOPES, M. T. (orgs). **Narrativa, Identidade e Clínica.** Rio de Janeiro: Edições IPUB, 2001.

_____. **Pesquisa Interpretativista em Linguística Aplicada:** a linguagem como condição e solução. DELTA, 10 (2): 329-338, 1994.

MORAES, Maria Celina Bondin. **Danos à Pessoa Humana:** uma leitura Civil-Constitucional dos Danos Morais. Rio de Janeiro: Renovar, p.76-258, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. Sobre a Verdade e a Mentira no sentido extra moral. In: **Obras completas.** Seleção de Textos de Gerard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, [1873] 1974.

_____. **Curso de Retórica.** Tradução de Thelma Lessa da Fonseca. In: Cadernos de Tradução da USP, número 4. São Paulo: Edusp, 2001.

OLIVEIRA, Maria do Carmo L.; [BASTOS, Liliana C.](#) **A experiência da imigração e a construção situada de identidades.** Veredas (UFJF), Juiz de Fora, v. 11, p. 31-48, 2004.

POLKINGHORNE, Donald E. **Narrative Knowing and the HumanSciences.** Albany, State University of New York Press, 232 p. 1988.

POOL, Ithiel de Sola. *A Critique of the Twentieth Anniversary Issue. Public Opinion Quarterly* 21, p. 190-98, 1957.

RIBEIRO, Branca T. Footing, positioning, voice. Are we talking about the same thing? In: **Discourse and Identity**. Cambridge: CUP. 2006.

_____. GARCEZ, Pedro M. (orgs.) **Sociolingüística Interacional**. Antropologia, Lingüística e Sociologia em Análise do Discurso. Porto Alegre: Editora AGE, [1998] 2002.

RIESSMAN, Catherine K. Analysis of personal narratives. In: GUBRIUM, J.F.; HOLSTEIN, J. A. (orgs). **The handbook of interview research**. SABGE, 2001.

_____. **Narrative Analysis**. Newbury Park, SAGE, 1993.

SACKS, Harvey. On doing being ordinary. In: ATKISON, J; Maxwell; HERITAGE, J. (orgs). **Structures of Social Action**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

_____. **Facets of the organization of story-telling in conversation**. Ms., 1971.

SAID, Edward. **Orientalism**. New York: Pantheon Books, 1978.

SANCHEZ, Rachel Niskier; MINAYO, Maria Cecília. **Violência Faz Mal à Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

SANTOS, Heloisa Occhiuze dos. **Crianças Violadas**. São Paulo: FCBIA, 1991.

_____. **Crianças Espancadas**. Campinas: Papyrus, 1987.

SARANGI, Srikant. Reconfiguring Self/Identity/Status/Role: The Case of Professional Role Performance in Healthcare Encounters. In: Archibald, ARCHIBALD, J.; GARZONE, G. (eds). **Actors, Identities and Roles in Professional and Academic Settings: Discursive Perspectives**. Berne: Peter Lang, 27–54, 2010.

_____. Narrative practice, competence and understanding. In: **Text and Talk: An interdisciplinary journal of language, discourse & communication studies**. Edited by Srikant Sarangi vol. 28-3. P. 271-274. Mouton de Gruyter: Germany, 2008.

_____; ROBERTS, Celia. **Talk, Work and Institutional Order: Discourse in Medical, Mediation and Management Settings (Language, Power & Social Process S)**. Edited by Srikant Sarangi e Celia Roberts. Mouton de Gruyter. N.Y, 1999.

_____; COULTHARD, Malcolm. **Discourse and Social Life**. Pearson, 2000.

_____; COUPLAND, Nicolas; CANDLIN, Christopher N. **Sociolinguistics and Social Theory**. Pearson, 2001.

SARTRE, Jean Paul. A questão do método. In: **Sartre**. Coleção Pensadores, pp. 70-92. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

SCHIFFRIN, Deborah. Narrative as Self-portrait: sociolinguistic constructions of identity. In: **Language in Society**. V 25, 167-203. 1996.

_____. **Approaches to discourse**. Cambridge: Blackwell. 1994.

_____. **Discourse markers**. Cambridge: CUP. 1987.

SCHIFFRIN, Deborah. **How a story says what it means and does**. Text 4: 313-46, 1984.

_____. Meta-talk: organizational and evaluative brackets in Discourse. In: ZIMMERMAN, D.; WEST, C. (eds.) **Language and social interaction**. 1980.

SCHWANDT, Thomas A. Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa. In: DENZIN, N. K; LINCOLN, Y. S. (orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006. pp. 193-217.

_____. **A Farewell to Criteriology**. Qualitative Inquiry. Vol. 2 No.1, pp.58-72. Thousand Oaks: Sage. 1996.

_____. Constructivist, interpretivist approaches to human enquiry. In: DENZIN, N., LINCOLN, Y. (Eds). **Handbook of Qualitative Research**. London: Sage, 1994.

_____. **On Understanding Understanding**. Qualitative Inquiry. Vol. 5 No.4, pp.451-64, 1999.

SENNETT, Richard. **A Cultura do Novo Capitalismo**. SP: Record, 2006

SHORTTER, John. Social accountability and the social construction of 'you'. In: SHORTTER, J.; GERGEN, K.J. **Texts of Identity**. Londres: Sage. 1989.

SILVERMAN, David. Theory and Method in Qualitative Research. In: SILVERMAN, D. **Interpreting Qualitative Data: Methods for Analysing Talk, Text and Interaction**. Cap. 1. London: Sage, 2001.

_____. Interviews. In: SILVERMAN, D. **Interpreting Qualitative Data: Methods for Analysing Talk, Text and Interaction**. Cap. 4. London: Sage, 1993.

SHUSTERMAN, Richard. Beneath Interpretation. In: HILEY, D.R. Hiley, BOHMAN, J.F.; SHUSTEMAN, R. (eds) **The Interpretative Turn**. PP. 102-128. Ithaca: NY Cornell University Press, 1991.

SOUZA SANTOS, Boaventura de. **Do pós-moderno ao pós colonial**. E para além de um ou de outro. Centro de Estudos Sociais. Travessias. Centro de Estudos Sociais. Universidade de Coimbra, no. 6/7, 2008. pp. 15-36.

_____. **Renovar la teoria critica e reinventar la emancipación social**. Buenos Aires. Glasco Libros, 2006.

_____. **Pela mão de Alice**. O Social e o político na pós modernidade. São Paulo: Cortez (cap. 1 e 4), 2001.

STRAUS, Murray A.; GELLES, Richard J.; STEINMETZ, Suzanne K. **Behind Closed Doors: Violence in the American Family**. Garden City: Anchor Press, 1980.

TANNEN, Deborah. **Talking Voices**. Repetition, dialogue and imagery in conversational discourse. Cambridge, Cambridge University Press, 1989.

_____. WALLAT, Cynthia. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interações. Exemplos de um exame/consulta médica. In: RIBEIRO, B. T. e GARCEZ, P. (orgs). **Sociolinguística Interacional**. Pp.120-141. São Paulo: Edições Loyola, 2002 [1987].

_____. **That's not what I Meant!** New York: Willian Morrow Company, 1986.

_____. **Conversational Styles**. Norwood, N J: Ablex, 1984. TEZZA, Cristovão. Discurso poético e discurso romanesco na teoria de Bakhtin. In: FARACO *et al.* **Uma introdução a Bakhtin**. Curitiba: Hatier, 1988.

TAVARES DOS SANTOS, J. V.; DIDONET, B.; SIMON, C. A palavra e o gesto emparedados: a violência na escola. In: Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre (org.), **Violência não está com nada**. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Educação, 1998.

VAN DIJK, Teun A. (Ed.). **Discourse as social interaction**. London: Sage, 1997.

VELHO, Gilberto. **Goffman, mal-entendidos e riscos interacionais**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo: ANPOCS, 2008.

_____; ALVITO, Marcos. (Org.) **Cidadania e violência**. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.

_____. **Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas, Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VENN, Couze. **Occidentalism**. Modernity and Subjectivity. Londres: Sage, 2000.

WEISS, Robert. S. **Learning from Strangers: The Art and the Method of Qualitative Interview Studies**. New York: Free Press, 1994.

WENGER, Etienne. **Communities of Practice: Learning, Meaning and Identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

WERTSCH, James. **Voices of the Mind: a sociocultural approach to mediated action**. Cambridge: Harvard University Press, 1991.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. Petrópolis: Ed Vozes. [1953] 1996.

WORTHAM, Stanton. **Narratives in action**. A strategy for research and analysts. Nova York: Teachers' College Press, 2001.

ZALUAR, Alba. Dilemas da Segurança Pública no Brasil. In: ZALUAR, Alba, **Desarmamento, Segurança Pública e Cultura da Paz**. Vol 3. Fundação Konrad Adenauer: RJ, 2005.

ZALUAR, Alba; LEAL, Maria Cristina. **Violência Extra e Intramuros** Rev. Brasileira de C. Sociais, vol. 16 no 45. São Paulo, Fev. 2001.

_____. (org.) **Violência e educação**. São Paulo: Livros do Tatu / Cortez, 1992.

ANEXO 1

INA E LIA: ORIENTADORAS DA ESCOLA PÚBLICA

001	bel		gostaria que vocês me contassem a experiência de vocês com situações de violência na família vividas por alunos, i.e., como isso é percebido e o que é feito.
004	lia		assim...a minha experiência aqui na escola é da seguinte maneira: ah::: o aluno que não tiver eh::... um ponto de apoio, >ele não vai iniciar <u>na:da</u> ↓< né:↑ então, se se você se <u>inte:ira</u> com o <u>aluno</u> é quando você vai <u>começar:</u> eh::: <u>receber</u> informações ... que.. eles, que > <u>nós</u> precisamos e <u>eles</u> também<... então, essa <u>tro:ca</u> existe através de <u>quê?</u> <u>desde</u> a <u>hora</u> que você <u>faz</u> um bom relacionamento o seu aluno↓... ele vai passar a <u>confiar</u> em você↓..., logicamente, que aos <u>pou:cos</u> ... <u>interagin:do</u> ele <u>pa:ssa</u> a contar tudo aquilo que... você <u>deseja</u> , ou que ele <u>precisa</u> ... <u>dizer</u> ... ele nos <u>procu:ra</u> .. ah::: <u>muitas</u> vezes... porque eles não <u>têm</u> ... o <u>hábito</u> de... <u>dialogar</u> em <u>casa</u> ↓...então, como fo::sse... >uma <u>válvula</u> de <u>escape</u> < né↓... então, ele <u>traz</u> ... o <u>problema</u> as vezes <u>está</u> no interior... da <u>famí:lia</u> ou... com ele mesmo. até o relacionamento entre os <u>colegas</u> né↑ ele <u>vem</u> aos <u>pouquinhos</u> procurando. . também... por <u>quê?</u> nós somos orientadora educacional e já é uma <u>coisa</u> de <u>pra:xe</u> a criança procurar o orientador educacio[nal]↓
018	bel		[qual] a faixa de idade que vocês <u>atendem</u> aqui?
019	lia		nós, nós atendemos desde 14 a:nos até:::... <u>trin:ta</u> :::...
020	ina		[não] <u>tem</u> [limite]↓
021	lia		[eh: não] tem limite de <u>idade</u> , né::↓
022	bel		a partir de 14 anos [o que (
023	lia		[a partir de 14 anos... não, não, não, não...
024	ina		[1a. série] ()
025	lia		[1a. série] do 2o. grau
026	bel		ah, eh, é só ensino <u>mé[di]o</u>
027	lia		[só], só
028	bel		ah, eu não me lem[brava]
029	lia		[só, só], só, so[mente]
030	bel		[aqui] só funciona ensino médio. e... qual é a incidência, quando vocês detectam..., se vocês detectam... qual é a maior incidência? em que faixa etária? vocês já <u>percebe::ram</u> ? quais são os alunos que <u>mai::s</u> ... >qual a faixa etária que mais procura vocês<?
034	ina		que <u>sofre</u> a <u>violência</u> , você diz?
035	bel		que so::fre a violência, que <u>procuram</u> e que são:... >ou que vocês <u>detectam</u> < . existe isso?
037	ina		não sei, eu acho que a criança <u>peque:na</u> procura <u>mai:s</u> , fala <u>mai:s</u> , né↓
038	bel		pequena de que <u>idade</u> ?
039	lia		aqui eles às vezes <u>omitem</u> , escondem
040	bel		você tem experiência com crianças <u>meno::re:s</u> [em escola]?
041	ina		[tenho, tenho]
042	bel		você trabalha em alguma esco[la]?
043	ina		[eu] trabalho no município. eu tive uma experiência interessante agora em pedra azul e:: as crianças <u>chega:vam</u> ... <u>mui::to</u> ... <u>machucadas</u> FÍSicamente com <u>queimadu::ras</u> , eh::: eu...eu tive um caso de uma aluna que eu vi já.>educação infantil< <u>ponta</u> de... você <u>percebia</u> nitidamente que era <u>pon:ta</u> de <u>cigarro</u> em <u>to:da</u> a... <u>to:das</u> as <u>costinhas</u> <u>dela</u> ...
048	bel		que idade mais ou menos?

049	ina	<u>quatro anos... ago:ra ela... eles negam..., em as todas as faixas [eles] negam.</u>
050	bel	[hum]
051	lia	é isso aconte[ce]
052	ina	[né↑] e... aí você preci:sa... > conforme a lia falou<, né↓ de uma
053		aproxima:çã::o, né↓ falar..eh... estabelecer um vín:culo de uma co[nfiança] =
054	lia	[confian]ça
055	ina	= bá:sica pra que eles... fa:lem alguma coisa e é uma situação difícilima, né↓
056		essa situação que eu vivi agora que me mobilizou mui::to lá em pedra azul,
057		porque eram mui::tas crian:ças...vítimas de... >violência doméstica<, mas
058		mui::tas mui::tas. eu vi queimaduras de fe::rro, de ponta de ciga:rrro, de
059		espancamen:to, olho roxo...
060	bel	a partir de que idade? até que idade?
061	ina	era educação infantil, educação infantil no município é de 3 a série (.) 6 anos
062	bel	isso é maior em alguma faixa etária ou não? ou você acha que... independe↓
063	ina	eu acho que eu, acho que quanto menor a criança talvez fique mais visível,
064		né↓ porque a a criança não tem como esconder e... e não sabem também, né↓
065		porque eles são instruídos a não contar e aí eu tive uma dificuldade né↓, quer
066		dizer... a gente foi conversan:do, porque era visível tanto do cigarro quanto
067		do ferro, você via que era do bico do ferro de passar roupa que tava no
068		bracinho deles e aí eles acabam contando né↓que realmente havia o pai ou a
069		mãe, mas choram, pedem por favo::r, pelo amor de Deus que você... não
070		conte, que não leve adiante... e a gente tem encaminhar pro conselho tutelar
071		e nós chamávamos a família comunicávamos: “que olha, nós tomamos
072		ciência, apesar da criança ter nega:do que foi violenta:da > nós percebemos
073		<que hou::ve uma violência domés:tica, isso aqui é po:nta de ciga:rrro (.) isso
074		aqui no bracinho dela é marca de ferro”e:: comunicávamos e.. o conselho
075		tutelar (.) não da::va (.) notí:cias.
076	bel	não dava retorno
077	lia	não tinha retorno
078	bel	como era feito esse contato com o conselho tutelar?
079	ina	e aí acaba:va: a direção:: fazia [u::m]
080	lia	[>um trabalho<]
081	ina	um relato, né?, isso ia pra...ficava na ata da escola e a direção fazia a
082		denúncia:: [e::
083	bel	[e você... você nessa época era professora ou...você era[pro]
084	lia	[a]gente se
085		conheceu lá na zona oeste.
086	ina	professora... >professora de < ...
087	lia	[EI]
088	ina	[EI]
089	bel	professora de educação infantil
090	ina	é
091	bel	e no caso quando você via essas coisas ... você só percebe esse tipo de
092		violência que fica marcada fisicamente no corpo ou você também é capaz de
093		detectar por algu:ma... sinais de comportamento que a criança emite que
094		você percebe que há alguma::
095	ina	é, olha só...é a gente percebe muito...agora eu tô em santo cristo não tô (hhh)
096		mais em pedra azul ... ↓. em santo cristo, já, esse tipo de violê::ncia não é
097		muito comum (.) é mais comum a violência de (.) agressão de bater, né↓
098		BATEM, ESPANCAM a criança, então... eh:: às vezes não deixa marca, mas
099		a criança fica muito agressi::va (.)e ela reflete esse comportamen:to [na sala
100		de aula]
101	lia	[na
102		sala de aula]
103	ina	né, então.[..]
104	bel	[e] você sabe assim, saberia dizer, porque que em santo cristo seria
105		outro tipo de violên::cia... porque... ou vocês já trabalharam em mais escolas
106		que vocês percebem ?
107	ina	eu tenho impressão que santo cristo é uma comunidade que ela já absorveu os

108		valores da da classe mé:: dia.
109	bel	ah, entendi.
110	ina	então ela SABE... que <u>existe</u> o conselho tute[lar...]
111	bel	[hum]...
112	ina	ela SABE... que criança tem <u>direi↑tos</u> , né? ela , ela <u>sabe</u> só que a.a... o
113		<u>histó↑rico</u> dos pais é um histórico também de ... de violência, né, eles
114		<u>também</u> receberam violência na... na ... na infância deles, né, então
115		>eles <u>reproduzem</u> o que receberam< (.) mas eu acho que tem uma... uma
116		certa <u>censura</u> ... em <u>função</u> :: ... do convi::vio... a[qui::....]
117	lia	[>com classe média<]
118	ina	com a classe média e lá não. lá é zona rural...
119	bel	ah:::..tá. .você já trabalhou em alguma outra escola que não fosse..que fosse
120		zona rural que não fosse <u>lá</u> e que você tivesse percebido, né↓
121	ina	trabalhei na baixada.
122	bel	e você viu diferenças nesse... nesses... nesse aspecto?
123	ina	... na baixa...da... é... bastante... pareci::: era <u>bastante</u> pareci::do com:: (2.)
124		zona rural
125	bel	quanto tempo você ficou na zona rural?
126	ina	fique::i. nove me:ses
127	bel	já tem muito tempo que você saiu de lá?
128	ina	este ano
129	bel	ah saiu este ano e:: aqui em santo cristo você tá... é numa escola também de
130		ensino de educação infantil?
131	ina	de educação infantil.
132	bel	agora ... como que você vê assim...é... essas crianças, por exemplo, qual a
133		diferença nesse nível de agressão do comportamento da criança? você falou
134		que a criança ela que apanha ficou mais violenta [e a criança que] é
135		MARCADA no corpo essa=
136	ina	[ela é muito violenta]
137	bel	=violência dessa maneira, ela[eh, fi::ca ...]
138	ina	[ela é mais] oprimida ... (3) eu percebi isso. a
139		criança que tem essa marca ela tem tem o.... ela é <u>oprimida</u> , ela <u>não conta</u> ... o
140		que aconteceu. e a que ... constantemente_[apanha], ela chega agredindo. mas
141		em santo cristo eu
142	lia	[apanha]
143	ina	(1) . eu agora tô com um alu↑no que ele <u>bate</u> ... mui::to nos colegas <u>mui::to</u>
144		<ele tá com <u>seis</u> anos> bate de tirar <u>san:gue</u> ... e assim com um... ma <u>maior</u>
145		naturalidade... ele bate↓... e aí no primeiro momento eu fui conversar com a
146		<u>mãe</u> , a mãe falou assim “o que que você quer que eu <u>faça</u> ? (1) eu não <u>tenho</u>
147		o que fazer↑...”, e aí eu falei assim “não, perai.. não é o <u>que</u> que você quer
148		que eu faça é o que NÓS podemos fazer por ele... porque <u>ele</u> é meu alu:no
149		vai ser meu aluno por alguns meses mas é seu filho pro resto da vida (2) eu
150		acho que... a e gente pode estar conversando”... e aí ela foi (1) amansan::do e
151		aí foi me contar a história <u>dela</u> . ela ficou grávida aos dezesseis anos, e não
152		assumiu[o filho] ...
153	lia	[a maternidade]
154	ina	quem assumiu foi a [.. a] avó... e a avó tirou <u>totalmente</u> a autoridade dela,
155		<u>super</u> ...
156	lia	[avó]
157	ina	<u>superprotege</u> o menino, e toda vez que ela <u>tenta</u> chamar a atenção do menino,
158		ela <u>APANHA</u> da mãe (3). então... o menino <u>u:sa</u> [isso]
159	bel	[e qual] é a idade dela?
160	ina	ela hoje tá com vinte e um anos=
161	bel	=e ela não é casada?
162	ina	não [é casada.]
163	bel	[não tem marido]
164	ina	[não tem marido]
165	bel	[mora com a mãe] até hoje=
166	ina	=mora com a mãe, ela <u>depende</u> da mãe financeiramente. então, aí, ela aí

167		<u>trouxe</u> , essa história no centro né↓ “ina, eu <u>quero</u> fazer alguma coisa, eu <u>tô</u>
168		estudando, tô fazendo curso comunitário pra ver se eu <u>saio</u> de casa, mas eu
169		tenho RAIVA desse menino”
170	bel	Hum
171	ina	então, eu achei assim muito bom porque ... na comunidade eu sinto isso assim
172		... <u>essa</u> ...
173	lia	é o reflexo da educação que ela teve=
174	ina	=que ela teve, mas ela <u>conse::gue verbalizar</u> : é ...e a gente consegue um nível
175		de confiança básica ali que dá pra trabalhar.. né↓ então, ela fala: “eu tenho
176		raiva dele, agora sempre eu sei que... ele não é culpado... a minha MÃE foi
177		culpada porque a minha mãe foi sempre violenta, agressiva , fez isso comigo,
178		eu também, às vezes, sou agressiva com ele, mas eu sei que tô errada” (3)
179	bel	agora...em relação a sua primeira experiência...
180	lia	é o que eu falo, enquanto a pessoa não tiver essa.. confiança... <u>mútua</u> ... troca
181	ina	eh...
182	lia	não adianta que você não consegue nada. então, você tem que <u>conquistar</u> a
183		pessoa... pra conseguir o que você deseja.=
184	ina	=e o trabalho tem que ser com a fami::lia, né?
185	lia	eh
186	ina	quer dizer, eu, eu tô conseguindo chegar esse menino um pouco pra perto de
187		mim, <u>e::ssa mã::e</u> ... tá se <u>aproximan::do</u> ..., e com isso ela tá buscando <u>aju::da</u>
188		também...pra ela...ela [foi buscar uma <u>terapi::a</u>]
189		[agora, você percebeu] esse [<u>caso</u>] ...desse garoto e
190	bel	tal..., há
191	ina	[hum, hum]
192	bel	<u>ou::tras</u> incidências, quer dizer, há <u>ou::tras</u> manifestações ou seja pela via da
193		agressivida:de ou pelo desempenho da <u>crian::ça</u> ↓ ou pela[... que..].:=
194	ina	[muitos]
195	bel	=você percebe também... num nível <u>grande</u> ↓ (1) na comunidade... ou você
196		achava que não só a intensidade da agressão mas também... a <u>quan::tidade</u> era
197		maior nessa zona rural...
198	lia	estupro... você... também tem?
199	bel	você tem histórias disso↓
200	ina	(.) não... [pelo o que eu saiba não.]
201	lia	[eu já tenho histórias [<u>aqui</u>] na escola, no <u>segundo grau</u> =
202	bel	[eh]
203	ina	=que eu saiba AQUI, não... <u>lá</u> , sim.
204	bel	<u>lá</u> [em pedra]
205	ina	[lá em pedra]azul. interessante , eu sempre falava... (inaudível) lugar,
206		tranqui::lo, né↓ mas a violência doméstica <u>lá</u> ... eu achei <u>muito</u> maior do que
207		aqui.
208	bel	pedra azul tem quantos habitan .. >sua escola tinha quantos alunos você
209		sabe<?
210	ina	é uma escola de...>educação infantil á oitava série<... uma tur:ma de ca:da..
211		série.
212	bel	sei. agora, quando vocês percebiam, por exemplo, como é que normalmente...
213		vocês <u>perce::bem</u> ... demo.... você acha que a escola <u>demo::ra</u> a perceber... qual
214		o mecanismo da escola nesse nesse sentido? a escola demora a perceber, isso
215		chega rápido, o aluno começa a <u>faltar</u> : ... o aluno começa a chegar <u>tar::de</u> o
216		aluno começa a não vir, o aluno geralmente se <u>você::começa</u>
217		a...en..enfim...isso é um indício pra escola de alguma coisa? a escola <u>bus::ca</u>
218		descobrir alguma coisa?
219	lia	<u>LQ::gico</u> , nós.. nós procuramos SIM descobrir alguma coisa principalmente
220		pela, pela FALTA do aluno...por que que o aluno está faltando↓ tá? então o
221		que nós fazemos primeiro... nós procuramos o aluno em sala de aula e... com
222		o representante de turma↓ você já <u>te::m</u> uma... uma ideia do porquê de o
223		aluno estar... faltando...
224	bel	já os meninos maiores..?.=
225	lia	=já os meninos maiores. os pequenos eu não sei, porque eu não tenho,

226		porque eu não tenho tipo de experiência, né↓... então, o que acontece?
227		ESSES meninos, como moram na mesma <u>comunidade</u> ↓... eles SABEM da
228		vida de todo mundo...
229	bel	e aqui os meninos geralmente são de santo cristo, <u>basicamente</u> ?
230	lia	são de VÁ:rias. não (.) tem alunos da ****, tem de santo cristo e das ou:tras
231		... <u>comunida::des</u> da zona sul... são vários... mas QUANdo eu... ah, ah...
232		pergunto... por um determinado aluno↓..., <u>sem</u> :pre tem alguém pra falar: ah,
233		dona lia, <u>eu vi</u> ... o fulano, ele não está vindo sabe por quê?... porque está
234		acontecendo isso, isso ou aquilo=
235	bel	=o que que é isso ou aquilo, normalmente? qual é...
236	lia	é, é, justamente o <u>conhecimento</u> que eles <u>têm</u> dentro da própria
237		[comunidade].
238	bel	[mas qual...] quais são as as histórias relatadas?
239	lia	são <u>vá::rias</u> [... são, aí,]são diversas, né?...
240	bel	[por exemplo]... por exemplo...
241	lia	por exemplo, um... belo dia eu tava na minha casa...tocou a campainha... e
242		era uma aluna... minha aluna do primeiro ano, eu perguntei pra ela, “o que
243		que você está fazendo <u>aqui</u> , <u>letícia</u> , na minha casa?”... “eu fugi de casa”.. eu
244		falei: “ <u>você</u> fugiu de casa... .. mas como você fugiu de casa se a sua <u>mãe</u> é
245		representante inclusive da associação de pais?”... “é, dona lia, a minha mãe é,
246		é, justamente da associação de <u>pais</u> ...mas ela me <u>espanca</u> ... e então, então,
247		como eu confio na <u>sra</u> eu achei que... era pra onde eu deveria ir era pra sua
248		casa.
249	bel	[qual a idade dela?]
250	lia	quinze anos
251	bel	não trabalha, mora com os pais...
252	lia	não. a.. a a menina trabalha com a <u>mãe</u> e o <u>pai</u> : num trailer e então reveza...
253		pela manhã porque ela estuda à tarde, após o horário escolar. e quando a
254		menina fazia, e ela fazia balé e estava na oitava série de balé, tanto que ela
255		fez até balé no teatro municipal e como ela balé... ela tem que se despir,
256		então ela ficava com marcas nas costas nas pernas, então eles ficam com
257		vergonha, porque já tá mocinha.
258	bel	e aí depois dessa situação relatada o que que aconteceu?
259	lia	ah, aconteceu que eu <u>imediatamente</u> liguei para a mãe dela e disse: “a sua
260		filha se encontra na minha casa. a sra. não se assuste mas ela vai voltar ainda
261		hoje”. então eu pedi que a mãe viesse, ah, no dia seguinte, à escola, para eu
262		poder conversar. a mãe <u>não</u> apareceu, logicamente, né↓ e a menina voltou pra
263		casa depois de eu levar assim quatro ou cinco horas conversando na minha
264		casa. ela com a trouxa de roupa, minha filha...foi de mala e cuia para a minha
265		casa... e eu a convenci que ela era muito jovem e que ela tava me botando
266		numa situação difícilima, né↓, embora eu fosse orientadora educacional <u>dela</u> ,
267		porque que ela não me procurou primeiro na escola para me contar o fato?
268		ela disse que ela não contava porque ela tinha vergonha ... e tinha medo
269		justamente da escola tomar alguma providência <u>contra</u> os pais. é isso aí que
270		eles já sabem ...sobre o conselho tutelar.
271	bel	e no caso, existe alguma informação que dizer algum tipo de orientação para
272		os professores de que esses casos , quando surgem, eles têm que ser... ou
273		vocês tentam contornar dentro da escola, ou vocês vão para o conselho tutelar
274		de imediato. como é isso?
275	lia	olha... primeiro, eu chamo a mãe pra relatar o fato, o que que está havendo...
276		qual a ajuda que eu poderei dar, né↓ pra.. acabar com esse problema, né↓...
277		só que... quando a <u>mãe</u> ↓aCEITta, faz um <u>acor: do</u> com a gente, tudo bem, eu
278		não encaminho pro conselho tutelar↓. mas, às vezes a <u>pró::pria</u> mãe, o <u>próprio</u>
279		pai, pedem que encaminhe.. eh.. é porque eles não SABEM mais... como..
280		<u>educar</u> ...o <u>menino</u> (1) por quê? ele não tem mais <u>limites</u> ... mas esses limites
281		não foram↑ dados pelos pais↓ e eles estão querendo cobrar uma coisa que não
282		foi dada.
283	bel	e, aí. o que acontece?
284	lia	aí que é::... >terrível<. às vezes eu encaminho, o que é um grande problema.

285		pra você encaminhar...você preci::sa, além de um papel, você precisa <u>entrar</u>
286		<u>em contato</u> com o tutelar↓. aí ... você conversa com ela >antigamente quando
287		era a <u>ia::ra ...</u> < que era de laranjeiras ,°você chegou a conhecer°?
288	bel	°não°
289	lia	a iara era uma pesso::a muito <u>aberta</u> e te dava um apoio <u>imediato</u> . então, eu
290		dizia, “iara estou enviando uma aluna olha qui e tal”. “ah, tá, então você
291		envia a tantas horas que eu estou aguardando”. mas NEM to:::dos, eh..., como
292		é...qualquer pessoa do conselho, qualquer conselheira, não é.. [eh:::]
293	ina	[elas estão
294		sobrecarrega::das]
295	lia	eh... por quê? são poucas pessoas,... poucas pessoas... pra atender ... um
296		número ENORME... >de crianças <(2) [então, tá prejudicado↓]
297	ina	[então. eles têm que dar] prioridade
298		à grávida:de do caso↓.
299	lia	eh.
300	ina	então um caso de PAI:: que.. ESPAN::CA as vezes não é tão <u>grave</u> ↓
301	lia	eh. como o caso de [<u>drogas</u>], às vezes
302	ina	[eh, eh]
303	lia	então. eu não sei se existe uma [ESCA]LA, né?, dentro dessa entidade ... pra
304		atendimento=
305	ina	[eh, eh]
306	lia	=não sei↓
307	bel	e você::... <u>na</u> sua escola em pedra azul, você era uma das professoras que
308		percebia, né? e e esses casos que você está me dizendo eram com os seus
309		alunos ou você percebia isso dos[ou:::tros alu:nos ?]
310	ina	[não. não em outras] turmas [também acontecia]
311	bel	[e quando a criança] chegava assim na escola
312		o que que acontecia? de imediato se fazia alguma coisa ou vocês [aguarda::
313]vam?
314	ina	[de
315		<u>imedia</u>]to fazia a ocorrência, porque ao município... a <u>ordem</u> é fazer a
316		ocorrência e comunicar ao conselho tutelar
317	lia	e vocês tentavam algum tipo de conver::sa com a cria::nça, como é que era?= 318
319	ina	=e aí, nos conversá::vamos com a <u>criança</u> , mandávamos chamar
320		<u>imediatamente</u> a famí::lia e comunicávamos... à família... que estávamos
321		encaminhando pro conselho tutelar.
322	lia	é, mas [acontece...]
323	bel	[e a família], qual a reação da família quando você encaminhava?
324		quando a escola encaminhava?
325	ina	tudo bem, falava... tudo bem, tudo bem ... porque muitas vezes não era a
326		primeira vez, vizinhos já tinham [feito denú::ncias]
327	bel	[então se você] encaminha, eles têm que
328		ir, é isso?
329	ina	[eh]
330	lia	[têm]
331	bel	[eles] vão de livre espontânea vontade, como é que é isso?
332	ina	eles vão naturalmente, porque quando a escola
333	bel	mas, e se eles não [forem]
334	lia	[eles têm], eles têm que ir
335	bel	se eles não forem, se eles não forem, o que acontece?
336	lia	por isso que nós temos que procurar:: a conselheira pra avisar::, eu sempre
337		procu:ro justa[mente..]
338	bel	[eu, sei,] mas você <u>avisa</u> [e a pes]soa não aparece
339	lia	[aviso] aí eles mandam [alguém]= 340
340	bel	[ah, entendi]
341	lia	=eu geralmente aqui na escola ah:: quando o pai não comparece, nós
342		mandamos um telegrama, tá, avisan::do e deixamos arquivado e se durante a
343		entrevista o pai não comparecer... é quando nós encaminhamos pro conselho

344		tutelar
345	bel	e <u>quando</u> eles vão pro conselho, esses casos, costuma haver retor::no?
346	lia	retornam ... [retornam]
347	bel	[você acha] que com que incidência ele inibe ou[... só uma
348		questão de =
349	lia	[olha, isso
350		também é =
351	bel	=tempo pra voltar a acontecer]
352	lia	=uma coisa, como eu falei, quando] era o tempo da sara↓ havia <u>retorno</u> . ela
353		ligava: “olha, recebi o seu alu::no tal, tal, tal, não é muita <u>dificulda</u> de, mas eu
354		já tô mandando pra um psicólogo para <u>dar</u> <u>atendimento</u> e:: nós vamos
355		começar o processo...”↓ então eles me mandavam <u>retorno</u> , pediam a presença
356		do alu::no, se ele estava faltan:do ou não: TODO final de mês eu tinha que
357		<u>mandar</u> , <u>preencher</u> como que ele estava se comportan::do, como estava
358		sendo o relacionamen::to↓ [se..]
359	ina	[eh,]aqui na zona sul tam[bém] eu tinha que
360		preencher a con[<u>du</u> ta], agora LÁ, eu acho pior. porque =
361	lia	[eh::] [eh::].
362	ina	=[não tem] esse acompanhamen[to...]
363	lia	[mas::], [eh..], mas aGOra ...
364	bel	não tem por parte de quem? do conselho tutelar
365	ina	do conselho, não tem
366	lia	mas [atualmente:]
367	bel	[você acha]que é porque isso?
368	ina	não sei se é super lotação::
369	lia	depois que saiu uma lei, não me lembro o número da lei , dizendo que os
370		alunos que tivessem mais de dez faltas... consecutivas... nós deveríamos de...
371		de.. avisar o conselho tutelar↓, isso se tornou mais difícil, entendeu?
372	bel	por que que se tornou mais difícil?
373	lia	porque acho que houve uma... uma:... grande corri:da de todas as esco:las
374	encaminhando
375	bel	ah, ficou mais difícil [o retorno depois]
376	lia	[ficou mais difícil] o retorno, eh.. então, há dois...
377		quando aconteceu.. imediatamente... eu enviei uma menina para o conselho
378		tutelar [a pedido]
379	ina	[isso no] ensino médio porque é a partir de quatorze[...]mas de sete
380	lia	[eh..]
381	ina	a quatorze não, quer dizer de...da educação infantil até quatorze não, porque::
382		se eles deixam de frequenTAR os pais perdem a [bolsa escola...]
383	lia	[perdem a bolsa] eh..., mas
384		isso já não =
385	ina	[aí não] tem
386	lia	[eh::]
387	bel	aí, aí, acontece o quê?
388	ina	não, não, eles [eles não faltam]
389	lia	[não, não faltam]
390	bel	aaah..., [mas, aí a] criança vai pra escola <u>mes::</u> mo machucada=
391	lia	[não faltam]
392	ina	= <u>mes::</u> mo machucada.
393	lia	eh, [já, já na]
394	ina	[inventam] histó:rias. essa menina que o pai...que... teve uma que foi
395		queimada com isqueiro (1), o pai queimava com isqueiro, ela falou que foi
396		um <u>bi:cho</u> .
397	lia	Eh
398	bel	e com que incidência isso acontecia com essas crianças, essas crianças que
399		apareciam com o corpo marcado de agressão? era uma vez na vi::da? tin:...
400		ha.. ha.. havia casos bastante recorren::tes, [ou] era... de vez em quan::do.
401	ina	[não]

402	lia	[nã::]o
403	ina	[não], de vez em quando
404		não,... mui::tas vezes...
405	bel	existia assim aquela [história da segun] da feira a coisa ser mais gra:ve, por =
406	ina	[olha eu fiquei]
407	bel	= exem↑plo..., quando a criança no final de semana fica mais tempo e os pais
408		mais dentro de casa ?... assim como a gente [pega] a sala de aula na segunda
409		feira
410	lia	[eh:::]
411	bel	=está todo mundo agi[tado]?
412	lia	[eh::], não pra mim eu, eu acho que não tem horário↓
413		pra mim ,eh, não existe [di::a] =
414	ina	[acho] não tem um dia não...
415	lia	=a agressão dependendo, por exemplo, PAIS... alcoólatras, (3) então, chegam
416		em <u>casa</u> ... quebrando tudo... tá? =
417	ina	=essa situação eles <u>trazem</u> ... com <u>mais</u> frequência, não é, lia?
418	lia	é... exatamente, exatamente.
419	ina	() às vezes <u>eles</u> não são <u>vítimas</u> , né, mas eh... eh ...os... o <u>pai</u> chega bêbado
420		e <u>bate</u> na na mãe... =
421	ina	= e aí eles <u>trazem</u> uma situação assim[... como se <u>eles</u> fossem] conseguir
422		SALVAR
423	lia	[que: bram a casa toda]
424	ina	=como se eles fossem conseguir salvar a mãe dessa situação. “eu vou me
425		<u>formar:: vou comprar uma ca:sa pra minha mãe:: e...</u> [vou tirar] minha <u>mãe::</u>
426		desse <u>lugar::</u> ”
427	lia	[vou tirar] eh... [eh:]
428	ina	[né?]
429		isso <u>desde</u> pequeno eu percebo , <u>tanto</u> os pequenos ... eu tô com uma =
430	lia	eles já pensam isso, entendeu?
431	ina	=criança de <u>cinco</u> anos que tem esse discurso... e os adol [escentes <u>também</u>]
432	lia	[adolescentes
433		<u>também</u>]
434	bel	e tem um número <u>grande</u> [desses adolescentes] que... que vi...que participam
435		dessas =
436	lia	[mui:to ... mui:to....]
437	bel	=[violên]cias dentro de casa? geralmente você nota diferença no desempenho
438		escolar =
439	lia	[muito]
440	bel	=dos <u>tipos</u> de [agressão] ?.... por exemplo, quando o <u>pai</u> bate na mãe, quando
441		a criança =
442	ina	[ah, lógico]
443	bel	=é diretamente, como você falou, que as crianças lá que são <u>queimadas</u> ficam
444		mais <u>inibidas</u> , elas... ou a criança que apanha fica mais <u>agressiva</u> ou a criança
445		que presencia a briga entre os pais, por exemplo, existe um <u>outro</u> tipo de
446		com.. de.. qual é a tendência, por exemplo, na criança que vivencia o tipo de
447		violência entre os pais?
448	ina	ela é mais::....
449	lia	[() geralmente o que é feito a... criança... eu acho que ela se TOR:NA
450		agressiva] =
451	ina	[eu acho que ela... às vezes... ela é mai:s <u>insegu:ra</u> , mais insegura]
452	lia	=ela se torna insegura, também e agressiva também [que às vezes...]
453	ina	[eu tenho casos] que
454		não são agressivos... até que são... têm uma <u>identificação</u> com aquela <u>mãe</u>
455		sofredora (2)
456	lia	eh, eh
457	ina	(2.5) e aí...sã passi::vos...e com desejo, né, °pelo menos, não é?, na fala deles
458		aparece esse desejo° de MUDAR, <u>transformar</u> a vida, mas <u>retirando</u> o pai de
459		cena.
460	bel	uhm::: (2)

461	lia	eh. mas a agressividade. já no segundo grau, [aparece.. muito,
462		principalmente] no=
463	bel	[ah, sim,
464		quando crescem, né?]
465	lia	=menino., porque eles querem <u>reagir</u> ... aos maus tratos da mãe, então, eles
466		<u>vão pra cima do pai</u>
467	bel	ah: eles querem defender [a mãe]
468	lia	[defender] a mãe , então, essa... então eles
469		CHEGAM na escola <u>também</u> violentos, você não pode às vezes... você... <u>faz</u>
470		alguma pergunta ele <u>responde</u> com violência. eh...eu tive uma menina que
471		tem uma <u>carta</u> que depois eu vou até entregar pra pra você que ela <u>contou</u> a
472		história todinha da família do pai dela... que era uma pessoa que achava
473		formidável e .. que acabou se decepcionando com o pai ...porque viu que ele
474		era traficante...
475	bel	°traficante?°
476	lia	inclusive, é, ele.. ele fala::va.. vários idiomas e foi até pra suíça
477	bel	°é mesmo, é?°
478	lia	eh. quando ele retornou... ele voltou e foi preso... mas como ele tinha dinheiro
479		foi solto imediatamente, e ele <u>passou</u> ... a... ser muito <u>agressivo</u> ,
480		principalmente com a <u>mãe...dela</u> .
481	bel	°hum°
482	lia	e com ela TAMBÉM... por ser <u>mulher</u> ↑ ...que não queria que a filha
483		namorasse↓
484	bel	°hum°
485	lia	aí, começou um conflito <u>imen:so</u> dentro da família
486	bel	eh, isso é uma coisa agora [interessante porque, por exemplo]
487	lia	[eh, parece que é um <u>espelho</u>]
488	bel	eh..., por exemplo, isso que você tava falando da... que eu te perguntei a
489		respeito do pai e da mãe. vocês <u>acham</u> que há uma incidência maior do <u>pai</u>
490		ser mais agressivo, da <u>mãe</u> ser mais agressiva, ou dos dois serem mais
491		agressivos. como é essa relação aí?
492	ina	eu vi uma incidência maior do <u>pai</u> agressor..., mas a mãe também...
493	lia	também. a mãe também
494	bel	esses casos de queimadura, esse tipo de agressão, geralmente vem mais do
495		<u>pai</u> ou da mãe?
496	ina	mais do pai.. esse tipo de agressão.
497	bel	qual é a característica de agressão que vem da mãe?
498	ina	a experiência que eu passei...
499	lia	eu, eu acho já no.. no.. na adolescência já é um pouquinho diferente. eu acho
500		que tanto o pai quanto a mãe agredem, proporcionalmente.
501	bel	°é mesmo?°
502	lia	eh, eh, eh. porque a mãe::, principalmente com a mulher, tem aquele bate
503		boca com a menina a mãe: ah, você não deve sair e tal...
504	bel	mas quando é menino, a mãe também agride?
505	lia	também agride, também agride.
506	bel	e quando agride, as agressões que vocês escutam são que tipo de agressão?
507	lia	ah:::
508	bel	bater, espancar?
509	lia	de bater, de espancar. eh, então é quando eles reagem, né?, batem até na mãe.
510	bel	e normalmente eles reagem, [quando eles apanham?]
511	lia	[eles são mais fortes...], não às vezes não, mas
512		ah.. acabam <u>reagindo</u> , depois, com o passar do tempo, eles reagem, reagem,
513		sim, saem de <u>ca::sa</u> ..
514	bel	sim, mas nessa idade eles já denunciam? já reclamam já ()?
515	lia	já, já, já e é:: assim... é muito interessante porque uma vez eu fiz uma
516		pesquisa, ou a <u>famí</u> :lia é do <u>bem</u> ou é do <u>mal</u> . pra eles não tem meio termo:
517		ou eu gosto da minha família ou eu detesto (1) aí vou saber <u>aonde</u> que está o
518		problema... às vezes é da mãe, às vezes é do pai.
519	bel	há casos em que você sabe que ouve há agressão e mesmo assim eles

520		continuam a defender a família?
521	lia	ah, sim, muitos, muitos.
522	bel	e o que leva eles defenderem a família?
523	lia	eu acho que é o amor hh que eles têm pela família, quando a família é do
524		bem... e o medo [também]
525	bel	[e o que você] chama de família do bem?
526	lia	do bem quando [eles tiveram um pouco de amor]
527	bel	[()] como é que eles podem ()?
528	lia	não, não, de início, às vezes não, às vezes quando eles são pequeninhos são
529		tratados <u>be::m</u> e então cria aquele <u>vi::nculo</u> familiar. às vezes a mãe saem pra
530		trabalhar e fica a <u>avó::</u> , tá?então eles têm <u>medo</u> de denunciar. o que que pode
531		acontecer... porque a polícia pra eles ... é uma violência, né↓
532	ina	a violência <u>maior</u> [que eles estão] sofrendo agora é a polícia na favela, né↓
533	lia	[eh, eh é a polícia] a polícia. então eles têm medo. às
534		vezes eles procuram o DO:no <u>trá::fico..</u> INVÉS:: de .. de procurar a polícia,
535		você vê a que <u>po::nto</u> chegou.
536	ina	eh, eh.
537	bel	e, aí, nessas comunidades, onde tem o tráfico, o tráfico, eh::, eh::=
538	lia	=ele <u>sustenta</u> isso, ele <u>aCAba</u> [com as brigas]
539	bel	[ele () um conselho tutelar?]
540	lia	é, exatamente. eles entram e dizem assim: “olha, eu não quero mais bagunça
541		aqui nessa casa..., tá?... porque sua filha acabou de sair” . >e isso [aconteceu
542]até pouco tempo< =
543	bel	[é ::, é::]
544	lia	= e veio denunciar ...que você... anda batendo na mãe, se ela <u>voltar...</u> <u>cara</u> ,
545		tu vai sair... daqui do morro”.
546	bel	e, aí, passa...
547	lia	aí passa.
548	bel	e eles continuam juntos...
549	lia	continuam juntos.
550	ina	esse que morreu agora, as mães:: ficaram assim:: <u>abaladas</u> com a morte dele,
551		porque dizem que ele era assim... apaziguador...ele não permitia briga...
552	lia	exatamente.
553	ina	<u>não</u> permitia violência...diz que era pra resolver tudo na paz... teve dia da
554		criança ele promoveu uma festa <u>grande</u> .. distribuição de <u>brinquedo</u> pras
555		crianças...
556	lia	era uma segurança
557	bel	que coisa! agora quando você.. me desculpa, mas estou até preocupada
558		porque tem tanto assunto. quando você me falou da questão da agressão
559		dessas crianças queima::das... quando fala “chama”, chama os dois? chama o
560		pai e a mãe?
561	ina	chama o agressor. primeiro movimento é registrar :::, fazer a ocorrência na
562		escola, né, e aí liga pra família. o agressor tem de comparecer.
563	bel	mas aí chama quem? se a criança não diz quem <u>fez</u> , vocês vão chamar os
564		dois?
565	lia	o <u>responsável</u> ↑
566	ina	a criança <u>fala</u>]...
567	bel	fala?
568	ina	fala
569	lia	[fala, fala]
570	bel	[acaba falando?], os pequeninhos?
571	ina	os pequeninhos falam
572	lia	fala, fala
573	bel	fala quando? quando vocês <u>dizem</u> que ela foi agredida, ou fala antes?
574	ina	não. quando a gente denuncia que <u>tem</u> um... um..
575	bel	ah., ah...e como é que vocês avisam isso à criança?
576	ina	a gente fala claramente, por exemplo, chegou a menina com o braço
577		queimado. aí: isso no seu braço?” aí, ela... “ah, eu tava dormindo aí um bicho

578		me queimou..” . aí a gente começa a conversar: “mas que bicho foi? será que
579		bicho ia queimar assim? e quem <u>tava</u> com você no <u>quarto</u> ?” “ah, meu <u>pai</u> ”.
580		“e aí, seu pai tava bem..?” a gente vai:::.....induzi:::ndo...
581	lia	a resposta...
582	ina	a resposta.eh. “seu pai tava bem com você? você tinha feito alguma <u>arte</u>
583		aquele dia?” “ah, foi, eu pulei da cadeira, de cima da cadeira e ele ficou com
584		raiva de mim.”. “e, aí o que foi que ele fez?...”
585	bel	ah, ela começa soltando sem fazer relações de causa e consequência: “se eu
586		falar isso vão (inaudível)” quer dizer “se eu falar isso, vão (inaudível), o que
587		um adolescente já faria.
588	ina	eh, eh
589	bel	e, aí, vocês detectam. eh... então:::foi o pai. já viu que foi o <u>pai</u> . aí, chama o
590		pai?
591	ina	chama o pai
592	bel	chama o pai e a mãe ou chama só o pai?
593	ina	na escola a direção chamava o.. o <u>pai</u> , né↓
594	bel	o agressor
595	ina	o agressor
596	bel	e nesse caso, vocês perguntavam, por exemplo, ‘e a sua mãe...’?
597	ina	perguntávamos.
598	bel	e aí?
599	ina	geralmente a mãe... compactua:::va... era neutra, né, na situação.
600	bel	e quando o pai comparece, o pai vem só, não ia a mãe, e ela se omitia
601		totalmente
602	ina	às vezes elas até compareciam, mas[...]
603	lia	[omitia]
604	bel	[omitiam]
605	ina	se omitiam
606	bel	não há caso de mãe que tenha procurado a escola? tem esse caso?
607	ina	não, não
608	lia	tem. tem sim. aqui na escola, sim, no segundo grau já é um pouquinho
609		diferente.
610	lia	tem. tem. aqui na escola, sim, no segundo grau já é um pouquinho
611		diferente...como eu falei com você, eu trabalho com oficinas, então, nas
612		oficinas, as crianças vão pegando um vínculo muito <u>estrito</u> comigo, e eles
613		acabam fazendo denúncias, né? e uma das <u>mães</u> : que me ajuda:va aqui na
614		oficina, ela me procurou pra dizer que o marido espanca:va, tá? então, eu
615		lógico... que eu encaminhei pra... delegacia da mulher:..
616	bel	o marido A espancava...
617	lia	a espancava
618	bel	e ela procurou A escola?
619	lia	a escola, pra contar...
620	bel	e você ...
621	lia	[porque era uma relação estreita]
622	bel	[e você fazia oficina com quem?] com::
623	lia	com a filha, [de dança...]
624	bel	[com a filha] ah, ESSA, essa menina
625	lia	essa menina... não, essa aí já era ou::tro caso.
626	bel	ah::
627	lia	e... a mãe:: então como vinha arrumar as meninas no dia da dan::ça, ela
628		ajudava na confecção de rou::pas e tudo, então, foi tendo um <u>vínculo</u> mais
629		estrito comigo, né, e ela acabou me contando.. então e eu falei:” mas porque
630		que você não procura a delegacia da mulher?” e ela disse: “porque eu tenho
631		medo... eu não sei o que vai acontecer <u>quan::do</u> o meu marido for chamado,
632		eu acho que ele vai ficar mui::to mais violento” então, ai eu conversei com
633		<u>ela</u> , eu disse assim: “você não tem mãe:: não tem uma famí::lia que pudesse
634		te abrigar e faz a denúncia..., né? pelo menos você vai estar mais segura do
635		que voltar pra santo cristo. então ela pegou e resolveu. ela tomou cora::gem de
636		denunciar, né?...então, o que que aconteceu? então ele ficou separado... ficou

637		separado da sra... tinha quebrado até as máquinas de costura porque ela
638		costurava pra <u>fora</u> e ela não <u>tinha</u> outro meio de sustento, e ela foi pra casa da
639		mãe... foi um dos motivos que deu coragem para ela sair, que a mãe <u>tin:ha</u>
640		máquina de costura e ela iria continuar fazendo o trabalho dela, né? que era
641		em madureira. ela foi pra madureira e lá continuou trabalhan:do e sendo
642		atendida pela delegacia da mulher, né. o sr carlos foi chamado, né?... eu acho
643		que ele ficou com um <u>pou::co</u> de medo da poli:cia, e ele foi fazer um trabalho
644		também, ta? um acompanhamento psicológico e procurou a igreja, é muito
645		interessante, né?, essa parte, procurou a igreja, a igreja evangélica
646	bel	hum
647	lia	pra dar <u>apoi:o</u> ao casal. aí:::, ela voltou pra santo cristo, tá:? com a ...porque
648		tava dando um problema muito grande porque tinha uma menina de dez anos,
649		e que <u>estudava</u> aqui na zona <u>sul</u> , pra ela trazê-la pra... pra escola era quase
650		impossível, então::: ela resolveu voltar pra santo cristo pra não prejudicar a
651		menina de dez anos, né? e o sr carlos acabou atendendo a delegada lá de
652		jacarepaguá e voltou pra casa também, mas <u>só...</u> , que de vez, ele retornava ao
653		ponto <u>zero</u> ...
654	bel	hum... e aí
655	lia	aí bebia e usava droga também. até que um belo dia ela foi <u>embo:ra</u> , incrível
656		que pareça ele teve um <u>enfarto</u> ... sozinho e acabou morrendo dentro de casa...
657		aí quando já estava aquele <u>cheiro</u> de putrefação ali...é, um vizinho [que era
658		sargento]
659	bel	[e ele
660		tinha filhos?]
661	lia	tinha duas meninas
662	bel	que estudavam aqui na escola
663	lia	não, uma estudava no município e outra era a escola...
664	bel	e por meio delas, vocês percebiam alguma coi↑sa da menina
665	lia	não. a menina não, ela se omitia, ela tinha <u>vergonha</u> perante os outros colegas
666	bel	e ela era o que, inibida? como era a atitude dela?
667	lia	pois, é, ela veio pra dança e acabou desinibindo, porque ela ...criou↑ o grupo
668		dela, ela começou a dançar e a mãe participando também
669	bel	e quando houve essa denúncia da mãe, ela se envolveu nessa histó:ria?
670	lia	se envolveu tanto que ela foi, hoje em dia ela está saindo professora da
671		escola normal aleixo neto. ela foi pra... escola aleixo neto. depois que o pai
672		morreu ela deu continuidade aos estudos na escola aleixo neto
673	bel	mas eu digo assim, ela tomou o partido da mãe?
674	lia	ela tomou o partido da mãe. ela tinha medo do pai. o pai era muito agressivo,
675		além de ser alcoólatra [ele]
676	bel	[vo]cê ia me contar um caso de estupro.
677	lia	posso contar. uma outra menina do segundo ano me procurou pra contar que
678		ela ia sair de casa. e eu perguntei mas porque vc quer sair de casa? ela disse,
679		dona lia eu não consigo mais porque minha mãe arranjou um namorado... e
680		eu já avisei <u>várias</u> vezes pra minha mãe que ele quer me bulinar. toda noite,
681		depois que a minha mãe está dormindo, ele vai pro meu quarto então eu
682		avisei pra minha mãe e a minha mãe falou o seguinte: é você que assanhada,
683		que está se jogando pra cima do meu namorado, se veja o choque né, então
684		essa::: menina, neide, ela chegou aqui na escola... e disse que não voltaria
685		mais pra casa... eu chamei a mãe, a mãe não quis nem saber, disse que não
686		viria à escola de jeito nenhum então eu disse que eu iria fazer um
687		encaminhamento ao conselho tutelar, tá? só que ela já estava com dezoito
688		anos
689	bel	ah..., aí acontece o quê?
690	lia	aí, o que aconteceu, ela foi pra casa da avó.
691	bel	e ela tem irmãs? essa menina tem irmãs?
692	bel	mas ela não foi ao conselho tutelar?
693	lia	não.
694	bel	nem pra falar da irmã?
695	lia	não, não foi. e depois ela acabou indo morar, veja como são as histórias, ela

696		foi morar com o namorado e levou a irmãzinha.
697	bel	quando vocês notam
698	lia	ah, e aí o que acontece? é justamente nessa hora que há evasão escolar porque
699		eles se perdem no meio do caminho, quando não tem uma solução. ela
700		terminou o segundo ano, chegou ao terceiro ano, mas não conseguiu terminar,
701		porque ela <u>estava</u> com uma preocupação com a irmãzinha, então levou a irmã
702		embora, se juntou com o namora::do e levou a irmã embora e parou de
703		estudar.
704	bel	sei. agora, por exemplo, esse caso de estupro, né, que não dei::xa uma marca
705		visível, vocês tiveram algum caso aqui na escola que você pudessem perceber
706		esse tipo... de violência?
707	lia	aqui tem. tem vários casos. tem vários casos.
708	bel	[que continua acontecendo ou]
709	ina	[mas que nós percebessemos ou] o aluno trás?
710	lia	não. o aluno [trás]
711	bel	[nes]sa idade agora, né?
712	lia	é, nessa idade, é.
713	bel	nessa idade agora, né, mas peque[no assim]
714	ina	[pequeno]....
715	lia	não.
716	bel	e quando... você acha que quando a escola percebe essas situações, elas já são
717		muito antigas? você acha que a escola percebe logo?
718	ina	não. eu acho que a coisa é muito antiga
719	bel	é, né? [por exemplo, em relação ao rendimento?]
720	ina	[tem caso de criança na hora de ir embo::ra], não querer sair da
721		esco::la, chora...
722	bel	°não quer ir pra casa..°
723	ina	é. ontem mesmo, um aluno, que ele na hora de ir embora, ele começou a
724		chorar, chorar, chorar. disse que ele não ia embo::ra, e é a avó::>que vai
725		buscar<.. eu disse, “mas é a sua avó já vem te buscar” e ele disse “mas eu não
726		<u>quero</u> , eu não quero ir com ela, minha mãe não está em casa, e eu não quero
727		ir com ela”. e eu perguntei, mas <u>por que</u> que você não quer, ela te faz alguma
728		coisa?” e ele disse, “ela me bate, ela me bate muito, ela me bate mui::to.”
729	bel	qual a idade?
730	ina	seis anos
731	bel	e aí?...
732	ina	... aí:::, eu... agora estou chamando essa mãe, né? porque não sei se essa mãe
733		tem [conhecimen::to?]
734	bel	[ele é filho único,]o garoto?
735	ina	ele é filho único, e a avó [toma conta]
736	bel	[não tem pai.]?
737	ina	não. não tem. a mãe sai pra trabalhar e deixa com a avó.
738	bel	°(inaudível)°
739	ina	Eh
740	bel	e na questão do rendimento escolar. quando o aluno está indo muito ma:::,l,
741		não aprende, notas baixas e tal, existe alguma relação entre a nota baixa e
742		essas agressões?
743	lia	<u>lógico</u> . é lógico que existe↓. porque o menino emocionalmente não está [apto
744		pra]
745	ina	[a
746		dispers]ão é a [primeira coisa que aparece, não é, lia?]
747	lia	[é, exatamente, é uma das coisas... você] sente desintere[sse]...
748	ina	[eh.]
749	lia	não tem interesse, é como muitas vezes (inaudível) por que está
750		desinteressado? se você faz num relacionamento das primeiras notas dele...
751		são ÓTIMAS, de repente começa a cair, é porque está havendo algum
752		problema....↓.
753	bel	eh, °engraçado, né?°
754	lia	eh, então, nós chamamos, geralmente, pra conversar.

755	bel	e (inaudível)
756	lia	eh, eh, exatamente. eu, um dos casos de violência, que eu tomei
757		conhecimen::to, é assim, nós tínhamos uma:: menina que era jane, a mãe
758		faleceu. até aí era uma família era equilibrada. trabalhava na casa dos donos
759		de uma farmácia. então, o que aconteceu, a avó que era empregada
760		doméstica levou a menina para esta casa para viver, porque não tinha pai,
761		então foi viver, né? só que os <u>patrões</u> botaram a menina como empregada
762		também. .. mas, só, uma das coisas que eu acho que era uma violência muito
763		grande, porque... eles <u>tinham</u> uma filha.. da mesma idade... da jane...
764	bel	qual a idade?
765	lia	a jane quando estava aqui na escola, estava com quatorze anos. ela era bem
766		novinha. e... se a menina jogasse um copo d'água no chão, às vezes fazia
767		proposital, a <u>dona</u> da casa mandava jane limpar "jane, vem cá, minha filha
768		deixou o copo...", então para a menina aquilo era uma violência tremenda. aí,
769		começou a entrar num transtorno que levou ao conhecimento de toda a
770		direção aqui da escola. por que? a menina, além de tudo, ela fazia trabalhos
771		da tal <u>farmá::cia</u> , como , eh, medicamentos que eram manipula::dos. ela... ela
772		recebia esses medicamentos, ela fazia a <u>contagem</u> , pesava e pagavam sessenta
773		reais pra [menina]
774	bel	[e como]é que os transtornos dela se manifestavam na escola?
775	lia	pois é, ela era uma <u>excelente</u> aluna. e era uma criança que chorava <u>muito</u> ... às
776		vezes ela estava em sala de aula e começava a chorar. então, logicamente, ela
777		foi encaminhada pro SOE pra ver o que que estava acontecendo. e ela não
778		contava, porque ela tinha <u>medo</u> que a patro::a viesse saber desse problema], e
779		avó seria manda <u>embo↑ra</u> e onde é que ela iria morar? até que um dia, ela me
780		contou... e eu levei esse caso pra minha filha que é advogada e a minha filha
781		me orientou. porque a avó já estava com sessenta a::nos, já tinha uma
782		aposentado[ria]
783	bel	[hum], hum
784	lia	mas continuava trabalhando na casa, mas fazia trabalhos assi::m... >de
785		exploração<. então, esse dia a senhora, eles moravam aqui na zona sul, foi
786		limpar os vidros da casa teve uma vertigem e qua::se caiu da... janela. aí a
787		jane disse "eu vou sair e vou trabalhar, vou trabalhar e não fico mais nessa
788		casa e volto pra lhe buscar". aí a jane já estava com dezesseis a::nos, já estava
789		terminando o terceiro [ano] e ela procurou ajuda...=
790	bel	[hum]
791	bel	=e em relação aqui vocês conseguiram fazer alguma coisa na época, [não né?]
792	lia	[não,
793		não] porque nós não tomamos nenhuma medi::da pelo medo da menina].
794		como nós estaríamos... se a você seria mandada embora, pra onde ela iria?
795		como ela seria recebida? acha que teria alguma entidade que recebesse a
796		menina e a avó? não teria. ia trazer mais um transtorno, né? então ela
797		aguentou até os dezesseis anos e aí a jane conseguiu um emprego e foi morar
798		perto de niterói, que a avó conseguia passar roupa.
799	bel	agora, em relação [a essas (inaudível)]
800	lia	[isso aí pra mim é violência, entendeu?], violência
801		psicológica inclusive.
802	bel	claro, que é. afinal ela era menor de idade
803	lia	é? quatorze anos?
804	bel	é, claro que é. ela era menor de idade, e aí
805	lia	será que tem direito a partir de quatorze anos ou só dezesseis?
806	bel	é, mas eu acho que aí ela teria que ter uma remuneração, ela teria que ter um
807		determinado horário... eu acho que sim.
808	lia	pois é. só que a avó veio à escola e pediu por favor que nós não levássemos
809		isso adiante porque:: elas iriam ficar no meio da rua.
810	bel	agora, existe algum recurso que poderia existir para ... você acha que a
811		escola... qual a importância da escola nesse sentido aí? você acha que ela
812		escola acaba tendo uma ação mui::to pequena? você acha que a escola tem
813		uma importância? como é que é isso aí? como você coloca a escola aí?

814	lia	eu acho que a escola tem uma importância, sim, tá? mas é pequena [ainda]
815	ina	[alguns]
816		CASOS a gente consegue ter um retorno [satisfa]tório, né, você <u>sen</u> te que
817		conseguiu ajudar
818	lia	[eh.. eh]
819	ina	mas [outros não]
820	lia	[mas outros] não
821	bel	agora, vocês que são de orientação, vocês acham que os professores
822		colaboram, ou eles ainda se omitem muito em relação a trazer essas questões?
823		youê acha que o professor às vezes está tão concentrado no desempenho
824		escolar e achando que tudo é uma questão cognitiva e tal e acaba não...
825		observando bem, ou não?
826	ina	mui:::tos professores trazem
827	lia	trazem, sim, eh. trazem isso. trazem
828	ina	é interessante assim, tem algumas á:::reas...=
829	lia	(risos) que não querem nem saber=
830	ina	(risos) não querem nem saber. a gente repara assim, <u>física</u>
831	lia	<u>não</u> . =
832	ina	=não tá nem aí, né, lia?
833	lia	não ta aí, mas português já...
834	ina	português...
835	lia	português já você <u>sen</u> :::te que <u>exis</u> :::te uma integra[ção] entre esses
836		professores e o aluno e =
837	ina	[eh]
838	lia	= <u>esses</u> professores trazem [mui:::]ta
839	ina	[mui:::ta]
840	lia	né, muita ajuda pra gente
841	ina	até matemática traz mais
842	lia	matemática também, matemática também
843	ina	agora, <u>fi</u> :::sica, é uma incidência <u>grande</u> =
844	bel	porque, você acha?
845	ina	=deles negarem, negarem o aluno enquanto sujeito.
846	lia	história também e não deveria
847	ina	aqui na escola está acontecendo isso, tanto à tarde quanto de manhã
848	lia	eh, eh, história, história
849	ina	eh, história, o que não é comum, né?
850	bel	e você acha que as professoras ficam mais atentas do que <u>os</u> professores?
851	lia	ah, isso varia muito, porque eu tenho um professor de matemática que ele é
852		<u>excelen</u> :::te
853	bel	é mesmo é?
854	lia	eh. ele toma conhecimento dos problemas, traz pra gente
855	ina	aquele professor de educação <u>fi</u> :::sica, de teatro
856	lia	exatamente, o professor de educação física, de teatro, excelente
857	ina	excelente, eh
858	bel	agora, outra coisa, não sei se já perguntei, vocês acham que a vítima, no caso
859		dos adolescentes, geralmente são mais as meninas do que os meninos? ou as
860		meninas falam mais do que os meninos?
861	lia	eu acho que as meninas falam <u>mai</u> :::s.do que os meninos
862	bel	existe diferença na <u>reação</u> , no modo de SE colocar?
863	ina	existe
864	lia	existe
865	ina	eu acho que a menina se coloca mais como <u>coitada</u> , e o menino de uma forma
866		mais... <u>agressiva</u> , né?
867	lia	eh, eh
868	ina	eu percebi isso
869	bel	mas também nesse caso, você acha que isso varia com o tipo de violência que
870		eles sofrem, ou mesmo os dois sofrendo o mesmo tipo de violência eles
871		manifestam diferentemente?

872	lia		ah, eu não sei, eu acho que todos os dois ficam agressivos
873	ina		eu acho as meninas mais passivas. eu fico observando assim, eh, eu trabalho em santo cristo, desde 84. é uma comunidade de muitos nordestinos. eles vêm do nordeste, trazem... geralmente vem o homem primeiro, depois manda vir a mulher, e, assim, essa coisa de espancamento eu acho que era assim... uma coisa natural lá
874			
875			
876			
877			
878	lia		uma coisa peculiar lá do nordeste
879	ina		e às vezes lá, o que eu já escutei, é que lá, muitas vezes, tinha uma mãe que segurava essa <u>conduta</u> do filho, de beber, de bater na mulher, de bater nos filhos. quando eles saem de lá, vêm pra cá
880			
881			
882	bel		ah... a mãe controla ainda o adulto↓
883	lia		controla
884	ina		eh
885	lia		eh
886	ina		quando saem, aí não tem esse controle mais, aí as mulheres sofrem muito e não têm a quem recorrer porque elas não têm família aqui.
887			
888	bel		e no caso das crianças, você percebia que as meninas eram mais afetadas pela violência ou os meninos? ou você acha que era distribuído?
889			
890	ina		eu vi mais meninas....
891	bel		mais meninas?
892	ina		°mais meninas.... eh..°. e mais <u>reprimi:das</u>
893	lia		tô dizendo, que às vezes é reflexo, tem ódio da mãe e pega a filha
894	ina		pega a filha, eh. ela é mais reprimidas. já o menino não, ele chega na escola com RAiva, né, “meu pai me <u>bateu</u> porque eu (inaudível) no <u>chão</u> ”.1
895			

ANEXO 2

Mara: professora de matemática da escola estadual de ensino médio (escola Brasil) e ex- professora de duas escolas particulares de ensino fundamental II e ensino médio

001	mara		eu fui praquele lugar, praquele lugar, ou eu cheguei aqui foi em dois mil e um
002			ou dois mil e dois.. eu acho que foi dois mil e um.
003	bel		hhh, sei.
004	mara		eu acho que é dois mil e um... tudo indica que foi [dois mil e um]
005	bel		[e quando você veio]
006			pra essa escola aqui você tava em qual escola?
007	mara		quando eu vim praqui eu não esta::va dando aula, eu estava numa escola
008			técnica. eu estava como diretora de um cei de joaquim nabuco, que depois se
009			denominou cetep, né? cetep de joaquim nabuco, né? eu tava como diretora. e
010			aí uma desavença de cunho.. político e ideológico... eu... um governador.. que
011			até eu ajudei a eleger..
012	bel		quem era?
013	mara		o (governador fulano), me decepcionou profundamente, não de modo assim..
014			à distância, por um julgamento à distância, mas por um julgamento direto, e
015			aí eu saí e:: fiquei alguns meses na coordenadoria, porque saí do cetep aí
016			cheguei, fiquei alguns meses na coordenadoria, e da coordenadoria eu vim
017			pra cá, porque eu tinha que vir pra sala de aula. e eu queria mesmo, eu disse
018			“eu tenho que ir pra sala de aula, chega.. eu tenho assim experiência
019			administrativa fora da educação e NA educação, porque antes de ir pra escola
020			técnica eu fui diretora do colégio cassiano ricardo.
021	bel		é um colégio municipal?
022	mara		estadual.
023	bel		estadual?
024	mara		do mesmo tamanho desse, fica ali no bairro jardins, na rua pirandelo. não tem
025			a rua pirandelo?
026	bel		sei.
027	mara		fica ali do lado do são camilo, que é o mais famoso.
028	bel		e tem ensino médio então?
029	mara		também ensino médio, mas aí é uma escola noturna, porque é uma coisa
030			muito curiosa.. um colégio desse tamanho, igualzinho a esse, tudo
031			iGUALZinho iGUALZinho, mesma construção, mas é um próprio estadual... e
032			o estado cedeu pro município, então durante o dia o uso é do município, mas
033			o dono é o estado, que o usa à noite.
034	bel		ah, entendi.
035	mara		só que não é supletivo, é um curso.. regular, de ensino médio à noite. e eu
036			trabalhei nessa escola desde mil novecentos e setenta e cinco, por essa
037			escola.. eu cheguei nessa escola em mil novecentos e setenta e cinco, entrei o
038			estado em mil novecentos e setenta e quatro, em setenta e cinco eu fui pra
039			essa escola, saí dessa escola em noventa e um, vim aqui pra prefeitura, vim
040			trabalhar aqui na região administrativa, aqui do lado... e trabalhei de noventa
041			e um a noventa e três, aí saí em noventa e quatro pra ser diretora daquele
042			colégio.. aí saí em noventa e nove pra joaquim nabuco e em dois mil e um eu
043			vim pra cá, eu acho que é isso mesmo, agora eu consegui concatenar o
044			negócio. hhhh
045	bel		agora, eu, o trabalho que eu tô fazendo, essa pesquisa.. ela visa assim ver que
046			histórias os profissionais, que histó:rias de familiares, os profissionais de
047			educação lidam. histórias que de alguma forma trazem, como essas histórias
048			são... como é que vocês têm acesso a essas questões familiares, porque o foco
049			da minha pesquisa é tema de violência, a violência na família, então a minha..
050			as entrevistas que eu tô fazendo são com professor, com pessoal de apoio,
051			orientador e com a direção. é ver como cada um tem acesso a essas histórias,
052			quer dizer, não necessariamente só aqui na escola brasil, mas histórias que

053		você na sua vida profissional já participou, enfim, que chegaram até você e
054		como elas chegaram. e essa minha pesquisa é uma pesquisa pro doutorado
055		que eu faço.
056	mara	olha:, é:: vai ser um pouco difícil eu te dar elementos substanciais, diga-se de
057		passagem, porque eu sou muito distante de ver, não sou porque quero, é a
058		própria atividade que a gente desenvolve que.. quer dizer... sempre no ensino
059		público eu sempre tive muito mais próxima do adolescente quase adulto do
060		que propriamente do mais.. do adolescente na primeira fase, então a sala de
061		aula, você é titular de uma aula que você tem uma disciplina pra ministrar
062	bel	a sua disciplina é matemática, né?
063	mara	uhum... então, dificilmente algum aluno vai me trazer um problema, apesar
064		de eu ser uma pessoa muito... eu sou formal, mas eles depois de um certo
065		tempo eles percebem que a minha formalidade tem passagem, que eles têm
066		como chegar a mim. então, um ou outro, às vezes traz uma coisa ou outra e eu
067		tento falar e tudo, dou aquele... mas é muito solto.
068	bel	é.
069	mara	não tem como você interagir de forma muito direta. quando alguma coisa eu
070		percebi, que me passou assim, não só falava com o aluno com muita abertura,
071		com muita tranquilidade, deixava ele bem tranquilo, mas também procurava e
072		dizia, “olha, você tem que procurar alguma outra pessoa que converse com
073		você sobre isso e tal”↓. e aí se a escola tinha a quem eu pudesse recorrer, eu
074		recorria. e dizia, fulano de tal, procura conversar com fulano. porque é muito
075		difícil você chegar e estar muito próxima daquele aluno e acompanhar o
076		problema dele.
077	bel	e quando, se você perceber alguma coisa, que tipo de reação que você
078		percebia do aluno que te levava a conversar com ele? ou ele te procurar? quer
079		dizer, era da disciplina ou...
080	mara	não. tem uma coisa que é muito engraçada. eu sou muito perceptiva, então eu,
081		às vezes... são trinta e cinco anos de magistério. então, só na fisionomia do
082		aluno, só no comportamental dele, eu já percebo que tem alguma coisa. então,
083		muitas vezes eu chamo e digo vem cá, está acontecendo alguma coisa? só que
084		é uma coisa que se tem e ele me passa, eu deixo ele à vontade. se tem e ele
085		me passa é uma coisa que eu não posso, eu não posso me dar o luxo de tá ali
086		atuando junto dele... não tem como... você entra cinquenta minutos, cinquenta
087		e cinco minutos com aquele grupo e você tem a matéria e vamos embora. tem
088		quarenta, tem trinta e cinco, tem trinta... enfim, é difícil. com o Caminhar, às
089		vezes você tem aquele aluno que você deu aula na primeira série, que você dá
090		na segunda, daqui a pouco você dá na terceira, então, às vezes ele se torna
091		uma pessoa mais próxima. e em pequenas coisas que você fala com ele, você
092		percebe que tem aquele problema familiar, alguma coisa assim.. sinto que foi
093		uma centelhazinha que ajudou e aí eu percebo que venceu. e tem aquele que
094		não vence, que exclui, ele mesmo acaba se excluindo.
095	bel	e como professora, tem algumas histórias que você já compartilhou com os
096		alunos?
097	mara	tem, muito mais... tô tentando aqui, minha cabeça, já te falei que a minha
098		memória é muito seletiva, e eu sou muito do agir aqui e agora.
099	bel	(inaudível)
100	mara	agir aqui e agora.
101	bel	() hhhh
102	mara	exato. agir aqui e agora. então é difícil daquilo ficar. pode ser que amanhã ou
103		depois... ah:, me venha aquele momento, entendeu? mas se eu tivesse como
104		conviver, como estar mais daquela situação provavelmente, mas tem, eu tô
105		aqui buscando uma situação vivida na escola particular. porque eu fui
106		professora do colégio são lucas e do colégio são pedro. do colégio são lucas
107		foram vinte e nove anos, do colégio são pedro foram doze. então eu tenho os
108		dois lados e=
109	bel	muito bom.
110	mara	=e dicotômicos. porque o lado da escola noturna é uma coisa, a escola
111		diurna.. pública, tá? a escola diurna pública. o turno da manhã aqui é

112		totalmente diferente da tarde e é totalmente diferente do da noite... você tem
113		três colégios, três situações
114	bel	eu sei...
115	mara	três situações que você sabe que são três colégios. então aqui eu só trabalhei
116		no turno da manhã e no turno da tarde. o turno da noite eu não quero ne::m
117		ver, porque nessa outra escola que eu dirigi, enquanto professora que fui, era
118		noturno. então, foram vinte e dois anos...
119	bel	trabalhando à noite...
120	mara	trabalhando à noite. em sala de aula. ali eu tive até ma::is... um manancial
121		maior do que eu tenho até aqui. porque eram adultos ((telefone toca)) e:: tinha
122		de tudo quanto era idade.. e:: o adulto, às vezes era mais fácil, às vezes eles
123		me procuravam porque o adolescente tem muita dificuldade de falar o
124		problema dele pra alguém, mas já o adulto, que trabalha, ele já não tem tanta
125		dificuldade porque ... ele pode ter vergonha...
126	bel	não tem tanto medo, né?
127	mara	mas, aí ele já sente mais...
128	bel	a dificuldade do adolescente é, você acha que é por quê? a dificuldade dele de
129		abrir, de contar os problemas dele. você disse que o adulto tem...
130	mara	é, por exemplo, você pega um aluno que está com dezesseis, dezessete anos,
131		ele tem mais dificuldade de chegar pro professor e dizer “pôxa, tô com um
132		problema assim, meu pai bebe e bate na minha mãe”, uns negócios assim. é
133		difícil de ele chegar e falar isso porque é capaz de ele falar isso pra
134		coleguinha que está sentada do lado dele, mas não vai chegar a mim a troco
135		de NAda e me dizer aquilo, mas, por exemplo, eu chegar e questionar, “pô,
136		cara, cê tá esquisito, o que você tem?” “ah, tô com problemas em casa”. o
137		máximo que pode acontecer é isso. e eu não sou daquele tipo que fica
138		espetando não. mas fico dando umas rodeadas e tal, de maneira que EU
139		possa, dentro do nosso âmbito, tentar ajudá-lo. agora, na situação dele de casa
140		eu não tenho como.
141	bel	você ia falar da escola particular?
142	mara	não, eu ia de quê?
143	bel	são lucas ou são pedro...
144	mara	várias histórias ali...
145	bel	é mesmo? geralmente a escola particular a gente pergunta e não, não sei, não
146		tenho...
147	mara	eu vou falar isso, mas por favor você não ...
148	bel	os nomes das escolas não são citados.
149	mara	eu vou falar os nomes de pessoas=
150	bel	[mas o nome de ninguém é ...]
151	mara	[=de pessoas públicas.]
152	bel	[até porque...]
153	mara	[o tobias foi meu aluno.]
154	bel	[ah..porque há uma questão ética...]
155	mara	[só estou te dizendo que o tobias,] que é político, foi meu aluno. e ele foi
156		meu aluno na oitava série. e ele era um aluno problema no colégio são lucas.
157		muito problema. ele estava a ponto de ser expulso, expulso. num colégio
158		particular você não é expulso, você é convidado a se retirar, né? de alguma
159		forma. e ele estava a ponto de ser expulso. quando eu fui ser professora dele,
160		com todos os outros professores, porque você é um professor setorial, né?
161		((tosse)) então, ele estava e aí todos nós fomos chamados depois de um certo
162		tempo para votar se ele iria ser convidado a se retirar ou se ele ficava. o
163		motivo... eu estou falando aquilo que eu ouvi... o motivo que estava sendo
164		questionado é que ele era muito rebelde, muito questionador, desrespeitava e..
165		usava droga. é violência de alguma forma, né? e aí, depois de um certo tempo
166		que a gente foi chamado. e aí, o que que você achou dele? eu disse, olha,
167		respeito tudo que cada um disse aqui, eu não tenho problema com ele. aliás,
168		eu vou lhe ser franca. não tem. são trinta e cinco anos e eu nunca tive
169		problema com aluno, problema forte, pesado, de violência, eu nunca tive. aí
170		eu disse, não sei como ele era antes, é a primeira vez que estou vendo, mas

171		ele tá na dele e ele é MUito inteligente. e ele, se ele já sabe da história dele,
172		ele tá quietinho, se mantendo pra não acontecer nada. e não me desrespeitou,
173		não me desacatou, não falou nada. agora também tem uma coisa, eu não sou
174		de chegar e cutucar onça com vara curta. eu, eu tento perceber onde é que eu
175		tô. e, quer dizer, ele é um, que seria uma história...
176	bel	mas tinha alguma... na história dele, nas conversas com ele, quer dizer, ele
177		chegou a se estressar?
178	mara	não, não. colégio particular você não sabe. quem sabe da história, da vida do
179		aluno é a orientação educacional e a orientação educacional quando sabe de
180		alguma coisa, não abre. às vezes, eu conseguia porque a orientadora, quer
181		dizer, a partir do momento que a orientadora começava a perceber com quem
182		tava lidando, seria eu, algumas coisas ela abria. sabia que eu ... porque é
183		perigoso..
184	bel	claro, claro.
185	mara	você chega pro professor e diz olha fulano de tal tem isso, assim, assim. e o
186		professor pode enquadrar esse aluno de uma maneira...
187	bel	você não sabe como o professor vai lidar.
188	mara	exatamente. e como muitas vezes eu dizia pra ela, não, me passa porque se
189		você me passar eu posso compreendê-lo melhor, mas eu não vou dizer nada
190		pra ele. então eu ganhava a confiança, então muitas vezes eu sabia de coisas
191		que não deveriam ser passadas para os professores e que são esses problemas
192		que envolvem família. eu tive um aluno que:: quem cuidava dele era a
193		empregada. vá::rios, na escola particular, vá::rios. um montão. era como se
194		não tivessem pai e mãe. esse até, o menino, eu não sei da vida dele, eu me
195		lembro muito bem dele porque me causava muita pena. porque ele era
196		um garoto inteligente, mas ele vinha com a roupa suja, sem botão. a vida dele
197		não tinha controle, não tinha quem controlasse. ele fazia tudo que ele tudo
198		que ele queria. inclusive droga. lógico que cai pra droga. você não tem um
199		aporte. quando às vezes tem um aporte também cai. muito mais a
200		probabilidade de cair não tendo, né? então, é uma coisa assim. esse também
201		era outro que tava pra ser expulso do colégio são lucas e era de família
202		fa::mosa. esse, é, ce, ce, ó. quer dizer, uma família famosa aí. acho que de
203		juizes, não sei o quê, blá blá blá. mas assim.. um outro que a mãe ficava a
204		noite inteira... tô te dando assim... [não deixa de ser violência. eu considero
205		isso violência.]
206	bel	[claro, claro. a omissão também é uma
207		violência.]
208	mara	claro. e esse outro foi muito engraçado, mas com esse eu tive muito pouco
209		convívio. a mãe não dormia, tinha insônia. então obrigava o filho a ficar
210		participando, de noite, de atividades que ela inventava e o filho tinha aula às
211		sete horas da manhã. não dormi:a... e assim vai. e ela obrigava. isso não é
212		uma violência? só é, né? oh... sobrando.
213	bel	e era filho único? não, né?
214	mara	e tomei muito pouco partido porque a minha.. quando eu soube da história,
215		assim que eu vi, eu tive vontade de “quando essa mulher aparecer aqui eu vou
216		dizer umas verdades pra ela”, mas..
217	bel	e a escola com certeza chamava, conversava?
218	mara	sim, a escola particular nesse ponto você tem o orientador educacional ali
219		tomando, de olho, de olho. aqui você não tem. você tem uma ina que não é
220		orientadora educacional, que fez psicologia, que é minha colega, que é minha
221		amiga. trabalhou comigo em várias situações e que também tava meio jogada
222		e eu disse, bia, não tem ninguém de manhã, puxa a ina pra cá. foi um custo.
223		ela veio pra cá. de forma que ela pudesse fazer um trabalho de quase que
224		ouvidoria, né?
225	bel	de escuta...
226	mara	de escuta, né? e agitar aqui. agora aqui... problemas que eu tenha passado
227		aqui? eu, nenhum.
228	bel	e os professores nas reuniões que vocês fazem pra discutir... como é que é,
229		aquelas reuniões...

230	mara		nos conselhos de classe...
231	bel		nos conselhos de classe... essas coisas são levantadas no conselho de classe?
232	mara		aqui?
233	bel		ah, o aluno tá ruim. e eu soube...
234	mara		às vezes se passa, sim
235	bel		normalmente, como são essas histórias?
236	mara		aqui não tem filtro. não tem filtragem, mas também não tem.. como é que eu vou explicar, uma preocupação pra passar.
237			
238	bel		quem é que sabe das coisas aqui?
239	mara		quem pode saber hoje é a ina... que poderá passar, mas antes da ina não tem.
240	bel		mas eu digo assim, os professores entre eles falam, ah, o aluno chegou assim, assado e aí eu ...
241			
242	mara		em partes a gente troca. às vezes.. agora você vê, eu tô segunda e sexta. eu só posso trocar com quem tá na segunda e sexta. tem terça, quarta, quinta, né↓
243			
244			não sei quem tá. são colegas, que eu sei, mas quando eu estou com eles? nos conselhos de classe, só... aí ali a gente pode ficar sabendo de alguma coisa.
245			
246	bel		e tem alguma história que foi levantada importante?
247	mara		tem, tem, tem. não sei te precisar, mas tem.
248	bel		e normalmente é o que?
249	mara		olha, pinta de tudo, né? droga, as situações familiares de pai ausente e mãe ausente e: sei lá. é o que eu tô dizendo. não vivo muito isso.
250			
251	bel		na sua história anterior à escola brasil, sua história como diretora de escolas municipais e tal...
252			
253	mara		lá na, lá na .. em joaquim nabuco, não me pergunte porque era um trabalho muito administrativo. então, tinha outra pessoa que pegava muito a parte pedagógica. e eu pegava mais a parte administrativa. que aliás, eu não vou dizer, mas é que a pedagógica lá era muito chata e eu não queria... ah, eu não quero saber disso daqui não. era tudo às avessas e eu disse tchau, tchau, tchau. isso não vai funcionar comigo. da direção à noite, aí tem história. e eu vou bater na mesma tecla: droga, viciado, traficante. aqui.. tinha uma menina, não foi minha aluna, minto, foi minha aluna. enquanto foi minha aluna, eu nunca soube de nada. vim a saber depois que ela deixou de ser minha aluna. ela era irmã de um traficante que eu não sei te precisar se de santo cristo ou do atalaia, de um traficante de lá. ela era irmã. nunca eu desconfiei de absolutamente nada. aí, um dia, um aluno disse assim, “ih, professora, fulana de tal foi sua aluna?” “foi.” “se a senhora tiver algum problema, a senhora fala com ela. o irmão dela é traficante. resolve tudo que precisar.” (1.0) um outro que era um rapazinho que foi meu aluno várias vezes sem a menor condição de estudar. você tem aqui aquele aluno que veio da rede pública municipal totalmente defasado que chega aqui.. o ensino tá aos trambulhões, né↓ então, ele chega, ele não tem condição de entrar na primeira série. aí, a gente por mais que desça, ele não corresponde. ele não quer nada, não sei de onde ele é, é de alguma dessas favelas aí. e aí foi reprovado uma vez, foi reprovado a segunda, aí ficou em dependência, aí fez dependência comigo, aí fez dependência com não sei quem. aí um dia ele armou uma ameaça. “a senhora tem que me aprovar. porque eu vejo sempre aquele carrinho bonitinho da senhora.” eu virei pra ele e disse assim, “escuta, aqui isso é uma ameaça? seja claro, porque se for, a gente vai BAtalhar no mesmo nível.” olhei ele firme nos olhos. nunca mais. porque não sou mais forte, nem nada, mas se eu tiver que peitar, eu peito. entendeu? então...
254			
255			
256			
257			
258			
259			
260			
261			
262			
263			
264			
265			
266			
267			
268			
269			
270			
271			
272			
273			
274			
275			
276			
277			
278			
279			
280	bel		e você trabalhou em escola de crianças também?
281	mara		não, só mais com adolescentes. não sei lidar com crianças.
282	bel		e os adultos? que você falou que às vezes tem problemas e chega e conversa. o que eles falam? qual é o teor, assim, qual é a motivação deles pra vir falar, quais são os problemas, como é que eles fazem pra vir falar?
283			
284			
285	mara		às vezes o aluno tá tão mal... ele tá faltando, ele tá com uma nota horrorosa, ele tá sentindo que não tá dando. aí às vezes ele senta e diz, “professora, é porque eu tô com um problema”. ou é de trabalho ou é familiar. entendeu? ele chega tentando colocar aquilo de modo que eu passe a mão na cabeça dele,
286			
287			
288			

289		entendeu? então... e eu não passo a mão na cabeça, mas sempre dou a ele uma chance.
291	bel	agora, assim, problemas que vocês possam ter vivenciado, você na sua história, na sua história de de professora, de você perceber que a criança veio pra escola quando ela foi agredida pelos pais ou veio pra escola...
294	mara	naquela escola eu tive problema, estou te falando, mas não eram crianças, eram adultos. é problema de adulto quase, praticamente de adulto mesmo.
296	bel	mas de adultos sendo agredidos ou adultos...
297	mara	ué, eu tive uma vez, eu tava na direção da escola, tipo essa salinha dali, é porque você não conhece a entrada. então, a sala da direção a gente tinha visão por essas venezianas do portão principal. aí nisso, tava pra começar o:;, lá começava seis e meia. seriam o quê, seis e quinze, seis e vinte. e o pessoal ainda tava começando a chegar, ia demorar um pouquinho. e no que eu olho assim pela veneziana, eu vejo um cara entrar armado. (2.0) aí quando eu vi que o cara tava entrando armado, saí. aí esse mesmo hall que tem aqui.
304	bel	sei.
305	mara	faça de conta que aquela porta de lá tava aberta, era a entrada, o cara entrou, eu saí da sala e cheguei no hall. no que eu cheguei no hall, tinham alguns alunos num espaço assim, na parte de fora, e isso já era praticamente de noite. é, tava anoitecendo. quando eu cheguei, eu me coloquei na frente dele. e disse, vai aonde? ele queria subir pra pegar um cara no segundo andar. ele ia matar.
311	bel	mas ele era o que dessa pessoa?
312	mara	eu não me lembro da história. como é que era... o cara, o cara fez qualquer coisa, é:, tipo assim, roubou ele, é uma história assim. aí eu peguei e me coloquei na frente dele e disse não, você não vai subir. só se você passar por cima de mim. aí quando eu dei conta os alunos fizeram um círculo. por trás, todo mundo calado. aí ele começou a falar e eu disse “não vai entrar, não vai subir”. aí ele, a coisa se dissipou e ele foi embora. aí um aluno disse, “professora, a senhora sabe quem ele é? ele é lutador de tailan... de de .. boxe tailandês. o fulano de tal é um dos expoentes do boxe tailandês”. eu disse, “e daí?” quer dizer, vai me dizer que eu não tava com medo? tava, é claro que eu tava, evidente que eu tava. mas foi, foi, foi acima de mim. então eu fui. aconteceu isso com uma moça que estava na sala e quando eu assumi essa escola, os alunos iam, as meninas iam do jeito que queriam, elas iam de bustiê, de shortinho, com as bundas todas assim. e eu comecei a cortar isso. não, não, não, não, não... e ela, nesse começo, ela estava de short, com um shortinho, e o cara passou a mão na bunda dela, aí deu maior confusão.. deu briga mesmo pra valer, levou bofetada do cara, arranhou o cara...
328	bel	dentro da escola?
329	mara	hhhh, dentro da escola. você quer violência? taí. aí ela era moradora do horto, lá de cima. e ele era do atalaia. ih, armou-se aí uma coisa quente. porque aí ela tinha irmãos, e os irmãos vieram na escola pra tomar partido. ih, e o outro era de lá e tinha também conhecimentos, influências, essas coisas. LÁ tinha muita coisa.
334	bel	mas, assim, esses adultos que você falou, que tinham essas histórias, ou esses alunos, eles vinham com alguma questão, por exemplo, adulto dentro da família deles, na casa, na relação com a família interna, dentro de casa?
337	mara	tinha. com certeza tinha. mas é que...
338	bel	eles não abriam isso?
339	mara	porque PObre, aí eu vou te falar, pobre, adulto, que tá com esse tipo de problema, ele, na minha visão, já tá acostumado. só quando isso assume um nível, que eu acredito que começa a inviabilizar o trabalho dele e o caminhar dele é que ele vai buscar alguma ajuda. caso contrário, aquilo já é pra ele.. normal.
344	bel	tem uma convivência com essas coisas...
345	mara	eu considero isso, não sei se tô errada, mas eu considero isso. e a criança, a criança pequena é diferente, né↓ eu acho. não tenho experiência e não é muito o meu feito não. eu gosto muito de crianças, de qualquer idade, pequena, mas

348		não pra lidar como professora. não vai funcionar.
349	bel	mas você acha que no caso da criança pequena ela fala mais?
350	mara	dependendo da idade, eu acho que às vezes ela consegue, às vezes ela ficava
351		muito, né↓ também assume. depende do status dela, mas às vezes ela também
352		deixa passar. depois de passar, ela pode recuar.
353	bel	mulheres, você acha que assim na sua observação existe diferença? vamos
354		supor, você via mais mulheres atravessando questões dentro da própria
355		família de agressão dos homens?
356	mara	sim, sim, sim... e elas declinam mais, elas... é que eu me lembro. é porque eu
357		tinha muito.. eu era a diretora e tinha a minha adjunta. e a minha adjunta
358		gostava muito de... ela é que teria muito mais histórias pra contar do que eu.
359		porque ela gostava de chamar e falar, não sei o quê, não sei o que lá. eu aceito
360		que venha, quando vem numa boa, mas, como é que eu vou te explicar...
361	bel	você não vai atrás, né?
362	mara	não, eu não vou atrás. vou assim, se eu percebo que eu tenho um aluno dentro
363		de sala que eu sinto ali que tem alguma coisa, que ele tá angustiado eu vou, aí
364		eu vou. eu tento, e aí? o que houve? tá com uma carinha? tá passando algum
365		problema? posso ajudar? eu tento. mas...
366	bel	e normalmente quando você vai assim o aluno?
367	mara	fala, fala. tem um aqui que até eu cheguei pra ele recentemente “não estou
368		gostando da sua cara. o que tá acontecendo?” “ah, é o trabalho, professora. o
369		trabalho tá me consumindo.” bom, aí eu não tenho muito o que fazer. por
370		exemplo, um agora saiu dizendo assim, tocou o celular ele disse “dá licença”.
371		aí ele saiu, daqui a pouco ele voltou, “ah, eu não, vou não”. ele trabalha, ele é
372		entregador de pizza. então, ele entrega pizza sábados e domingos e durante a
373		semana ele descansa. tem aula. mas eu acho que ele também trabalha durante
374		a semana. “ah, tão me chamando, eu tô de folga.” a fisionomia dele. estou até
375		um pouco impressionada porque ele é muito magro e a fisionomia dele é de
376		quem passou noites em claro. aí como tem a olimpíada, o que tem de gente
377	passando a noite em claro. não é a referência, né?	
378	bel	e você falou sobre as mulheres, que você acha que as mulheres declinam, né?
379	mara	tinha muita mulher no colégio que eu dirigia, né↓ elas chegavam e diziam, ah,
380		eu tô grávida e aconteceu isso.. tipo pai, aquelas coisas. essas, elas chegam,
381		elas se abrem.
382	bel	era violência de pai?
383	mara	não, elas ficavam grávidas e às vezes até alguns casos até de estupro. é mais
384		difícil, aí ela vai falar com mais dificuldade.
385	bel	mas ocorreu isso com você?
386	mara	sim, com certeza.
387	bel	como é que eram? você se lembra dessas histórias?
388	mara	é, rolou. aí tem, aí, ina trabalhava junto com a gente. aí, chamava, ina,
389		conversa com fulana, tá rolando ali um babado assim.. tatatatata.. aí, ina
390		conversava, depois ina vinha e trazia.
391	bel	e essa pessoa era o quê? uma adolescente?
392	mara	ah, normalmente seus dezoito, dezessete. porque à noite.. inclusive nós não
393		aceitávamos muito alunos com idade baixa.
394	bel	aham.
395	mara	por exemplo, pintava uma aluna lá pra fazer matrícula com quinze anos. quer
396		dizer, nã, nã, não. porque tá num curso, numa escola noturna, ia sair de lá dez
397		horas da noite... você conhece o bairro jardins?
398	bel	eu sei. é super escuro.
399	mara	tem uma linha de ônibus. normalmente eles saiam dali eles iam a pé.
400		entendeu, então tinha, não quero. dá problema, a escola é alvo de de
401		traficante, que quer passar droga, aquele negócio todo. então você quanto
402		menos idade tiver.. quanto mais idade tiver, melhor. mesmo que eu tenha um
403		traficante ali dentro. mas eu não tenho muita gente pra se viciar. entendeu?
404	bel	e no caso dessa história que você falou dessa menina, quantos anos você
405		falou? dezoito que ela tinha?
406	mara	qual?

407	bel	na época que você falou que era estupro, que tinha..
408	mara	não, tinha mais de dezoito. era aquelas () de local que mora, nada de, nada
409		de uma coisa assim, é...
410	bel	mas a pessoa vinha até a escola pra procurar a ajuda de vocês?
411	mara	não, falou isso em um determinado momento, que tava passando por um
412		problema, tava grávida, pareceu que tava grávida. aí, conhece aquela mulher?
413		vamos supor, tá com vinte e um anos, aí tá grávida, ela vai dizer o que, que
414		foi estuprada? ela tá na escola, aparece grávida, ela tá grávida. mas às vezes
415		ela pode chegar em determinado momento, não estar bem, ela pode falar. e
416		acho que foi isso que aconteceu, mas não foi COMigo. alguém ficou sabendo,
417		entendeu? e aí o assunto foi captado por quem? no caso, foi ina, foi alguém.
418		ou foi essa minha adjunta, que lidou com isso, depois elas me falavam.
419		porque eu tava muito na posição de diretora, né? e quanto a professora que eu
420		fui, não chegava, eu não chegava nessas coisas.
421	bel	e como diretora.. essas histórias, quando vinham, quer dizer, um caso desses,
422		né, se ela é maior eu não sei. como é que fica do ponto de vista legal? quer
423		dizer, a escola é orientada pra procurar algum órgão?
424	mara	NUNca, nunca.
425	bel	uma aluna chega e diz ["eu fui estuprada"]
426	mara	[nunca.. nunca.] você nunca sabe o que deve fazer.
427		claro que você vai ser orientada porque, pelo teu bom senso, pela tua
428		experiência de vida.
429	bel	se você chegar com uma história dessa hoje aqui, fica perdido... digo assim,
430		qual rumo que essa história teria aqui dentro hoje? se disser "ah, eu tenho
431		uma aluna aqui que disse que foi estuprada e tá grávida".
432	mara	não sei... com certeza, não sei. se me disSEsse, a mim, pessoalmente,
433		imediatamente eu dizia, "minha filha, eu vou falar com ina, marcar pra você
434		conversar com a ina". se eu sou uma pessoa boa pra falar sobre isso, até posso
435		ser, prestar alguma ajuda, mas não sou melhor a melhor pessoa. tá claro isso?
436	bel	uhum.
437	mara	agora, aqui no colégio, não sei se tem histórias assim, se os professores... mas
438		deve ter. quem deve ter MUITa história pra contar é a lia da tarde. porque a lia
439		acho que também pegou a noite, mas a lia é uma pessoa muito (difícil) ((fala
440		em voz mais baixa)).. você conhece.
441	bel	eu fiz uma entrevista com a lia e a ina. e a ina foi, teve assim uma quantidade
442		assim muito interessante.
443	mara	ina tem, ina tem porque bastante porque, primeiro porque é psicóloga, tem a
444		formação de psicóloga, trabalha no estado, ela gosta, ela vive essas coisas. às
445		vezes, o que que acontece? vamos supor, a ina tá como orientadora, ela pode
446		passar pra um ou pra outro determinadas coisas, prum professor, no sentido
447		de querer ajudar a que o professor tenha u::m, administre em sala de aula
448		aquela dificuldade dos alunos.
449	bel	você vê, normalmente você dá aula de matemática, o resultado, o
450		desempenho do aluno tá muito ligado a essa...
451	mara	minha área é uma área muito fria.
452	bel	mas eu digo assim, um aluno chega ou é mais agitado, ou é mais indiferente?
453	mara	a apatia é uma coisa... à tarde é pior.
454	bel	é mesmo? por que? qual é o ponto?
455	mara	eu acho o aluno da tarde, porque eu já trabalhei aqui à tarde e nunca mais,
456		não quero. apatia muito grande.
457	bel	é?
458	mara	é.
459	bel	mas são os alunos, os alunos da manhã são...
460	mara	são mais ativos.
461	bel	mas são vindos de qual local, quais locais da cidade?
462	mara	vi::xe=
463	bel	=da manhã e da tarde?
464		olha, a clientela aqui é muito de santo cristo e atalaia. mas tá começando a
465		mudar..

466	bel	tá vindo zona sul também?
467	mara	muita gente de zona sul. asfalto, asfalto, asfalto... que a gente chama de asfalto.
468		
469	bel	sei
470	mara	muita=
471	bel	=e à tarde? =
472	mara	=e gente de classe média.=
473	bel	=e à tarde?
474	mara	não tenho convivência à tarde, não sei como está à tarde. já trabalhei à tarde..
475	bel	você falou que à tarde os alunos são mais=
476	mara	=num período e eu cheguei aqui e vim trabalhar em dois turnos, de manhã e à tarde. eu pegava de manhã e seguia, pegava à tarde. dois mil e um, dois mil e
477		
478		dois, dois mil e três. acho que em dois mil e três em diante que eu comecei
479		a.. passei só pra de manhã, disse “quero ficar só de manhã”. e era muito.. e eu
480		acho que tem tem, por exemplo, quem dá aula de português, quem dá aula de
481		filosofia, sociologia, são áreas que de acordo com o que tá lidando, às vezes
482		provoca uma manifestação dos alunos, né? tá lendo um texto e “ah”, e
483		aquilo... matemática não tem. tem que ser assim, é a minha observação.
484		alguma coisa que eu tô percebendo, eu percebo, eu tento, eu tento chegar
485		junto. se me der abertura a gente conversa.
486	bel	e eles falam?
487	mara	falam um pouco, mas eles, até porque, como eu vou dizer, sou uma
488		professora camarada, entendeu? eles gostam de mim, eu gosto deles. na
489		verdade eu sou sempre aquela que “tô aqui pra, não é pra atrapalhar vocês,
490		não é pra prejudicar vocês, mas a gente tem que ter uma troca legal”. aí eles
491		entendem e a gente vai embora.
492	bel	o aluno da noite então é pessoal que trabalha, né?
493	mara	de dia.
494	bel	porque na minha época era isso.
495	mara	tem de tudo.
496	bel	mas às vezes tem um aluno de quinze anos à noite?
497	mara	é, porque chega, não, tá trabalhando, não sei o quê. aí tem que botar à noite.
498		não me pergunte como é à noite porque eu não sei. e na verdade tudo que eu
499		sei de noturno ficou lá atrás, mil novecentos e noventa até mil novecentos e
500		noventa e um. eu fui professora na sala de aula. depois em noventa e um eu
501		saí, voltei em noventa e quatro como diretora. já é diferente, a visão é
502		diferente.
503	bel	os pais normalmente procuram a escola pra falar dos filhos, com o professor,
504		com a direção?
505	mara	é difícil. por exemplo aqui, uma turma de manhã. foi de manhã ou foi à tarde?
506		de manhã. eu tô na sala junto com a coordenação, foi engraçado isso, aí eu
507		olho e vejo na porta um cara vestido com a roupa de gari. eu olhei o rapaz tá
508		ali na porta. aí a marli disse assim, “ah, ele é aluno dessa sala aí. fala com a
509		professora”. aí ele olhou pra mim com aquela cara assim, né? e que que
510		acontece? as pessoas não, elas entram na escola, se for pai, eu vejo assim,
511		elas ficam muito intimidadas. seria assim, né?
512	bel	deslocadas...
513	mara	aí ele chegou, “é que sou pai de fulano”, nem me lembro. já falei que minha
514		memória é seletiva, eu guardo a essência da coisa, mas o resto joga fora. aí eu
515		me lembrei, foi muito marcante. “eu sou pai de fulano, ele está?” “não
516		senhor.” o filho dele era um galalau com dezesseis anos, mas um galalau.. aí
517		encostei a porta e perguntei, “que se passa? posso ajudar?” “não, a senhora
518		sabe o que que é? ele me diz que vem pra escola, agora a senhora sabe de
519		uma coisa? ele tá me pedindo dinheiro pra comprar um tênis que custa
520		trezentos reais.” olha que isso já foi há uns anos atrás. “só que aí eu resolvi
521		vir na escola pra saber se ele tá vindo, frequentando a escola. ele não tá, né?”
522		eu disse, “não senhor”. “ah, e me pede o tênis de trezentos reais. a senhora
523		sabe quanto eu ganho?” eu disse, “tenho ideia”... aí, ele falou assim, “ah”. “o
524		senhor quer saber como ele é na matemática? muito mal.” eu digo logo na

525			cara. “muito mal, muito mal porque não frequenta. vou lhe dizer, falta muito
526			mesmo.” aí ele, “anda com maus elementos, e não sei o quê, não sei o que
527			lá”, e o cara começou a falar.. e ele queria trezentos reais do pai pra comprar
528			um tênis.
529	bel		será que era pro tênis?
530	mara		o que que o pai fez? não sei porque não há um retorno. dessas coisas não há
531			um retorno.
532	bel		esses alunos que faltam muito, as escolas não chamam os alunos pra
533			conversar dessas faltas ou...
534	mara		não tem como. tem? não tem mesmo.
535	bel		e você sabe o motivo de não ter essa assistência?
536	mara		sei. o próprio governo não dá condições de infra-estrutura pra ter... ah, o
537			governo pensa o quê? tem que ter diretor... diretor, diretor e a secretaria. você
538			tem na secretaria o quê? uma pessoa habilitada como secretária, quando tem.
539			se não é uma pessoa que exerce, dão autorização para tal. quem mais? tem
540			que ser um, um.. tem que ter um servidor que é administrativo pra ele poder
541			estar ali. porque professor não pode.
542	bel		tem inspetores?
543	mara		não.
544	bel		não tem inspetores?
545	mara		aqui tem. essa tem. mas você não tem a figura do=
546	bel		=quem é o inspetor aqui?
547	mara		o seu pedro e o seu joão. mas que são através de quê? da firma terceirizada.
548			você não tem o funcionário, o servidor que tenha a função DE inspetor. você
549			tem limpeza terceirizada, você vai ter o::
550	bel		o inspetor aqui, qual é a função dele?
551	mara		administrar os alunos no pátio, entrada, saída. esses aí conhecem todo mundo.
552			eles acabam conhecendo todo mundo. e se conversar com ele vai te contar
553			histórias que você não vai tirar de mim porque não tenho. com eles você vai
554			ter muitas histórias, muitas.
555	bel		qual o nome dele?
556	mara		seu joão e seu pedro. esses têm mil...
557	bel		eles ficam o dia inteiro na escola?
558	mara		ficam o dia inteiro. e o que que acontece? eles são, eles acabam sendo, que
559			que, a escola acaba tendo possibilidade de pagar a eles um pouco mais do que
560			a firma de terceirização. por isso que eles ficam o dia inteiro. a escola é
561			obrigada a=
562	bel		=eles recebem pela firma e pela escola?
563	mara		é, a escola no sentido de, é, a associação, ela pode pagar pessoas que não são..
564			a associação, por exemplo, você é do estado? não. você é servidora estadual?
565			não. então a associação pode te pagar por algum serviço, mas se você for
566			servidor estadual não pode. como eles não são servidores, então a associação
567			dá a eles um plus. a firma de: de terceirizada escala, você vai trabalhar tantas
568			horas, mas os caras ficam aqui de quinze pras sete. aí, vamos supor, ele vai
569			ficar oito horas, acabou, né? aí teria que arrumar outro, então às vezes você
570			não tem o outro de mo:do qualificado. ele é qualificado, ele é qualificado pela
571			experiência que ele tem. ele não é qualificado por curso.
572	bel		então agora se eu quisesse só perguntar a ele...
573			((gravação interrompida - 48'13''))
574	mara		tem que ir no juizado que é pra livrar a responsabilidade dela.
575	bel		a escola vai no juizado de menores? ela a mãe?
576	mara		é, ela a mãe.
577	bel		mas e conselho tutelar? que hora que ele entra?
578	mara		também, mas o conselho tutelar serve pra quê? o conselho tutelar é uma ideia
579			que não funciona. tem que funcionar, ela tem poder pra isso, mas não
580			funciona.
581	bel		por que que você acha que não funciona?
582	mara		pessoas não preparadas. você não pode ter... ah, tudo bem, é conselho tutelar
583			então você vai ter uma pessoa, porque a pessoa vai trabalhar de graça. o

584		conselho tutelar a pessoa trabalha de graça.
585	bel	não sabia.
586	mara	ah, você não sabia, não?
587	bel	não.
588	mara	trabalha de graça. e aí você vai tentar recrutar dentro da comunidade pessoas para fazerem parte do conselho tutelar. (1.0) como que isso pode gerar....
589		
590	bel	envolvimento...
591	mara	não gera.
592	bel	num país que as pessoas precisam de tanta coisa trabalho tem que gerar dinheiro.
593		
594	mara	quando você tá na direção e o conselho tutelar te manda uma carta dizendo pra você fazer o que ele quer que você faça, não pode ser feito... porque, gente, a pessoa que tá no conselho tutelar tem que ser uma pessoa que saiba como encaminhar as coisas.
595		
596		
597		
598	bel	no caso da menina que desapareceu, ela tinha quantos anos?
599	mara	acho que tinha quinze, quinze ou dezesseis.
600	bel	e aí depois?
601	mara	apareceu.
602	bel	ela tinha ido pra onde?
603	mara	porque aí a mãe, aí eu peguei, eu disse, manda a mãe fazer isso. vai direto na polícia dizer que a filha desapareceu, um. dois, vai procurar o juizado de menores e o conselho tutelar também. porque o conselho tutelar e o juizado de menores são duas coisas...
604		
605		
606		
607	bel	distintas.
608	mara	distintas. mas que teriam, teriam que trabalhar junto. mas tudo depende daquele conselho tutelar. há conselhos tutelares que funcionam, há outros que não funcionam. eu digo, vai num lugar e vai no outro. e aí, eu disse pra ela, “manda a mãe avisar na vizinhança toda que fez isso. aí ela vai aparecer”. não deu outra.
609		
610		
611		
612		
613	bel	e ela tinha saído por que?
614	mara	brigou com a mãe.
615	bel	mas e o motivo...
616	mara	brigou, mas eu não lembro o que que era. sei lá, brigou com a mãe. se desentendeu com a mãe e disse que ia embora, que ia sair de casa, que não sei o que, não sei o que lá. e a mãe tava em pânico. agora esta é uma mãe em pânico. e as que não ficam? e aquelas que saem de manhã pra trabalhar e só chegam às oito, nove horas da noite e a filha saiu de casa, faz o quê? “não vou trabalhar amanhã porque tenho que procurar a minha filha?”
617		
618		
619		
620		
621		
622	bel	é difícil, né?
623	mara	não. existem situações em que ela de repente vai poder fazer isso, mas a gente não pode achar que é uma regra.
624		
625	bel	uma regra. as coisas não funcionam assim.
626	mara	não posso faltar o trabalho. vou perder meu trabalho. depende do trabalho, depende de tudo.
627		
628	bel	você como professora de escola pública e tendo essa experiência em escolas privadas, você acha que... confirma essa, essa visão de que na escola pública você vê o lado mais negro da sociedade?
629		
630		
631	mara	sim-ce-ramente, eu não sei qual é o lado mais negro. porque um é desprovido, então toda má sorte lhe pode acontecer. e o outro é provido e muita má sorte também lhe cai nos ombros. não sei. às vezes você fica sabendo determinadas coisas que rolam na classe média que a criança está na escola particular que às vezes são mais assombrosas que muitas ou tanto quanto das que você vê do lado de cá. então, é:: tipo assim, agora eu tá me passando umas coisas que eu vou te dar. eu tive dois alunos, um menino chamava-se pablo, deu um tiro na cabeça. no colégio são lucas.
632		
633		
634		
635		
636		
637		
638		
639	bel	se matou?
640	mara	se matou. idade? dezessete. motivo? eu conheci o pai e a mãe. não sei qual foi o motivo, mas conheci o pai e a mãe de uma maneira até mais assim, que não foi por injunções de estar no colégio são lucas, foi uma atividade fora que eu
641		
642		

643		passsei a conhecer o pai e a mãe. depois do filho ter se matado. e aí eu entendi.
644		quer dizer, ele poderia ter já um... como é que vou explicar, um...
645	bel	um desequilíbrio
646	mara	um desequilíbrio. próprio do menino, qualquer coisa assim que, mas que com
647		aquele pai e com aquela mãe...
648	bel	por quê? qual era?
649	mara	a mãe era ausente e o pai idem. e o pai faliu. o pai faliu, ficou numa situação
650		muito complicada. e ele era chegado à política. ele foi, ele foi.... da da da
651		equipe de um governador (*****), ele trabalhou coisas de um banco do
652		estado, um negócio assim. você tá entendendo, aquelas coisas? e ele, pai, foi
653		pro buraco. o pai, quando foi pro buraco, foi quando o menino se matou. eu
655		nunca soube no colégio são lucas qual teria sido o motivo. ninguém entendeu.
655	bel	quinze anos, você falou?
656	mara	acho que tinha dezessete, já tinha deixado de ser meu aluno, já devia, tava no
657		ensino médio já. ele já tava com dezessete. eu tô fazendo um cálculo de
658		estimativa. ele foi meu aluno ainda na fase da oitava série, então...
659	bel	ele era filho único?
660	mara	não. ele e a filha. tinha uma menina. e havia uma competição muito grande
661		entre ele e a menina. a irmã era inteliGENTE. a mãe enaltecia a filha. a filha
662		era ótima. e, pelo visto, ele era o::
663	bel	você acha pelo que você tá me dizendo, até um pouco pela experiência, me
664		parece, engraçado, uma coisa interessante. a classe média como ela tem
665		ambições ou ela, ela tá, ela se forma.
666	mara	tem mais possibilidade de projetos?
667	bel	ela tem expectativas e projetos. então quando isso não vai bem, a derrota é
668		muito grande. na classe baixa, até porque no brasil, você ser de classe baixa,
669		quer dizer, você ser um morador de santo cristo e do atalaia não é assim uma
670		minoría. na verdade porque você tem=
671	mara	=sim, claro.=
672	bel	=você tem uma população enorme, você, os problemas que são
673		compartilhados primeiro são mais abertos, a violência é mais explícita ou
674		você tem mais conhecimento, talvez isso no decorrer da vida, a pessoa
675		consiga elaborar isso melhor do que na classe média=
676	mara	=sim, eu acho=
677	bel	=ou tem uma cobrança de sucesso maior?
678	mara	sim, eles depuram melhor as frustrações... concorda comigo? já do outro lado
679		a frustração não é bem-vinda. e quando ela existe, ela é maquiada.
680	bel	e o sujeito fica mais atolado, até certo ponto.
681	mara	eu acho que sim.
682	bel	quando os pais, quando a família é ausente...
683	mara	eu tive uma situação... sabe essa leila ?
684	bel	sei.
685	mara	sabe quem é leila ?
686	bel	aquela atriz, né? sei.
687	mara	foi minha aluna, e na época que foi minha aluna e logo a seguir veio a
688		irmãzinha dela, lara . e a lara tava na sexta série, um período que eu tive essas
689		séries mais baixas. e ela tava na sexta série, uma menina inteligente, alta, a
690		leila é baixinha. essa não, essa tinha onze anos, doze anos e você já olhava e
691		achava que tinha quinze, da compreensão física dela. mas uma menina ótima,
692		maravilhosa, mas de repente chegam as férias de julho. chega agosto e a
693		menina não aparece no mês de agosto inteiro. e eu cheguei, “ô fulana, cadê a
694		lara?” a lara fazia ginástica na academia. ela fazia muita ginástica. então foi
695		pro dentista, tratar um dente, saiu do dentista, já saiu com dor de cabeça. mas
696		foi pra academia, malhou, malhou, malhou, malhou, malhou. quando chegou
697		em casa, dali pra frente, em dois dias a menina tava numa cadeira de rodas.
698		assim, ó, acredite. história da família, vou te dar. pai e mãe separados.
699		quantos filhos? acho que quatro.. não. lara, leila e um rapaz. e o marido já
700		tinha casado de novo, já tinha mais uns três. então lado de cá, lado de cá. lado
701		de cá casou com uma, lado de cá casou com outro. MAS o que salvou essa

702		menina foi ela, a força dela, pessoal, a fé dela. acho que estóico o negócio,
703		né? e: a família. o pai, a mulher do pai.
704	bel	do pai?
705	mara	é, a nova mulher, a ajuda que eles se prestavam uns aos outros. essa menina
706		hoje é médica. trabalha num hospital renomado. ficou com uma leve sequela
707		na perna.
708	bel	essa, você tá falando que a junção das duas famílias?
709	mara	sabe o que que foi que ela teve? um vírus que se alojou na medula. como ele
710		foi parar lá ninguém sabe. ela ficou, menina, quando eu olhei praquela
711		menina na cadeira de rodas.. “que isso, deus? como pode uma coisa dessa?” e
712		ela quando chegou setembro começou a vir pra escola na cadeira de rodas.
713	bel	qual escola que ela estudava?
714	mara	são lucas. com aquela bolsinha de (colostomia) pendurada, com as
715		mãozinhas assim. fazer a prova, “vamos fazer a prova lara?” aí eu dizia
716		assim, “lara, isso assim, assim”, até a fala dela. comprometeu ela toda. e ela
717		saiu daqui, hoje é mãe. entendeu? uma coisa fantástica. ajuda? claro, teve
718		bons médicos, um neurologista renomado, foi pra outro estado, blá, blá, blá,
719		blá, foi pra não sei pra onde, mas eu tenho certeza que o pai, o pai ficou e foi
720		aQUEle pai. e o pai dizia pra ela, assim, em casa, ela, vamos supor que ela
721		precisava de uma calcinha, o pai dizia, “lara, você sabe onde tá a calcinha, vai
722		lá buscar a calcinha”, e a lara ia. aquela coisa de..
723	bel	não o segundo pai, o pai biológico?
724	mara	o pai biológico, mas o segundo pai também, né? houve um entrosamento.
725	bel	houve uma junção, né?
726	mara	se você quer um negócio de família, eis uma família que se uniu. eles iam na
727		escola, conversavam comigo, eles trocavam. a mãe, o pai, o pai ia muito. o
728		PAI ia muito. eu acho que aquele pai foi o que ajudou mais a menina.
729	bel	que coisa.
730	mara	diria eu assim, o pai não sabe a força que tem. todo pai não sabe a força que
731		tem quando é: com a filha. exatamente por todas as coisas >que a gente ouve
732		dizer<, mas o pai que consegue ser o grande amigo da filha, ele não sabe o
733		poder disso. tenho certeza.
734	bel	você acha que isso também, essa presença do pai em relação aos filhos, você
735		acha que também=
736	mara	=MUItto, muito, muito, muito. fundamental, eu acho. eu acho que a mãe de
737		um jeito ou de outro ela é presente. mesmo ela ausente, ela é presente, mas o
738		pai ausente eu acho, eu tenho observado. e aí é uma observação empírica, tá?
739		eu tenho observado que todo pai ausente traz consequências muito
740		complicadas. a mãe vai procurar cobrir aquela falha, aquele negócio, ela
741		consegue, mas sempre fica alguma coisa ali que.. faltando.
742	bel	pai é um eleito, né? e a mãe já é naturalmente incluída, né? talvez
743	mara	é, com certeza, é. bom, o pai eu acho que é isso aí. meu pai é, tem aluno que
744		fala assim, “ah meu pai vive (), tá sempre (), com uma cara de não sei o
745		quê, não sei o que lá”. quer dizer, um pai que olha um filho desse, um filho
746		que olha um pai desse... o pai é o espelho do mundo, né?
747	bel	a entrada é difícil, né? (1.0) obrigada, mara, muito bom.
748	mara	caso você precise aí de uma coisa mais completa...
749	bel	ótimo. obrigada ((fim da gravação - 14'57''))

ANEXO 3

Bia: diretora da escola estadual de ensino médio (escola Brasil) e professora da escola particular (escola Alfa)

001	bel	é o seguinte, eu tô agora fazendo essa pesquisa sobre histórias de violência em escola que toma conhecimento, sobre alunos que de algum modo vocês descubrem que vivem situações de violência em casa.. de qualquer natureza... ou situações conflituosas, que geram questões que a escola percebe como, quando a escola percebe, o que ela faz, que histórias são essas? se você tem algum caso, alguma história pra contar.
002		
003		
004		
005		
006		
007	bia	eu não tenho caso. quem lida mais são lia e ina, porque essa parte de atendimento à família, a família vem me procurar pra pedir ajuda.
008		
009	bel	como agora?
010	bia	é, como agora. mas jamais pra me passar isso aí. o aluno procura a lia ou a ina porque elas que lidam mais diretamente com essa parte. entendeu? então eu assim que eu me lembre...
011		
012		
013	bel	na sua experiência mesmo aqui ou de professora teve alguma coisa, algum caso que você se recorde ou em outra escola que você tenha trabalhado... situações de família que gerem ou porque o aluno tem um problema aí, a escola percebe ou porque vai descobrir ou ele é espancado ou ele mesmo é um sujeito que por alguma razão sofre a violência dentro de casa, enfim... ou a família tem conflito entre a mãe e o pai e o aluno fica no meio desse...
014		
015		
016		
017		
018		
019	bia	pois é, mas nenhum caso, que às vezes a gente sabe uma coisa ou outra, mas não tem acompanhado a ponto de dar dados... essa parte de violência porque eu vejo assim.. muito pai ausente, entendeu? aí, esses casos eu até atendo (telefone toca)
020		
021		
022		
023	bel	aí esse caso de pai ausente, como é que vocês...
024	bia	olha, muitas vezes a gente chama os pais, muitas vezes a mãe fala ou o garoto fala, aí a gente vê que é falta de uma autoridade paterna, a gente chama o pai, às vezes vem...
025		
026		
027	bel	e quando não vem...
028	bia	o que a gente pode fazer? a gente não pode obrigar, ir lá mandar a polícia trazer, né? então, não tem como.
029		
030	bel	e esses casos assim, como é que você tem acesso a eles, como é que você fica sabendo dessas histórias?
031		
032	bia	geralmente, é a mãe que dá um tipo de autorização, a mim quando chega é mais problema de indisciplina, quando ele tá dando muito problema de disciplina, aí acontece que ao conversar com o aluno “ah, como que é teu dia-a-dia? como que tá tua vida?”, aí ele vai contando que mora com a mãe, às vezes é filho único, às vezes os irmãos tão ali mas não dão muito apoio porque tem menores né, aí eu digo “e o teu pai?”, “ah, meu pai já tem outra família” ou “meu pai não aparece”
033		
034		
035		
036		
037		
038		
039	bel	e a mãe, como é que ela fica nessa história assim?
040	bia	muitas vezes é através da mãe, a mãe no geral ela diz “olha, eu sou pai e mãe dentro de casa, toda vida foi assim, eu nunca contei com ele”, ele pai né, “no início ajudava, depois sumiu, não aparece mais, não quer saber dos filhos, ou então liga de vez em quando”.
041		
042		
043		
044	bel	normalmente tem incidência grande de pais...
045	bia	a ausência de pais é muito grande.
046	bel	tem alguma história específica que você se lembre... de algum aluno que você tem em mente que possa contar aqui?
047		
048	bia	teve um aluno que o pai veio, mas esse já saiu da escola, que o pai veio conversou comigo, aí eu ainda sugeri “porque que você não chama seu filho um dia pra ir comer uma pizza, pra conversar com ele?”. aí ele fez isso e depois voltou aqui e disse “não, olha, eu fiz aquilo que a senhora falou, chamei pra uma pizza, conversei”. é isso que ele quer, ele quer é essa atenção mesmo, mas aí depois também ou eles se formam ou saem da escola, aí a
049		
050		
051		
052		
053		

054		gente perde o contato.
055	bel	e esses meninos que têm essa história de pai ausente, vamos supor... qual é a
056		fala deles, como que eles chegam aqui?
057	bia	eles chegam porque em geral eles vêm dando problema em sala de aula, de
058		total falta de limites, de não reconhecer a autoridade em hipótese alguma.
059		entendeu? Justamente, quando a gente vai ver, é porque não tiveram muita
060		autoridade, em geral porque eles dão problema com os professores homens...
061		entendeu? caso
062	bel	faz uma transferência?
063	bia	isso, faz uma transferência, então começa a não aceitar aquilo que o professor
064		diz, aí eu chamo uma vez, aviso, em geral não chamo o responsável não
065		porque eu acho que a gente tem que dar um crédito, né↓
066	bel	é, já tão grandes.
067	bia	já tão grandes. então, eu chamo a primeira vez e digo “olha, se houver mais
068		algum problema eu vou ter que chamar seu responsável”.. aí quando a coisa
069		não tá bem, converso de novo, aí eu chamo a mãe ou chamo o responsável, às
070		vezes ele até me dá o telefone do pai, mas eu digo “eu quero agora o telefone
071		do teu pai pra eu ligar”. aí, o pai diz “ah, mas eu sou assim, eu não moro com
072		ele, não sei quê”, o pai começa a se justificar, mas eu digo “então seria bom
073		que o senhor viesse” e, muitas vezes, vem, muitas vezes, não vem.
074	bel	you note uma diferença no aluno quando o pai faz isso ou você acha que isso
075		tá muito::
076	bia	não, muitos acontece, muitos, por exemplo, até que os pais estão em casa mas
077		não têm tempo pra verificar essa coisa então quando eles vêm aqui que eles
078		tomam conhecimento de tudo e começam a acompanhar mais os filhos.
079	bel	a mãe não conversa com esse pai sobre essa situação dentro de casa, ela não
080		costuma conversar... quando o pai é ausente, você acha que a mãe cobra essa
081		presença?
082	bia	se as mães cobram essa presença? olha, quando os pais estão dentro de casa,
083		elas dificilmente conseguem conversar, a primeira coisa que elas dizem é
084		“olha, o pai é um ignorante, eu não consigo conversar com ele”, é a maior
085		parte do assunto, ela criando sozinha os filhos e sem contar em hipótese
086		alguma. às vezes ele aparece, às vezes ele deixa um dinheiro, mas em geral..
087		ou então “ah, não, não vejo há anos”.
088	bel	mas quando moram juntos?
089	bia	ah, não, quando moram juntos aí tem duas coisas, muitas vezes elas dizem
090		“olha, nem vou falar isso pro pai, porque o pai vai dar-lhe uma surra”.
091	bel	é ausente mas pune.
092	bia	mas pune. “vai dar-lhe uma surra”. muitas vezes não, elas dizem “eu vou
093		falar com o pai, porque o pai vai ter que tomar uma atitude porque comigo
094		não adianta mais”, isso varia.
095	bel	you tem em mente algum aluno com uma história especial que você se
096		lembra, tanto de indisciplina ou.. porque a gente vê nas escolas muito um
097		reflexo, o aluno passa muito o que ele vive. e tem alunos que já são o
098		contrário, em vez de indisciplinados são até deprimidos.. que têm
099		comportamentos opostos, ou eles são.. de um extremo vão pro outro, vai
100		depende enfim.. não sei propriamente quais as estatísticas pra te dizer se isso
101		leva àquilo ou leva àquilo outro, eu não tenho isso pra te dizer, mas eu tenho
102		uma situação diferente, você tem algum caso em mente, disso ou de algum
103		aluno que tenha passado por uma situação muito difícil.. que você tem
104		acompanhado ou tem...
105	bia	não, quem acompanha mais aí é lia. entendeu? eu faço esse atendimento
106		quando a situação tá mais assim sem (estrutura), mas pra acompanhar melhor
107		é ela.
108	bel	you acha que esses alunos quando tão se queixando eles falam do pai? eles
109		abrem?
110	bia	sim, alguns são mais fechados mas, no geral, eu percebo assim, é um
111		momento que alguém tá olhando pra eles. você viu esse filme do walter
112		salles, linha de passe?

113	bel	não, não vi.		
114	bia	tem uma cena tão interessante, de um rapaz, com uma estrutura familiar tipo daqui, a mãe sozinha com quatro filhos, eu não sei se cada um de um pai, mas enfim, chega uma hora que o rapaz se mete numa encrenca, já com dezoito		
115				
116				
117				
118				
119				
120				
121				
122				
123				
124				
125	prestigiando?	dezenove vinte anos, ele se mete numa encrenca, aí acaba sendo meio um assalto, aí ele entra no carro e ele, a gente imagina, bom agora o motorista que é uma pessoa rica, “olha, eu tenho aqui o dinheiro, celular, não sei o quê”, mas o sujeito não olha pro rapaz, “eu tenho aqui o que você quiser”, com medo, ele nem tá com arma, ele tá só com o dedo, ele fala “eu quero só que você olhe pra mim”, sabe? é isso que a gente percebe muito neles, é que eles não são ninguém, na sociedade eles não são ninguém, na comunidade em que eles moram eles não são ninguém, e de repente na família não são ninguém também, a mãe trabalha feito uma desesperada, que horas que ela tem pra olhar, então eu percebo muito isso nesses garotos. e aí, quer dizer, a figura do pai mais ainda é uma outra falta, outra carência, outra ausência na vida deles. aí tem uma outra cena do filme.. o waltinho pegou assim, ele é genial pra pegar as situações. (alguém pede uma informação à bia) aí a outra cena é assim, o garoto é doido com futebol, o outro dos filhos, e tem aspiração àquilo, todos acham que ele vai ser jogador, e até que ele consegue um jogo interessante, não tem ninguém da família assistindo..		
133				
134			bia	prestigiando. se fossemos nós, uma avó iria, mas ninguém. entendeu? então é isso, são muito solitários, sofrem um tipo de quase abandono. muitas vezes não falta nada.
135				
136				
137			bel	material.
138			bia	material. teve uma mãe que me procurou semana passada. tem uma série de problemas psicológicos, violência nada, “eu moro num local”, comunidade como chama hoje né? “que eu criei meu filho, trancado dentro de casa. por quê? porque eu tenho medo de ele ficar brincando na rua com quem não devia se meter”
139				
140				
141				
142				
143	bel	qual a idade do menino?		
144	bia	o garoto agora tá com dezesseis, dezessete...		
145	bel	e os problemas que ele apresenta são muito grandes.		
146	bia	sim, mas aí são de outra ordem, é que ela tava me contando. “eu criei meu filho trancado, ele é meu único filho, por exemplo, somos só eu e ele, eu saio pra trabalhar de manhã cedo, deixava desde os sete anos, deixava a comida dele pronta”		
147				
148				
149				
150	bel	mas esses problemas que ele atravessa você acha que são por conta dessa solidão ou você acha.. porque, em que que ele manifesta o problema, qual é a...?		
151				
152				
153	bia	ele não manifesta violência não, mas de repente, uma brincadeira aqui dos garotos, você sabe que eles são cruéis mesmo, adolescente é cruel, e ele não tá sabendo enfrentar isso, entendeu? (uma pessoa pede informação)		
154				
155				
156	bel	mas essas mães que te procuram que você tava falando que normalmente essas atitudes de indiferença ou de agressividade passam dos pais, normalmente, das histórias que você conhece?		
157				
158				
159	bia	indiferença?		
160	bel	indiferença e agressividade, como essa mãe falou agora, que não pode contar pro pai, porque se ele souber a reação, ela não descreveu, ela fez uma pausa e denotou, o pai bebe, e denotou que ele perde o controle e parte pra cima. ou seja, essas reações de violência, existe alguma história que você sabe que a coisa seja com a mãe?		
161				
162				
163				
164				
165			bia	a lia outro dia contou uma história de uma menina em relação a um aborto que ela fez.. aí a história foi com a mãe, mas eu não sei se chega a ser de violência, aí você teria que ver com ela.
166				
167				
168	bel	não necessariamente de violência mas eu digo assim, até não acolher é uma violência.		
169				
170	bia	claro, claro.		
171	bel	a gente fala assim problemas, conflitos, não só violência, mas situações		

172		conflituosas que eles têm com a mãe.
173	bia	conflitos tem, mas eu acho que é mais comum em relação à figura do pai.
174	bel	e você acha que com a mãe é mais comum menina com a mãe? porque lia me contou uma história da mãe com a filha.
175		
176	bia	pois é, lia sabe mais...
177	bel	mas o que tá me parecendo, quer dizer, eu não sei mas... ela me contou duas histórias que envolviam meninas... mas tinha uma história com o pai também, de uma menina com o pai.
178		
179		
180	bia	eu acho que é mais comum essa parte assim com o pai.
181	bel	o pai né?
182	bia	até porque um adolescente ele entende que a mãe sai pra trabalhar todo dia e não pode ficar ali com ele mas não deixa que lhe falte nada, então ele vai também..
183		
184		
185	bel	é uma presença né, o trabalho dela?
186	bia	o filho não aceita o pai que sumiu da vida ou que tá ali relativamente próximo mas nunca vai vê-lo, nunca chama pra nada ou nunca... entendeu? não pergunta “e aí, tudo bem? como é que você tá?” aí isso, quer dizer, quem é que aceita isso?
187		
188		
189		
190	bel	na escola particular, bia, porque você tem uma história boa de anos de escola, né? na escola particular você via alguma coisa? não só nessa escola que você tá agora, mas na escola de antes você via alguma coisa como professora ou no conselho de classe?
191		
192		
193		
194	bia	situações de violência?
195	bel	situações problemáticas, vamos colocar assim.
196	bia	não, as situações problemáticas do nível social de quem tá numa escola particular, é mais assim.. não há uma educação para o compromisso, não há cobrança dos pais, entendeu?
197		
198		
199	bel	há uma ausência também?
200	bia	há uma ausência também desta forma.. tudo que é complicado, você cobrar do filho se ele tá realizando as tarefas é chato. ele não cobra, aí depois vai cobrar da escola, porque a escola falhou, mas, peraí, a escola tá na vida daquela criança cinco horas por dia e as outras dezenove? entendeu? então cada vez a escola tem que suprir mais a família? discordo. a escola tem uma parte, a família tem a outra. então, tem mães... relatos que eu sei lá da escola particular, olha, a mãe diz “olha, não adianta mandar bilhete pela agenda, eu não tenho tempo de ler a agenda do meu filho, não tenho e ponto final”. então, se falar isso na frente da criança, do filho, é um abandono, é. é um abandono. aí de repente cai em si, e agora tem que resolver essas situações, porque tem um período da criança que eu acho mais complicado é justamente quando ele já consegue ser independente naquela coisa prática, já vem sozinho pra escola, a escola é pertinho aí já sabe, então, a mãe imagina que aquilo já seja independência, ele já sabe andar pelas próprias pernas, e aí larga totalmente achando que ele vai dar conta e ele não vai dar conta e tem que ter alguém que veja a agenda dele ainda por um tempo.
201		
202		
203		
204		
205		
206		
207		
208		
209		
210		
211		
212		
213		
214		
215		
216	bel	aqui você nunca viu um caso de uma criança chegar na escola numa situação que vocês viram nitidamente que ela passou por alguma coisa em casa?
217		
218	bia	não, eu nunca vi.
219	bel	não é comum aqui?
220	bia	não, eu nunca vi. a lia pode ser que tenha alguma história porque eles se abrem, como ela é orientadora, né?, ela já tem um tipo de trabalho
221		
222	bel	que convida esse tipo de conversa.
223	bia	é, então eles se abrem mais com ela.
224	bel	você deu aula aqui de francês muito tempo né, que eu me lembro. deu aula de português também?
225		
226	bia	francês e português.
227	bel	no seu contato com aluno diário naquela época, você se lembra de alguma coisa? (pausa na entrevista – telefone toca)
228		
229	bel	bia, outro dia eu tava lembrando do leo, coordenador lá da escola, outro dia ele disse na reunião, no conselho e classe, “se vocês ouvíssem metade das
230		

231		histórias desses meninos vocês iam chorar”
232	bia	é verdade.
233	bel	você sabe do que que ele falava..
234	bia	de abandono. eu lembro de uma história que ele contava de um garoto que
235		devia estar com uns quinze anos, que os pais se separaram e o que o pai ou a
236		mãe fez, alugou o apartamento do lado e colocou o garoto, ou a garota, não tô
237		mais me lembrando, no apartamento do lado sozinho, pra ele ter.. ou ela.. ter
238		total individualidade de ter novos relacionamentos, não sei quê, e não queria
239		o adolescente atrapalhando.
240	bel	que idade esse menino?
241	bia	acho que tinha uns quinze.
242	bel	e você se lembra qual era a questão dele na escola?
243	bia	parece até na escola pra tudo isso ele era razoável, mas ele não queria saber
244		muito de estudar, displicente, descompromissado, entendeu? mas era assim.
245	bel	novamente o pai né, bia.
246	bia	não, eu não me lembro se era o pai ou a mãe.
247	bel	ah, entendi.
248	bia	mas a pessoa que tinha ficado com ele, não sei qual dos pais
249	bel	tirou o garoto da vida.
250	bia	tirou. e o outro não, até podia ter dito “então agora ele vem morar comigo
251		né?”
252	bel	é, o outro também não quis saber.
253	bia	também não quis. agora você vê. e tem um psiquiatra que é muito amigo meu
254		que diz “a gente nunca se refaz de três traumas: o trauma do estupro, que
255		nunca se refaz, da perda de um filho, e do abandono pelos pais”, são três
256		traumas que não adianta, o ser humano nunca se refaz, nunca abandona
257		aquilo tudo. oi, da. léa, tudo bem? quer um cafezinho?
258	da. léa	não, obrigada.
259	bel	sabe o que eu me lembrei que ela falou? que uma professora que eu falei
260		aqui, uma professora de história, uma clarinha, qual é o nome dela?
261	bia	a cris?
262	bel	eu vou lembrar o nome dela...
263	bia	mas foi de manhã?
264	bel	foi, foi de manhã.
265	bia	então deve ter sido a flora.
266	bel	ela tava com uma coisa de oncinha, será que é? (risos) eu tô falando porque é
267		um ícone assim
268	bia	é, pode ser.
269	bel	é bem magrinha?
270	bia	é, bem magrinha.
271	bel	ah, então, é a cris. eu tive uma conversa muito interessante com ela na sala
272		dos professores, não sei se foi ela que falou, eu acho que foi ela, sobre a
273		questão da homossexualidade, dos adolescentes que tão vivendo essas
274		questões, tão atravessando problemas em casa
275	bia	têm mais aqui do que por exemplo na escola alfa.
276	bel	é? mas na escola pública tem mais o quê?
277	bia	mais gente jovem.. claramente assumindo a sexualidade dos dois lados
278	bel	dos dois lados, tanto menina quanto menino?
279	bia	tanto meninas quanto meninos. no início desse ano, a gente teve duas
280		meninas que eu precisei falar com elas, por quê? porque as outras entravam o
281		banheiro e elas tavam lá aos beijos e abraços, então, as outras começavam a
282		vir reclamar, aí eu fui questionar as duas “olha, ninguém tem nada a ver com
283		a sua opção, agora aqui é um colégio público, se eu tivesse falando com um
284		rapaz e uma moça que tivessem (), eu taria falando a mesma coisa, não é o
285		local pra isso”, então, outras pessoas ficaram..
286	bel	e você tomou esse conhecimento ou alguém comentou em relação a como a
287		família lida com isso?
288	bia	olha... as famílias em geral quanto a isso me parece que não têm tido tanto
289		problema não.

290	bel		eh, né?
291	bia		bom, a gente pelo menos não tem tido assim.. reclamação, “olha, minha filha
292			é isso, minha filha é aquilo”, ainda não tive não... ainda não. (entrevista
293			interrompida – alguém pede informação) não, essa parte de... mesmo entre
294			eles, discriminação..
295	bel		mas você acha que a família não vem porque ela tá querendo ocultar isso? ou
296			porque realmente não é muito importante?
297	bia		de não ser falado isso?
298	bel		é. porque você não acha que pode ser que os pais não queiram aceitar? ou não
299			queiram tornar isso público? você acha que isso já tá sendo tão superado a
300			ponto das pessoas lidarem com esse processo de (aceitação)?
301	bia		eu acho. por exemplo a da. léa, da. léa é a senhora que cozinha aqui conosco,
302			ela tem uma neta que o pai demorou muito.. não é, da. léa?.. a aceitar essa
303			menina, não foi? e aí, essa neta dela
304	da. léa		() ele não apareceu.
305	bia		e aí, a sua neta tá assim agitada muito por causa disso, não é?
306	da. léa		muito.. muito...
307	bel		qual é a idade dela?
308	da. léa		dezesseis anos.
309	bel		mas o pai não se casou com a mãe?
310	bia		não. a mãe era filha da da. léa.
311	da. léa		ele é casado.
312	bel		ah, ele é casado. e a mãe, a filha da da. léa, faleceu?
313	da. léa		faleceu ela tinha cinco anos.
314	bel		e aí, ela é daqui da escola, não?
315	da. léa		é, mas ela tá aqui pra melhorar, entendeu?
316	bel		mas o que.. qual é a história, a sua filha engravidou.. e o pai era casado e não
317			quis assumir a responsabilidade, nem registrou?
318	bia		ele soube que ela tava grávida, da. léa?
319	da. léa		soube, quando era aniversário da garota ele ia pra lá, quando a minha filha era
320			viva ele era constante, depois que a minha filha faleceu, que ficou doente, aí
321			ele já começou a ()
322	bel		mas ele ia porque ele ainda tinha um relacionamento com a sua filha?
323	da. léa		é, ele ia, mas depois que ela adoeceu.. eu acho que ele era (), só pode ser,
324			mas aí né...
325	bia		a menina é ótima. eu lembro dela, é ótima. mas a gente percebe, a da. léa vem
326			falar comigo que volta e meia a da. léa não tá mais dando conta não, mas
327			quando ele aparece ela respeita, né, da. léa?
328	da. léa		ela não quer ver ele nem pintado.
329	bel		ela não quer saber dele?
330	da. léa		() não vai, não fica.
331	bel		porque ela ()
332	da. léa		() não faz nada de errado, mas não fica... então é (difícil) pra mim, né,
333			(filha)?
334	bel		a senhora mora onde?
335	da. léa		moro em *****... eu tô usando a minha psicologia com ela, entendeu? ()
336			briga comigo porque eu tô sempre a favor dela, tudo eu acho que.. então a
337			menina, a irmã dela fica pra morrer porque fala que ela tá errada e eu tô
338			dando apoio. hoje eu falei com ela “()” ()
339	bel		é mesmo, é o olhar né.
340	da. léa		porque é a minha psicologia ()
341	bia		a senhora é o porto seguro dela.
342	da. léa		quando a mãe faleceu, não tinha ninguém pra me ajudar a cuidar, então ()
343			“mas, mamãe, ela não tem remédio e a senhora fica dando apoio a ela” ()

ANEXO 4

Leo: coordenador e professor da escola particular de ensino fundamental II e ensino médio (escola Alfa)

001	bel		a minha questão é saber como a escola percebe, ou de que forma as histórias de violência na família entram nas escolas, questões de violência e como a escola eh percebe ou de que forma as histórias de violência na família entram na escola e quando entram o que que acontece. quais são as histórias que na sua experiência você tivesse ouvido tanto através da instituição ou porque um aluno confiou em você... falo de do ponto de vista de agressões físicas ou outros tipos de violência que possam ser praticadas, como descasos, negligências etc.
009	leo		olha só, bel, eh o grande diferencial quando você trabalha em coordenação, direção, principalmente a coordenação diretamente com o aluno, né↓ você trabalha... você...o indicador <u>primei:ro</u> é a questão do rendimento. o rendimento acadêmico nos... nos .. serve <u>mui::to</u> em relação ao que tá por trás desse rendimento porque você percebe, vamos dizer, um rendimento muito <u>baixo</u> . o que que pode estar por trás disso? é o nosso <u>primeiro</u> indicador. aí, você trabalha com o professor o ... a au.. a sala de aula em relação aqueles alunos ou aquele aluno que tá chamando atenção nesse rendimento. aí, você começa, você conversa com... <u>o</u> aluno. o professor te passa algumas situações “eu percebo dessa forma, dessa ou dessa” aí você <u>trabalha</u> ... <com o aluno>. o aluno sem querer <u>pa:ssa</u> algumas situações. você <u>perce::be</u> que tem...eh.. “não estou... conseguindo dormi::r... tô em cri::se...” não sei o quê. alguma situação mas ele... no primeiro papo ele não se <u>abre</u> definitivamente. aí você começa a tratar com a família. quando você <u>chama</u> a família... a família... nesse ponto ela <u>fala</u> , <u>ela</u> fala. normalmente são situações, vamos dizer... <u>separações</u> conflituosas. e o pai. é.. é... muito <u>marcante</u> a separação conflituosa. é muito marcante e.. e... a criança sofre muito, né↓ aquela...e os <u>moti::vos</u> da separação... porque quando é a separação de um desgas::te natural de relação, o reflexo pequeno. depois retorna. agora.. quando você tem... conflitos... situações... as vezes até <u>anormais</u> , aí a criança sofre muito. aí você tem casos,eh... vamos dizer.. a questão de <u>traição</u> ... quando é <u>explícito</u> para a criança que teve <u>traição</u> , principalmente quando acontece, isso já aconteceu comigo, né↓ de perceber isso, da <u>mãe</u> ...
032	bel		é mesmo?
033	leo		é mais forte, a criança sofre mais. a questão da droga, né↓ que é uma coisa também <u>mui::to</u> muito marcante, às vezes até com a família sendo usuária
035	bel		é mes:: mo?
036	leo		permitindo com clareza, e sem uma... sem um uso,vamos dizer, não sei se existe isso, sem um uso consciente, essa <u>permissividade</u> , pode tudo, pode até beber, pode até fumar... e o adolescente como ele às vezes não tem limite, ele ultrapassa. e o reflexo vem na sala de aula, no comportamento acadêmico até no comportamento.. do dia-a-dia, né↓ eh, tive alguns casos, assim, que sempre me surpreenderam, né↓, já falei até que tem que alguns casos que a gente sabe que a gente senta e chora, né↓. teve uma vez... teve um menino, um aluno, que ele.. realmente chegava, dormia em sala, comportamento.. <u>mui::to</u> estranho. aí os professores chegavam... os professores nesse ponto muito aliados da gente, né, de apontar “olha tá acontecendo isso, isso” aí você chama “não dorme por quê?” mas não solta. aí você chama a família, chama a mãe, chama o pai, aí, foi uma vez, chegou a mãe com uma outra... mulher, né↓ ... me apresentei, sou coordenador, e ela me apresentou a outra mulher como sendo.. a companheira dela “olha aqui, fulana tal, minha companheira”, aí, imediatamente, você leva um baque, né↓, não conhecia.
051	bel		não está acostumado
052	leo		não estou acostumado. aí ela falou que realmente, eh... se separou e tá vivendo um relação homossexual, e o filho tá morando com elas, né, aí, obviamente, um menino, com os seus quatorze quinze anos, o pai sai de casa

055		e a mãe passa a viver com outra mulher, assim, como se fosse um.. uma
056		cônjuge, não é qualquer cabeça que resiste, né?
057	bel	na nossa sociedade (inaudível)
058	leo	tem toda. e... condenando o pai. e aí, dois dias depois eu recebo o pai... e o
059		pai se manifesta dessa forma... colocando que o menino... tava muito arredo
060		e ele não tava conseguindo judicialmente, eh..., tirar, ver... conseguir ver
061		até... e ela tava botando... então é sempre acontece a situação com conflito,
062		pai e mãe
063	bel	e a criança no meio
064	leo	e a criança no meio. esses são os maiores exemplos. eu posso te dar esse. tem
065		um pai, que chegava, já cheguei, pai , às sete e pouco da manhã,
066		completamente alcoolizado, querendo falar com a filha, que tinha marcado
067		de ficar com a filha na noite anterior, deixou a filha plantada esperando, e ele
068		não sabia nem onde a filha estava. aí, a filha vai pra casa de uma menina, de
069		uma colega e vai para o colégio...
070	bel	que idade?
071	leo	tava na oitava série. isso é o que... quatorze, quinze anos. e o pai chorando,
072		me pedindo, “leo, por favor,minha filha, eu deixei...” e ele cheirando a
073		álcool, e eu falei “mas você não tá em condições”, “mas eu quero”. aí, eu
074		chamo a menina, converso com ela em particular, vou com o pai, vou
075		intermediar a situação pra ver o que a gente pode ajustar, né, nessa relação
076		pai e filha, e ele chorava que nem criança e ela talvez mais madura do que do
077		que ele, né!... tantos ca::sos. tive caso da mãe que levava a filha pro motel...
078		com o amante. deixava na ante sala e ia fazer a... a relação com o amante,
079		isso, e tudo assim, escola particular, e de::: de poder aquisitivo...
080	bel	a filha tinha que idade?
081	leo	perto do ginásio, doze, treze anos, que acho que a mãe assim, “ela não vai
082		perceber o que eu vou fazer”, sabe? então... tive vários casos, poxa, são
083		tantos que lembra:::r...
084	bel	você teve algum... teve alguma situação em que o filho sofresse algum tipo de
085		agressão? a escola chega a ter conhecimento de
086	leo	não foi diretamente comigo, mas na outra escola que eu trabalhei, era a... o...
087		a mãe e o padrasto batiam na criança. bater mesmo, de marcar... aí o colégio
088		levou [pro:::...]
089	bel	[conselho tutelar]
090	leo	conselho tutelar, mas não foi diretamente comigo
091	bel	qual era a idade da criança?
092	leo	essa era... era o fundamental 1, devia ser segundo ano, segunda série do
093		fundamental 1
094	bel	peças de classe mé:::dia?
095	leo	família de classe média, classe média.
096	bel	e você sabe qual foi o desenrolar disso?
097	leo	olha, tiraram a filha, a criança da escola.
098	bel	ah, os pais tiraram a criança da escola? mas, aí, o conselho deu algum retorno
099	leo	não, aí não aconteceu. aí depois eu não... eu não soube mais. teve na
100		delegacia, teve... porque quando você vai no conselho, tem que dar::: o
101		parecer primeiro, né!, tem a delegacia, né!... você acrescenta... eles tiraram
102		a filha, a criança da escola, aí depois a gente não soube mais. mas agressão
103		fí:::sica... eu [nunca]
104	bel	[o aluno] nunca te procurou?
105	leo	não, não, não...
106	bel	o aluno nunca te procurou, pra [falar...?]
107	leo	[a questão] mais é...
108	bel	você foi procurado, nessas suas experiências, o aluno foi na sua sala e falou
109		“leo, eu preciso da sua ajuda”, em algum momento?
110	leo	já, já, já
111	bel	explicitamente?
112	leo	explicitamente
113	bel	e como é que foi essa situação?

114	leo		“tô passando por um momento ruim, me ajuda o que eu posso fazer, eu tô com esse problema”, a questão de, às vezes, não é muito, mas, vamos dizer..., gravidez, que às vezes acontece, vamos dizer... prece::ce, né ↓ “mantive uma relação... o que eu faço agora”, né↓... eh... homossexualismo, até em homem também, já aconteceu comigo.
119	bel		como assim?
120	leo		de chegar e falar “eu sou homossexual, eu tenho, tenho prazer é com outro homem, eu tenho uma relação” entendeu [e falar]
122	bel		[com que] idade?
123	leo		já no terceiro, já nos seus dezessete anos.
124	bel		e esse aluno, essa pessoa, demonstrou alguma preocupação em relação à família, assim?
126	leo		muito, muito, principalmente o pai, principalmente o pai
127	bel		é?
128	leo		mas eu envolvi a psicóloga da escola e nós tratamos esse caso com o pai e com a mãe e o garoto assumiu a relação perante os pais.
130	bel		mas, como é que foi isso?
131	leo		o que acontece, era um menino que eu vivi um pouco a história dele, e ele sofria muito, ele desde jovem ele tinha um jeito diferente dos garotos. não gostava de jogar bola, era muito voltado para a vida acadêmica. não tinha o biotipo, é, vamos dizer, dos meninos, era mais pro gordinho, né↓, e sempre sofria a violência que o bullying tem nessa situação, né↓.
136	bel		dentro da escola?
137	leo		dentro da escola, vamos dizer, era... o que a gente chama de pele. todo mundo ...
139	bel		pegava no pé dele
140	leo		pegava... e ele cresceu nisso, e, ele, engraçado, e depois, quando eram mais ou menos no primeiro ano, no segundo ano, engraçado, ele assumiu ... essa situação do homossexualismo e, engraçado, os outros pararam...
143	bel		no momento que ele assumiu (inaudível)=
144	leo		=que ele assumiu, mas de uma maneira não ostensiva, de... vamos dizer, como eles falam, de... de ter... assumiu, ele tinha a figura masculina, mas era... homossexual. ele não, não fazia nenhuma caricatura disso, entendeu? ele assumiu. e assumia também a questão acadêmica. excelente aluno e isso aí passava assim como um... uma credibilidade, mas acho que ele canalizou para o estudo para dizer, “olha aqui...”
150	bel		“posso ser respeitado”
151	leo		“têm que me respeitar, vocês não chegam aos meus pés”. ele passou para direito na *** no segundo ano do ensino médio, e aí, fez no terceiro ano e passou de novo. e, no terceiro ano, no segundo para o terceiro ano, ele assumiu. ele chegou comigo e com a psicóloga da escola e falou isso que ele precisava falar com os pais que ele mantinha uma relação já com um outro rapaz.
157	bel		isso com que idade?
158	leo		no segundo ano? tinha os seus dezesseis anos, né? aí... a gente trabalhou a mãe primeiro...
160	bel		que é mais... fácil.
161	leo		que é mais fácil, né? e depois trabalhamos com o pai.
162	bel		e qual foi a reação do pai? quer dizer, o pai teve esse... essa informação, esse conhecimento pela escola ou já... sabia?
164	leo		é aquele negócio né? eu não quero ver, né, mas no fundo ele já sabia que o filho tinha uma... uma tendência... homossexual, né↓ e ele assumiu. fez um ano tranquilo, terceiro ano, com os pais cientes, ele teve uma... ele mantinha naquela época uma relação com um outro, um outro rapaz. e depois... normal, acho que os pais... não sei se... tranquilamente aceitavam, mas respeitaram. nunca mais, nunca mais foi agredido na escola
170	bel		que coisa fantástica
171	leo		nunca mais...
172	bel		quer dizer que a.. que a... percepção de que ... (inaudível) dá essa impressão,

173		não é?
174	leo	dá, dá essa impressão
175	bel	de que enquanto você não assume as suas ... as suas posições... você po:de ser
176		mais alvo
177	leo	mais alvo [de]
178	bel	[do] ataque das pessoas, né↓
179	leo	eu acho que sim, sem dúvida, e isso aí, isso aí ficou claro com esse menino
180	bel	o seu medo né? o seu medo de enfrentar
181	leo	é, é. e na verdade, vamos dizer, ele tinha todo o ti::po de.. fi::sico de.. de..
182		enganar, porque. o que que esses garotos têm? eles têm aquele biotipo, do
183		garoto ser malhadinho, né↓ magrinho, não é?, e ele tinha um outro tipo, ele
184		era gordinho, de óculos, sabe? não gostava de esportes, não gostava de
185		futebol, fora dos [...]
186	bel	[desse] padrão da masculinidade da nossa sociedade
187	leo	desse padrão da adolescência, né?. agora ele mantinha discussões acadêmicas
188		na sala de aula ...que parava a sala de aula e era só ele com o professor.,
189		questão de história, política, conhecimento, música, né↓, ele tinha uma coisa
190		cultural de tirar o chapéu
191	bel	e a família também
192	leo	e você conversava com ele, como se tivesse conversando dois adultos
193	bel	e a família também é uma família de classe média,
194	leo	classe média
195	bel	classe média alta?
196	leo	classe média alta
197	leo	as escolas, na verdade, veja só . como elas te dão... quem trabalha em
198		coordenação.... você trabalha com muita gente, você tem que cuidar de
199		muitas pessoas e muitas tarefas que às vezes você... fogem determinadas
200		ações que você tem que trabalhar e você não tem te↑mpo.uma coisa que me
201		marcou.... eu era coordenador do terceiro ano, é. aí eu recebi um grupo e
202		tinha um garoto que se destacava muito. ele era isolado, não falava... e eu
203		dava aula, tinha.. enfim... a.. a pessoa que também, né↓, quando você faz
204		uma parceria com a orientadora educacional, a psicóloga, é muito bom, a
205		psicopedagoga, né↓ e ela ia muito pouco à escola., então, e o menino passava
206		e passava despercebido, eu não conhecia a história do menino, eu recebi esse
207		menino só no terceiro ano, mas sentia que ele estava estranho, e cheguei a
208		comunicar a ela e falei, “atende esse menino, eu não tô podendo, que esse
209		menino não tá legal”.. tem algum...algumas coisas que te apontam, né↓, o que
210		eu te falei, o acadêmico, na hora do recreio se isola, não quer sair de sala, ele
211		vai apontando pra você, “eu estou diferente, não tô normal”, né↓, e na semana
212		seguinte esse garoto se suicida. ele se suicida, se joga, jantando com o pai.
213		ele... o pai é uma figura..., vamos dizer, tive alguns encontros com ele por
214		causa do outro filho mais velho. ele era um..., eles não tinham mãe. eu acho
215		que eles estavam separados, o pai cuidava, mas o pai só queria.. enfim,
216		largava os filhos completamente, só cobrando, que o filho tinha que ser um
217		belo administrador, tinha que ser um economista, tinha que ganhar mui::to
218		dinhei::ro, porque a vida é em cima de dinheiro, e eu chegar a ter umas
219		discussões com ele, umas discussões no sentido de.. de ponto de vista, porque
220		o filho mais velho, não esse que se suicidou, queria fazer filosofia.
221	bel	hum, hum
222	leo	o oposto completamente ao pai. o pai só vivia de terno e gravata, último tipo,
223		né↓ bem vestido e o garoto andava .. com o cabelo desgrenhado e ele não,
224		num...=
225	bel	aceitava
226	leo	=num suporta::va ver o filho dessa forma. mas esse mais velho pelo menos
227		ele respondia ao pai de uma maneira ou outra... que aquela conduta do pai
228		lhe desagradava, pela escolha profissional que ele fez=
229	bel	se situava
230	leo	=pela forma de se vestir, e o outro era muito introvertido, depois eu soube
231		maiores detalhes, né? mas esse, esse mais velho ainda fui coordenador dele

232		no primeiro e no segundo, então eu conhecia, mais ou menos, a história da
233		vida dele. e esse que infelizmente aconteceu isso, eu conheci só no terceiro, e
234		foi assim questão de primeiro bimestre, não deu nem pra conhecer ele ao
235		longo do ano. aí, ele no jantar com os pais, com os pais não, com o pai e o
236		irmão. numa discussão, ele falou “vou me jogar”, o pai disse “ah, vai logo”,
237		aí ele se joga pela janela, não sei que andar, realmente morreu, e no dia
238		seguinte eu tava no enterro do menino.
239	bel	e o pai depois disso?
240	leo	o pai depois, eu tive com esse pai, nesse mesmo ano,num... numa... noite de
241		autógrafo, na noite de autógrafo, ele tava lá, com uma mulher... muito bonita,
242		tomando um café, na livraria, depois ele se envolveu num escândalo desses
243		daí de...
244	bel	financeiro?
245	leo	financeiros, foi reportagem de veja e tudo, mas já tinha acontecido isso. e eu
246		creio que depois disso tudo , acho que o pai num... >viveu a vida<,
247		entendeu?
248	bel	ele nunca se envolveu?
249	leo	é porque nunca mais eu vi o pai. aconteceu isso com esse menino e perdi o
250		contato, porque não tinha mais filho na escola. eu encontrei ele em dois
251		momentos e depois vi uma reportagem
252	bel	e quando você notava o comportamento desse aluno isolado, havia por parte
253		dos colegas alguma manifestação de preocupação com.?
254	leo	havia. eu perguntava “como é que é?”. “é ele tá estranho, mas ele nunca foi”,
255		é o tal negócio, né↓, “nunca [foi normal]
256	bel	[hum, hum]
257	leo	mas esse ano tá <u>mui</u> :to complic:do”. aí depois eu soube que tem uma... ele se
258		associou... ele... é aquele negócio, né↓, aí você cai assim e pensa “poderia ter
259		ajudado mais esse garoto”. aí eu soube que tem uma associação, não é:: ...
260		não é. emo não, é um tipo de um... um grupo que tem como ídolo, um cara
261		que também se suicidou, um artis::ta, né↓, e te::m... seguid:ores desse...
262		artista, não me lembro, não me pergunta agora que eu não sei. tanto que no
263		enterro do menino, eu fui ao enterro do menino, tinha lá os seguidores dessa...
264		dessa... que eles estavam no degrau... nos degraus da... lá do cemitério
265		tomando <u>cerveja</u> , cantando... tocando violão, como se fosse uma::... uma
266		saudação::
267	bel	uma celebração
268	leo	uma, uma celebração: ... do fato. e tinha como norma dessa:: ... o suicídio
269	bel	existe uma comunidade (inaudível)?
270	leo	é, uma comunidade que começou a partir de um artista... de um:: cantor
271		americano, aí depois eu soube...
272	bel	você soube recentemente de uma história de suicídio com uma menina este
273		ano (inaudível)?
274	leo	não. mui::to, hein?
275	bel	uma menina. estudou comigo na sétima série, hoje oitavo ano
276	leo	Hum
277	bel	essa menina tem uma história. assim... não tinha... ela foi acolhida pelos
278		avó::s., o pai foi morar fo::ra, a mãe faleceu quando ela era crian::ça...de
279		um acidente de carro... e... e... ela vinha.... eu acho que tendo depressões,
280		tomando remé::dios. nesse ano <u>comigo</u> , ela teve um problema, ficou de
281		recuperação, eu chamei... a gente se conhecia...porque ela...
282	leo	de pequena né?
283	bel	é, porque ela chegou a frequentar a minha casa quando era pequena, morava
284		perto, e era da turma do meu filho, e eu falei “você vai isso, a gente tem esses
285		trabalhos pra te ajudar, vai fazer, fazer bem feito... você vai passar..., você vai
286		conseguir”, mas só nessa época, no final que... ela tinha até um
287		comportamento, um pouco, parecia uma coisa meio debochada, mas era...
288		era... era uma coisa meio reativa mesmo, né?, de... e muito ligada a esse
289		garoto, que eu te falei, esse menino que... (inaudível)
290	leo	e que.. que.. que série estava?

291	bel		ela estava na sétima série e que hoje seria o oitavo ano, né?
292	leo		mas ela se...
293	bel		ela se... ela se suicidou este ano
294	leo		ela estava em que série?
295	bel		hoje ela teria que estar no terceiro ano...
296	leo		mas tá lá?
297	bel		não.
298	leo		saiu de lá
299	bel		já tinha saído. e ela:: aí um dia eu encontrei, passei por ela, ela tava com
300			esse menino. na rua, ela com uma roupa toda [pre::ta, com umas ...]
301	leo		[é, era isso mesmo também]
302	bel		[com umas tatuagens, cabelo...
303	leo		[esse menino que eu te falei, era isso mesmo, esse tipo de roupa.
304	bel		eu fiquei tão tris[::te]
305	leo		[é,]
306	bel		[essa sensação que você falou, assim]
307	leo		[esse tipo de roupa tudo preta, com bota]
308	bel		porque passou pela gente, né?
309	leo		passou é.
310	bel		a gente teve conta::to, então, a sensação é assim, pôxa, porque que que a
311			gente não pôde acudir? e não podemos, né↓
312	leo		é, não dá pra..pra atender. realmente, foi um caso que me marcou, que eu
313			talvez... pudesse, mas também não sei se conseguiria.
314	bel		agora, na escola...? você sempre trabalhou na escola particular?
315	leo		trabalhei em escola pública muito pouco.
316	bel		ah, tá.
317	leo		muito pouco, a minha vida toda foi escola particular.
318	bel		e na escola particular, esses casos, assim, vamos supor, negligência, ou um
319			caso muito grave desses, o conselho tutelar é.. é acionado?
320	leo		não é.
321	bel		porque os mecanismos são [outros?]
322	leo		[é?]
323	bel		quais são? chamar a família?
324	leo		chamar a família e até a escola particular com medo de escândalo. da
325			divulgação de alguma coisa a respeito do seu nome.
326	leo		ah, tem isso também
327	bel		preservar a imagem
328	leo		preservar. fala tudo mas não fala em justiça e polícia perto de um dono de
329			escola que...
330	bel		ah tá
331	leo		ele não vai permitir nunca. [nunca.]
332	bel		[agora,]recentemente eu soube... recentemente
333			não, no ano passado, a história de um garoto que tava no sétimo ano ou sexto
334			ano que denunciou o pai pra polícia por ... maus tratos.
335	leo		é mesmo?
336	bel		o garoto foi .. foi na delegacia.
337	leo		olha teve até um caso que eu já peguei, não era nem comigo, um outro
338			coordenador, mas eu vivi perto. teve um garoto, mas não era pouca maconha
339			não, dentro da escola, era mui::ta maconha, era um saço de maconha. e o
340			garoto já estava fazendo tráfico dentro da escola. aí, o... uma pessoa que
341			trabalha, assim, de limpeza viu no banheiro, percebeu, chamou e ele pegou e
342			levou pra direção e a direção tratou de... >que o garoto saísse da escola< (.)
343			sai da escola, sai da escola, sai da escola. vão ficar aqui... os pai::s com
344			a direção... porque aí fugiu até do poder do coordenador, né? olha, encontrei
345			isso, tá? e tá com a fama não concreta de tráfico. é porque [você tá]
346	bel		[é complicado],
347	leo		[quando você] tá com um cigarro de maconha você é usuário
348	bel		[complicado]

349	leo		agora quando tá com uma saco cheio de maconha...
350	bel		mas e o aluno foi chamado na escola pra conversar?
351	leo		foi, foi.. mas, quando foi, vamos dizer, quando foi entregue, eu vivi isso bem
352			de perto, não foi comigo não, mas eu vivi bem de perto isso. quando foi
353			comunicado à direção, a direção... quando agiu, já agiu num pacote
354			chamando o paie depois
355	bel		já com a decisão
356	leo		já com a decisão tomada, não teve conversa prévia com o menino não, e que,
357			na verdade, quando você está falando aí de conselho tutelar, era pra você
358			apresentar isso até pra... pra polícia
359	bel		lógico.
360	leo		entendeu? de tráfico, aí, mas, obviamente, passava[por]
361	bel		[e os] pais, você
362			lembra, quando comentaram da reação dos pais? os pais tinham
363			conhecimento?
364	leo		tinha, mas o pai também <u>totalmente</u> desestruturado, pai usuário. pai usuário.
365			só queria saber o seguinte “qual a melhor escola para eu levá-lo? que que
366			vocês aconselham de uma esco::la que não vai me dar muito trabalho, o que
367			que eu vou fazer?” , pediu o conselho à escola para onde podia levá-lo e o
368			garoto estava na época na sétima série e hoje seria...? oitava série. oitavo ano
369	bel		meu deu::s! na sétima série?
370	leo		sétima série, sétima série
371	bel		13 anos?
372	leo		é isso mesmo,treze, quatorze anos hoje seria oitavo ano, me lembro muito
373			bem dessa... dessa, dessa figura. o colégio em si quando tem uma situação
374			dessa, ele, a escola particular, ela, de todas as formas, tenta resolver ali para
375			não ter muito eco... e resolver. e você teve caso de aluno que agrediu o
376			funcionário... né,bateu no funcionário, ou então xingou o funcionário.
377			entendeu?
378	bel		aí quando chama os pais, no caso como esse que aconteceu?
379	leo		dão uma suspensão, dão uma bronca.
380	bel		e o pai fala o quê? nessa entrevista com os pais, o que eles contam?
381	leo		normalmente, ele acha que o menino tava com a razão.
382			porque..o...o....aconteceram uns três casos nessa situação. o menino conta a
383			versão dele e o pai acredita. que falou que o inspetor é isso, normalmente é
384			uma pessoa mais de.... não é um profissional mais graduado. é menos
385			graduado, vamos chamar dessa forma. é um inspetor, é um porteiro, é um
386			auxiliar e nesse caso o funcionário é sempre demitido, sempre demitido(.)
387			nos três casos que eu vivi o funcionário foi demitido e o menino foi suspenso.
388	bel		[e não...?]
389	leo		[porque o] pai alegava também que o menino tinha sofrido.. e aí o colégio
390			sofre pressão da família. porque o...o... ele acredita no filho, até pra...até pra
391			fazer alguma ... alguma....
392	bel		defesa
393	leo		alguma defesa né?, e ameaça a escola se a escola não demitir ou não
394			acontecer alguma coisa com o funcionário ele vai à delegaci::a eh:::
395			condenando a...o ato da agressão. teve um caso que...
396	bel		mas, pera aí, não foi o filho que bateu na? aí ele alega [que]
397	leo		[alega] que foi a
398			defesa, que ele foi ofendi::do, ou que também ele seguro::u, o garoto sempre
399			coloca como ele reagindo,. ele não conta que ele <u>provocou</u> pra o adulto tentar
400			botar <u>limite</u> nele, né? e todos os funcionários que eu tive, a primeira coisa que
401			eu falo é “não ponha a mão em aluno, <u>não põe</u> , não põe”
402	bel		essa coisa cultural nossa, né?
403	leo		“não põe a mão em aluno sob forma alguma e não fique de bracinho ou dê
404			beijinho porque qualquer desconfiança é você que vai ser prejudicado nessa
405			situação”(.) e teve um caso de um aluno que o inspetor, tentando barrar, né?
406			ele deu um tapa no braço do inspetor ... e saiu, foi para casa, falou da
407			situação. o pai tava indo pra delegacia, quando o colégio soube que o pai tava

408			indo pra delegacia, conseguiu interceptar , falar com o pai e o pai foi no
409			colégio.... aí, foi, foi, foi... o aluno foi suspenso dois dias e o funcionário foi
410			demitido.... foi demitido (.) nesse ponto aí a escola particular ela é... é.. ela
411			pune o funcionário, isso aí é...
412	bel		agora, nesses casos, assim, dessas histórias de... de sofrimento desses alunos,
413			que você percebe, você nota..., existe uma relação de.. de comportamentos ou
414			eles são variados? quer dizer, aluno às vezes... você pode fazer associações?
415			por exemplo, eu fiz uma entrevista que eu achei interessante, para esta
416			mesma... este mesmo trabalho, essa professora trabalhava em escola de zona
417			rural. ela disse que lá as crianças tinham <u>marcas</u> de corpo, de agressão, e que
418			são geralmente mais tímidas. <u>já</u> ... numa <u>favela</u> , ela... disse que as coisas são
419			mais de surra e que eles são mais agressivos, são mais agitados, né?. então,
420			são... eh..., <u>formas</u> de violência diferentes ou tratos diferentes dessa
421			violência, não sei, e.. e ela alega que ela achava que a coisa <u>física</u> , marcada
422			fisicamente podia ter a ver com a proximidade... com a distância do conselho
423			tutelar, da <u>lei</u> . ao passo que <u>aqui</u> o pai <u>bate</u> , espanca filho, maltrata de outras
424			formas, mas essas marcas não ficam tão aparentes porque ele já sabe que tem
425			o conselho tutelar e que ele pode estar envolvido. mas ela fez essas
426			associações de comportamento com gravidade ou graus diferentes de
427			violência. você percebe? por exemplo, o garoto muito quieto, o garoto mais
428			agitado, existe uma correlação que possa ser... generalizada ou isso varia
429			muito?
430	leo		varia (.) varia, sim, bel. eu acho que... eh, o grande problema, veja só, quando
431			você trabalha.. é diferente até:... na mesma classe média, mas se você
432			trabalha com a classe média, vamos dizer, alta, alta, com poder aquisitivo alto
433			mesmo, eu sempre acho que as coisas <u>primeiro</u> na sociedade acontecem lá e
434			que depois vêm para as castas mais abaixo, você vê...
435	bel		são os modelos, né?
436	leo		são os modelos. vamos dizer, o modelo até da maneira de se vestir, até a
437			maneira de como você educa teu filho, entendeu? passa a ser como
438			referência, ou positiva ou negativa, não importa... depois vai chegando... até
439			o gosto musical, o gosto, vai chegando nas categorias mais... mais abaixo,
440			né↓ não sei se eu estou sabendo...?
441	bel		eu tô entendendo, tô entendendo...
442	leo		então, por exemplo, quando começou.. eh, vamos dizer... essa questão que
443			está muito... que acontece, a questão sexual, a liberdade que as famílias
444			deixam os seus filhos... hoje tem uma liberdade sexual que antigamente não
445			tinha tanto, era muito mais reprimido isso, e cada vez ta chegando mais cedo
446			pra esses garotos, por exemplo, hoje tem meninos que têm vida sexual ativa
447			aos treze anos, quatorze anos, quinze anos e com a permissão das famílias. e
448			esse modelo, da permissividade que acontece... hoje está chegando mais
449			próximo ao.. a essa... vamos dizer, ao andar de baixo, não sei se eu tô, se tô...
450	bel		tô entendendo sim
451	leo		ta mesmo?
452	bel		é uma referência, né?
453	leo		é a referência.
454	bel		você tem isso também promovido na mídia, você tem as nove::las
455	leo		realmente quando você trabalha com esses ... e normalmente acontece nas
456			[classes altas]
457	bel		[é como se a] classe alta carimbasse: isso é bacana.
458	leo		é isso aí, é isso aí. vamos dizer, eh.. eh, festas que a gente percebe, né↓ que
459			tinha, né? mas já <u>chegou</u> já há tempo, mas começou nessa <u>classe</u> , vamos
460			chamar assim, se você estava vestindo de uma certa coisa, você quer beijar,
461			[se você] tá
462	bel		[ah, é?]
463	leo		aí, hoje, tudo quanto é lugar tem. até a questão do homossexualismo...essa ...
464			a permissão...começou... e você encontra hoje
465	bel		você acha que o canal de abertura [foi] a classe alta, né↓ quer dizer
466	leo		[foi]

467	bel	no momento que a classe [alta]
468	leo	[mais] não tenha dúvida.
469	bel	ela <u>absorve</u> [um]
470	leo	[ela...]
471	bel	um determinado tipo de comportamento, ele passa a ser aceito.
472		um determinado tipo de comportamento, ele passa a ser aceito.
473	leo	<u>isso</u> passa a ser aceito
474	bel	não é uma questão <u>apenas</u> de uma... você acha que isso tem a ver com o
475		movimento dessas classes
476	leo	mas não tenha dúvida.
477	bel	carimbar [esses]
478	leo	[carimbar]
479	bel	autorizar
480	leo	autorizar, tá autorizado a fazer isso. aí o que acontece? nem todos conseguem
481		viver isso
482	bel	hum...
483	leo	até o jovem, né↓ algumas, algumas famílias <u>podem</u> trabalhar isso bem com
484		os seus filhos, e não tem problema, mas outros não conseguem, aí... pira, né
485	bel	(.) você ainda tem que alguns têm responder a certos [padrões e]
486	leo	[exatamente]
487	bel	não conseguem, né?
488	leo	aí você vai, uso de drogas, de bebida, eh...“como eu vou me dar nessa
489		situação”, porque como eles têm um modelo, então “eu tenho que seguir,
490		né↓” e isso passa a ser um sofrimento também,
491	bel	o que você acha que acontece mai::s normalmente em relação a esses
492		sofrimentos? quais são as maiores CAUSAS hoje que você percebe <u>dentro</u> da
493		escola? vamos supor, você vê uma <u>sala</u> de aula, com trinta vai ter sempre uma
494		ou outra pessoa que você percebe ta::... que ta::... não está conseguindo,
495		como você disse, <u>não</u> está conseguindo ter essa produ::ção escolar, não ta
496		conseguindo ter essa sociabili::de, <u>não</u> tá conseguindo se entrosa::r no
497		grupo, normalmente, se você fosse traçar um gráfico, a primeira dificuldade
498		seria o quê? envolvimento com dro::ga, eh,
499	leo	[não, drogas não]
500		[questões sexuai::s] ou questões de
501	bel	relacionamento [com pai e mãe?
502	leo	[relacionamento , relacionamento]
503	bel	o que você acha que é mais prepon]derante?
504	leo	tem relacionamento e tem uma outra coisa também, eh... eh...a discriminação
505		hoje até do próprio grupo em relação a alguma::s... eu acho que tá muito
506		forte <u>hoje</u> , não sei se eu... deixe-me concatenar aqui, a questão:: que eu
507		percebo, a questão:: <u>visual</u> . é uma questão que está me chamando muito a
508		atenção. eu acho que está mais <u>forte</u> a questão de determinados modelos e
509		padrão.
510	bel	aparê::ncia, né?
511	leo	as aparências, né↓. eu acho que é um dos grandes motivos de sofrimentos
512		desses jovens. “se eu não tenho o biotipo... de... de modelo, eu tou FO::RA”.
513		aí eu vejo jovens querendo... fazer cirurgia plás::tica, malhan::do, eu tô vendo
514		jovens sofren::do. então aqueles que têm o biotipo, quer dizer, não são
515		bonitos, eh:::, não tem o corpo... <u>É</u> um sofrimen::to. tanto meninas quanto
516		meninos.
517	bel	você algum caso de distúrbios alimentares?
518	leo	já tive
519	bel	de bulemia, anorexia? tem alguma história para você contar?
520	leo	tem, tem, tem sim. era uma menina. era realmente aquele negócio de o que
521		consumia botava pra fora e começou, aquele negócio, de ela querer ser
522		magra, e ela já era uma pessoa magra, mas ela querendo ser mais magra, mais
523		magra e entrou na doença mesmo, né↓... e é difícil voltar, né↓ eu já tive mais
524		com menina do que com menino.
525	bel	como é que foi detectado isso?

526	leo	ah, era visível, vamos dizer, aquele negócio de fraqueza, <u>volta</u> o rendimento
527		escolar, <u>tinha</u> um rendimento escolar e começa a cair, né↓ =
528	bel	=e vocês chamaram a família?
529	leo	chamamos a <u>família</u> =
530	bel	=e a família, qual foi a reação?
531	leo	e ela trouxe. às vezes a família também segura muito também. a família
532		também não ajuda, né↓ ela <u>precisa</u> ser chamada pra falar. ela não anteci::pa o
533		problema. ou então muitas famílias não querem ver... né↓ aí, quando tem um
534		conflito do pai e da mãe “não te falei que tava assim” você percebia
535		nitidamente que tinha um conflito entre <u>eles</u> , até que um tava bem claro o que
536		o filho ou a filha estava passando e o outro <u>nega</u> completamente. aí o colégio
537		tem que entrar como intermediador desse... desse problema.
538	bel	e tem sucesso [essa intermediação?]
539	leo	[tem... tem...] em alguns casos eu já tive, sim. até de
540		uma situação de (inaudível) assim “eu <u>preciso</u> de uma avaliação:: de um
541		profissional a respeito do comportamento... da situação psicológica do seu
542		filho. “eu <u>preciso</u> , eu <u>QUERO</u> isso aqui dentro”. porque você pode
543		trabalhar com a situação e ser até... <u>doente</u> , psicopata. que você pode ter uma
544		reação:: , que eu já tive de aluno de pegar a cadeira e tentar tacar no outro. de
545		ele não <u>suportar</u> , ele não suportava, vamos dizer, a figura, era uma figura
546		<u>completamente</u> fora dos padrões dos garotos e era mui::to, como eles
547		chamam, encarnado, zoado. ele guardava, guardava, quando ele estourava ele
548		pegava a cadeira e tacava nos outros. ele não se <u>dava</u> conta=
549	bel	=mas aí conversando com a família, o que você percebe ali nessa hora?
550	leo	inicialmente, ele coloca a culpa em todo mundo. o colégio é culpado, os
551		alunos são culpados, entendeu? e... e nesse ponto, bel, eu sou muito franco, aí
552		nesse ponto eu acho que a coordenação tem que (inaudível) “olha, o seu filho
553		é pa... tem essa situação, ele foge dos padrões” eu sei que às vezes é... “mas
554		ele precisa lidar com isso, e ele não está <u>suportan</u> ::do isso dentro dele”.
555	bel	você acha que qual é o reflexo quando você chama, até pensando em um caso
556		que você possa se lembrar, você chama a família e diz o seu filho está
557		apresentando dificuldades tais e nós estamos percebendo que há alguma coisa
558		errada, qual é a reação, de modo geral, dos pais?
559	leo	olha, quando você vai para uma reunião com uma família e já vai com alguns
560		indicadores... normalmente a família aceita. ela pode <u>até</u> ... não ter o
561		desdobramento, vamos dizer, é muito difícil para uma família levar para um
562		profissional, principalmente, pra um terapeuta. resiste um pouco. resiste, né↓
563		mas quando você, quando você chama a família você não fala “ele está com
564		problema de rendimento”, você vai calçado. eu entro em sala, percebo, tento
565		me cercar de informações de professor, na hora do recreio, eu saio e vou no
566		recreio pra observar esse garoto ou essa garota, eu converso com um,
567		converso com outro, vejo, falo, chamo uns três professores que são aqueles
568		que observam mai::s. procuro saber a vida, mais ou menos, dele se é um
569		aluno que chega novo pra mim. aí, quando eu chamo a família, eu não trato
570		só de uma situação não. “olha, tô percebendo isso, isso, isso, isso”. aí a
571		família, quando vê que você sabe, conhece o seu filho, ela se rende,
572		entendeu? quando é uma questão só de nota que você vê que é malandragem
573		pura, ele joga a bola e... ai você trata muitas vezes só com o garoto, não
574		precisa chamar a família, né↓ mas quando você vê que tem algo a mais, do
575		que um simples não estudar, você já tem que chamar a família já calçado,
576		com o que você tem.
577	bel	os professores são os primeiros detectores?
578	leo	eh, tem uns que são <u>muito</u> bons pra isso. tem uns que passam completamente
579		desapercebidos, né↓ (risos). dá aula, e se botar um boneco ali ele não
580		percebe, mas tem outros... tanto professor quanto professora, não é questão
581		ali de... de...de... eh, porque você pode ter a professora mai::s....
582		observadora, é mulher, não, tem professores que têm uma observação, aí eu
583		chamo e digo vai ali, observa, ai eu já chamo outro, percebe mais, olha. tem
584		alguns mecanismos que ele não vai te dar, mas alguns funcionários chatos
585		que você tem que ter na tua equipe, um inspetor ou um auxiliar teu que

586			chegam às vezes mais junto do garoto, que às vezes diz pra um auxiliar o que
587			ele não diz para um outro adulto, não é isso? aí, o auxiliar chega “ó, ele me
588			falou isso, isso...”
589	bel		you tem algum caso de um aluno chegar pra you e dizer “olha fulano está
590			passando por isso.”
591	leo		não muito, mas já.